

**Ser e estar – habitar o espaço.**

Bairro do Barruncho: espaços habitáveis, o bairro e a casa como espaços de apropriação e expressão do indivíduo.



**Ana de Araújo e Amaral** (Licenciada)

Dissertação/Projecto para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

**Orientador Científico:** Prof. Dr. Pedro Rodrigues, Arq.

**Júri:**

Presidente: Professor Doutor Francisco José de Almeida dos Santos Agostinho

Vogal: Professora Doutora Ana Marta das Neves S. Feliciano

Orientador: Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues

Lisboa, FAUL, Julho, 2014









*Para a minha mãe, Teresa.*



## **Agradecimentos**

Ao meu orientador, Professor Pedro Rodrigues, por ter acompanhado a realização desta última etapa, pela persistência e pela compreensão. Ao Professor Tim Kammash, por todas as palavras e por ter acreditado em mim. A todos os docentes que passaram pelo meu percurso académico, por assim contribuírem para formar o meu caminho até hoje.

A toda a minha família, por me apoiar sempre em todos os projectos e desafios que aceito na pluralidade que é a vida e por me ensinarem o que é a união. Em especial à minha mãe pelo amor, amizade e apoio incondicionais.

A todos meus amigos que percorreram este caminho ao meu lado, por me ajudarem a construir-me a cada passo. Em especial à Almeidainha, à Caneira, à Castro, à Lagos, à Rosinha e à Sara que principalmente, para além de todos os comentários e aprendizagens partilhados, me ensinam, diariamente, o valor da amizade. Ainda, ao Damian, ao Fred, ao Lalit e à Petra pela presença única.

Ao tio Mário Jorge, por cuidar de mim. Pela ajuda preciosa e também a calma que me trouxe no momento certo.

Por último, agradeço a todos aqueles que, não tendo referido, me dão força e me ensinam que o caminho se faz junto.



## RESUMO

Ser e estar – habitar o espaço. *Bairro do Barruncho*: espaços habitáveis, o bairro e a casa como espaços de apropriação e expressão do indivíduo.

**Faculdade de  
Arquitetura da  
Universidade de Lisboa**

Ana de Araújo e Amaral

**Orientador Científico:**  
Prof. Dr. Pedro  
Rodrigues, Arquitecto

Junho | 2014

Habitar o Barruncho revela-se um desafio no dia-a-dia das pessoas que residem neste bairro nas franjas da cidade de Lisboa, no concelho de Odivelas. A actual situação do bairro apresenta desarticulações na maioria das relações que estabelece e leva à urgência de encontrar soluções de reabilitação. A presente investigação integra o acompanhamento teórico do exercício de projecto desenvolvido no bairro, questionando a sustentabilidade do ser na arquitectura.

Começamos por procurar respostas e suscitar questões relativas a uma dimensão ontológica e antropológica da arquitectura. Num segundo instante, apresentamos uma leitura e enquadramento do Bairro do Barruncho que nos define a base de trabalho para o exercício de projecto. Finalmente, num terceiro momento, materializam-se em projecto as questões ontológicas abordadas. Articulam-se respostas em torno do tema da habitação, tendo como centrais as questões dos espaços de apropriação, expressão e integração do indivíduo na casa e no bairro.

Palavras-chave: Espaço; Apropriação; Expressão; Vivência; Ser – Estar; Habitar

## ABSTRACT

To be – inhabiting space. *Bairro do Barruncho*: inhabitable spaces, neighborhood and house as spaces of appropriation and expression of man.

**Architecture Faculty  
University of Lisbon**

Ana de Araújo e Amaral

**Scientific Supervisor:**  
Prof. Pedro Rodrigues,  
Architect

June | 2014

To just dwell *Barruncho* challenges daily the life of those who inhabit this neighborhood in the fringes of the capital city – Lisbon –, in Odivelas. Currently, the neighborhood presents fractured relationships to almost everything it relates to, and that screams the need to find restructuring solutions. This theoretical research follows the practical exercise of the project designed for *Barruncho*, questioning the sustainability of being in architecture.

We start by searching for answers but also raising questions in the ontological and anthropological dimensions of architecture. Secondly, we present a reading and framework of *Bairro do Barruncho* that sets our groundwork for the project design. Lastly, in a third moment, we reify in that project the raised questions. The answers come up mainly around the dwelling matter having as most important the questions of space appropriation, expression and the person's fitting at the house and neighborhood.

Key-words: Space; Appropriation; Expression; Living; To be; To Inhabit



# ÍNDICE GERAL

<b>Introdução</b>	11
Objectivos e estrutura da investigação	11
Oportunidade e pertinência da investigação	12
<b>I. Estado do conhecimento: conhecer</b>	15
1.1 O sentido da interdisciplinaridade da arquitectura	15
1.2 Enquadramento: viver numa sociedade exigente	19
1.2.1 Partilhar e comunicar em sociedade: a arquitectura como sistema de comunicação	21
1.2.2 Soluções simbólicas na moldura actual	24
1.3 O contexto humano: cultura	29
1.3.1 Soluções físicas de um mundo simbólico – Factores de valorização	31
1.3.2 Arquitectura: construção de um mundo significante	35
1.3.3 Arquitectura e homem: estímulos e comportamentos	39
1.4 Ser no espaço	45
1.4.1 Projectar o espaço	49
1.4.2 Habitar o espaço	53
1.5 Encontrar valores simbólicos e factores ontológicos nas variáveis arquitectónicas	59
<b>II. Bairro do Barruncho: ler o lugar</b>	65
2.1 A construção de um lugar	66
2.2 Limites e objectivos	69
2.3 Um bairro a retalhos	74
2.4 Habitação informal	78
2.5 Ser e Estar – Habitar no Bairro do Barruncho	83
<b>III. Bairro do Barruncho: praticar o desenho de espaços habitáveis</b>	85
3.1 Dar forma o bairro	87
3.2 A intimidade dos espaços	90
3.2.1 Percorrer o Bairro – devaneio em movimento	91
3.2.1 Zonas de encontro – devaneio colectivo	93
3.2.1 O abrigo da casa – devaneio pessoal	94
<b>Considerações Finais</b>	99
<b>Índice de Imagens</b>	101
<b>Bibliografia</b>	103
<b>Anexo I – Processo de Trabalho</b>	109
<b>Anexo II – Peças Gráficas</b>	129





## INTRODUÇÃO

Habitar o espaço, esta meta final da arquitectura, compreende um universo inacabável mas simples ao mesmo tempo. Neste universo encontramos o Ser e o Estar, dimensões do homem que se revelam na arquitectura em modos de apropriação do espaço que são, finalmente, a expressão do próprio ser, do próprio homem. É com esta abordagem que acordamos para uma outra perspectiva e encontramos o objectivo desta investigação – apresentar e discutir ideias sobre pensar, praticar e viver arquitectura.

Assim podemos pôr, desde já, as questões – *Qual a importância do ser no desenho da arquitectura? Como se abordam as dimensões ontológicas do homem no projecto? Qual a importância dos modos de estar e da identidade do indivíduo? Como é que a arquitectura é ou deve ser afectada pela cultura e pela sua importância para modos de apropriação do indivíduo e para a expressão do ser? Como manifestar estas dimensões humanas no acto projectual? Como desenvolver uma metodologia do fenómeno arquitectónico que considere estas dimensões?* São sobre tudo estas questões que exprimem a intenção da presente investigação e elucidam sobre a matéria da sua procura.

O tema de reflexão desta dissertação final de vem no desenvolvimento do projecto – “Bairro do Barruncho: espaços habitáveis, o bairro e casa como espaços de apropriação, expressão e integração do indivíduo.” O projecto e o lugar – Bairro do Barruncho – surgem como objecto de estudo, como oportunidade de pensar em projecto de arquitectura e de desenho urbano integrador. O Bairro, inserido no contexto da periferia de Odivelas, é actualmente ocupado por habitações de génese ilegal e população imigrante e apresenta diversas condições e questões consideradas problemáticas que se abordam em projecto num programa habitacional.

### Objectivos e estrutura da investigação

O texto encontra-se dividido em três partes. A primeira, “Estado do conhecimento: Conhecer”, consiste numa procura de respostas às questões teóricas suscitadas e a outras que, surgindo no decorrer da investigação, incidem sobre os mesmos assuntos. A segunda, “Bairro do Barruncho: ler o lugar”, compreende uma análise urbana e a sugestão de uma leitura do Bairro – o objecto de estudo prático da investigação. A terceira, “Bairro do Barruncho: praticar o desenho de espaços habitáveis”, desenvolve, na prática do desenho, o desafio de projecto apresentado – acreditando que é possível materializar a sustentabilidade do ser e do encontro de culturas e modos de estar no Bairro do Barruncho.

Na abordagem deste tema levantam-se, mais do que respostas, diversas questões. A procura de respostas para todas as questões que vão surgindo, tanto no plano teórico quanto no que diz

respeito ao projecto, desenvolve-se na tentativa de expor como se forma o sistema destas relações entre a arquitectura e homem, entre arquitectura e ser.

### **Oportunidade e Pertinência da Investigação**

Não é novidade que a arquitectura seja também um modo de encontrar soluções ou exercícios para a sociedade e os dilemas sociais. O trabalho vem acrescentar temas e ideias discutíveis que pretendem isso mesmo: acrescentar matéria discutível e salientar a importância de alguns temas nessa discussão da sociedade.

Esta perspectiva humana e cultural da arquitectura nasce do projecto desenvolvido. O projecto final de mestrado tem como objecto de estudo um bairro em que habitam imigrantes, aqueles que se vão apropriar do espaço criado são não somente homens diferentes do arquitecto – aquele que o projectou – mas também de uma cultura diferente. Também numa altura em que a intervenção em países estrangeiros, nomeadamente nos países chamados “países do terceiro mundo” (ou seja em países cuja cultura é estranha ao próprio arquitecto) tem cada vez maior dimensão e alcance parece-me da maior pertinência abordar o espaço do ponto de vista do homem, do outro e da cultura. Importa estarmos atentos à conveniência de não nos restringirmos às necessidades físicas, primárias, chamadas necessidades básicas, antes entendermos que a actuação em tais contextos implica uma maior compreensão do ser, da dimensão ontológica do homem, da cultura, do contexto, do modo de percepção local e da arquitectura.

No que diz respeito à pertinência social da prática, do projecto apresentado, o propósito é apresentar soluções que melhorem a vivência do bairro do Barruncho e a de toda a Freguesia (Póvoa de Santo Adrião) bem como do Concelho (Odivelas). O propósito é também a integração social do bairro neste contexto, requalificando os espaços. Além disso, trata-se também de ir ao encontro da identidade e dos modos de ser e estar daqueles que o habitam ou irão habitar o bairro, com o objectivo de caminhar para uma sociedade em maior sintonia. Neste sentido, sublinha-se a importância do estudo da cultura no trabalho de interligação de etnias e culturas dentro do próprio bairro do Barruncho e também entre bairros, no contexto territorial dado. O tema central será a criação de espaços – *do bairro e da casa* – que se coadunem com os modos de vida do habitante (do Barruncho), permitindo a sua expressão do *ser* e a expressão do indivíduo no contexto da *sua cultura*. Estas preocupações assumem importância primária no projecto.

Parece-nos que a discussão aqui proposta também tem utilidade prática no âmbito da arquitectura, porque vem sublinhar a importância que as diferentes maneiras de apropriação dos espaços por parte de cada um (maneiras essas que assentam justamente na sua cultura e contexto

educativo, no grande crescimento e formação do próprio ser) têm na criação de espaços. Ora, isso significa a importância dos aspectos em causa para a própria arquitectura – para o próprio projecto. Trata-se de estabelecer uma relação entre estas dimensões e a sustentabilidade da casa e do projecto – de procurar a *sustentabilidade do ser*. Ao mesmo tempo, também se trata de salientar o papel do arquitecto e da arquitectura e a função que desempenham a) nas relações entre indivíduos, b) na relação entre indivíduo e espaço e c) na própria identidade do indivíduo e na expressão do ser. Finalmente também se trata de salientar a função do arquitecto e da arquitectura no encadeamento dessas relações. À luz destas ideias, o trabalho vem ainda esboçar grosseiramente uma metodologia projectual que leva em conta as preocupações postas em destaque.



## **I. Estado do conhecimento: conhecer**

### **1.1 O sentido da interdisciplinaridade da arquitectura**

É importante, antes de mais, estabelecer ou recordar que o homem é um animal racional, social, que nasce, invariavelmente, num contexto onde estabelece relações. Cada homem é diferente do outro na forma como estabelece essas relações e, finalmente, na forma como se desenvolve a ele mesmo – como está e como é. A cultura é algo que aqui se considera intrínseco – ou indissociável, depois de o homem a ter aprendido, ou melhor, apreendido. Acresce que o homem tem uma dimensão simbólica. E todas estas suas dimensões são factores participantes no modo como ele se apropria dos espaços.

Uma das coisas que definem a arquitectura é a sua natureza humana. Queremos com isto dizer que ela é desenhada e projectada por homens, dirigida aos homens e apropriada por estes também. Então, para que exista uma relação entre homem e arquitectura, ou para que ela resulte, é necessário os dois termos desta relação se entendam um ao outro.

A vida e a arquitectura definem-se como um sistema de relações. Na vida relacionamo-nos connosco próprios, com os demais homens, com outras entidades que nos ultrapassam, com o que nos rodeia, com as situações e acontecimentos. Na arquitectura relaciona-se espaço e luz; interior e exterior; relacionam-se espaços entre si; existe a relação entre um edifício e aquilo que o rodeia, entre um volume e o outro; relacionam-se cheios e vazios, cor, matéria... entre muitos outros factores, relacionam-se homem e espaço, homem e objecto. Estes últimos aspectos podem ser traduzidos no significado que o homem atribui ao espaço e à arquitectura (e no significado que o homem lê em todas as outras relações atinentes à arquitectura acima mencionadas).

Passando para uma dimensão mais prática da teoria, a necessidade de estudarmos o homem e a cultura e, mais ainda, o outro homem, a outra cultura (o outro que é diferente de nós) deve-se a ser essencial sabermos suprir as necessidades do outro, daquele a quem se dirige o projecto, do residente da casa, do utilizador do museu, do transeunte da rua, do ser social que vive o desenho da arquitectura quando este se materializa na terceira dimensão. Ou seja, porque a arquitectura é feita para homem, ela deve colmatar as necessidades deste. Mas essas necessidades não são tão fáceis de definir como pode parecer.

No decorrer da presente investigação, há várias justificações para a importância do estudo do homem – do habitante – num momento prévio ao projecto de arquitectura; esta é mais uma delas: a definição de necessidades é diferente de cultura para cultura e, mais ainda, é diferente

de homem para homem. Por isso, para podermos colmatar essas necessidades, primeiro temos, evidentemente, de conhecer quais são. Para isso, temos de conhecer a cultura, de conhecer o homem, de conhecer o outro.

É necessário lembrar que estão aqui em causa vários tipos de necessidades – sendo o homem um animal de várias dimensões, pode falar-se de necessidades de várias naturezas: necessidades biológicas, físicas, mecânicas, psicológicas, do foro imaginário... E até a hierarquização do tipo de necessidade e da sua importância pode diferir. Isto é, para um, saciar o corpo de alimento, não ter fome pode ser mais importante do que estar confortável; mas pode acontecer que outro tenha a perspectiva contrária.

A forma como cada um determina quais são essas necessidades não é de todo igual. Isto é, aquilo a que chamamos necessidades básicas da vida – comer, beber, dormir, respirar, amar... – pode não coincidir com o que alguém que vive num contexto muito dissemelhante compreende como necessidades dessa ordem. Estas necessidades não são iguais para todos os homens. Aquilo que um indivíduo – por nascer, crescer, compreender, desenvolver-se, apreender símbolos e desenvolver sistemas de relações numa certa cultura e num certo contexto – considera importante, considera necessário, considera básico não é o mesmo que tem importância primária para um outro indivíduo, que haja estabelecido todos esses actos num outro contexto, de uma outra forma. Algo semelhante acontece com as relações que o indivíduo estabelece com as várias grandezas da arquitectura (volume, luz, matéria...). A hierarquização da importância de cada uma dessas relações difere entre indivíduos, porque a hierarquização das suas necessidades difere e o significado que cada indivíduo lhes atribui difere entre indivíduos porque as suas estruturas significantes diferem também. Assim, para se fazer arquitectura é necessário controlar o espaço apropriado; porém não apenas controlar a nossa apropriação do espaço mas a apropriação que aquele que o utilizará irá ter.

Para que essa apropriação se adequê, a arquitectura deve mergulhar na comunidade, ou seja, a arquitectura deve, ela própria, perceber a comunidade e o homem a quem se dirige. Deve perceber a cultura na qual mergulha. Ao construir, mais importante que a necessidade de certos equipamentos ou serviços é a necessidade de nos preocuparmos com as diferentes perspectivas e “filosofias de vida” de quem irá habitar o que se constrói. Pois, para que o arquitecto entenda a maneira como as pessoas apropriam o espaço, ele deve, em primeiro lugar, entender as pessoas.

O indivíduo encara a arquitectura como um espaço de representação. Ele representa-se a ele próprio no espaço – representa o ser humano, fisiológico que é, o ser racional, social, comunitário que é, representa *o ser* que é. Neste caminho, as questões que levantamos implicam cruzamentos interdisciplinares. A reflexão que tem de se fazer junta contributos de diversas

ciências sociais e liga a Arquitectura a outras disciplinas como a Antropologia, a Ontologia ou a Sociologia.

O espaço (a arquitectura e a prática do seu desenho) é o palco desses actos humanos de tantas dimensões e por isso deve permitir que o indivíduo reconheça nele o cenário para representar, ou para adaptar a sua representação ao espaço que o rodeia. É fundamental encontrar o balanço entre esta procura do espaço, do palco que permite a representação formatada e do palco que apreende e ajusta a si mesmo a representação.

A procura deste balanço é uma procura sobre questões apresentadas logo na introdução. A cada uma dessas questões (e também a cada uma das que foram posteriormente referidas), cada indivíduo dá respostas diferentes. Essas respostas diferem ainda mais se os indivíduos se inserem em contextos diferentes. Desta diferença de respostas entre indivíduos é que surge a necessidade de estudar a importância do homem, do ser, na arquitectura e na obra e trabalho do arquitecto e as várias etapas onde este está presente.





## **1.2 Enquadramento: viver numa sociedade exigente**

“... a cidade da modernidade faz-se de memórias do passado e de crenças optimistas no futuro.”<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> FORTUNA, C. in “*Cidade, Cultura e Globalização*”(2001), p.5

“...a *crise propriamente dita do habitar* não se encontra, primordialmente, na falta de habitações. A crise propriamente dita de habitação é, além disso, mais antiga do que as guerras mundiais e as destruições, mais antiga também do que o crescimento populacional na terra e a situação do trabalhador industrial. A crise propriamente dita do habitar consiste em que os mortais precisam sempre de novo buscar a essência do habitar, consiste em que os mortais *devem primeiro aprender a habitar*. ”<sup>2</sup>

Nesta época de ambivalência onde cresce a arquitectura e se cruzam ideias, culturas, projectos, é-se (a era, a sociedade, o cliente, os próprios arquitectos) cada vez mais exigente. Querem-se trabalhos mais rápidos, mais económicos, mais produtivos, mais eficientes, em menos tempo... O arquitecto tem encontrado diferentes formas, novas ideias para lidar com essas exigências, explora a cada vez maior possibilidade de uso de diferentes materiais, procura de estruturas maiores, cada vez mais inovadoras, o recurso a energias mais poderosas e alternativas e, principalmente, aquilo a que podemos chamar maior flexibilidade no pensamento.

“Where the system often seems to break down is in terms of user satisfaction (Michelson, 1966). Architects seem to have neither the time nor the ability to understand the pluralistic user groups for which they are designing. In consequence, they seem to prone to design environments that compromise the aspirations of these groups and, at worst, are intolerable for them.”<sup>3</sup>

É normal sentirmo-nos entre a espada e a parede quando o espaço quer reflectir as necessidades e preferências daquele que o vai habitar, viver, utilizar. E isto por duas razões. Por um lado porque a procura desta reflexão é já por si complexa – queremos ser cientistas sociais mas ao mesmo tempo não temos informação suficiente que deixe assumir conclusões não precipitadas ou generalistas. Por outro lado, essa procura anda sempre de mão dada com as restrições e pressões crescentes que hoje em dia caracterizam a profissão. (Hershberger, R. e Cass, R., 1992)

“(Architects) Often must turn to their own resources: intuition, casual observation, and limited interviews followed by simple tabulation results. Quite often this approach is satisfactory.

---

<sup>2</sup> HEIDEGGER, M. in “*Construir, Habitar, Pensar*” (1954). tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback, p.10

<sup>3</sup> “Onde o sistema parece quebrar-se frequentemente é na satisfação do utilizador (Michelson 1966). Os arquitectos parecem não ter o tempo nem a habilidade para perceber os grupos plurais de utilizadores para quem projectam. Consequentemente tendem, parece, para desenhar ambientes que comprometem as aspirações desses grupos e, pior, são intoleráveis para eles.” (T.L. da autora) HERSHBERGER, R. e CASS, R. – “*Predicting user responses to buildings*” in “*Environmental Asthetics*” (1992), p.196

Occasionally, it is not and results in the need for extensive redesign and drawing in order to satisfy client-user demands, or worse, the project is built and does not work.”<sup>4</sup>

A questão que pomos é a de encontrar uma metodologia ou apenas uma forma de olhar para a arquitectura, uma perspectiva, que lide com a ambivalência, as necessidades, a reflexividade, procure as aspirações dos grupos com que trabalha e tente não errar nesse sentido, ao mesmo tempo que se adapte a todas as pressões actuais da “falta” de tempo, orçamento e outras.

### **1.2.1 Partilhar e comunicar em sociedade: a arquitectura como sistema de comunicação**

Em *The Timeless Way*(1979), Christopher Alexander fala-nos sobre a partilha da linguagem e o papel desta numa sociedade viva e na relação pessoa-edifício-sociedade. O autor menciona a morte da linguagem nas fases da sociedade industrial, dizendo mesmo:

“But in our time the languages have broken down. Since they are no longer shared, the processes which keep them deep have broken down: and it is therefore virtually impossible for anybody, in our time, to make a building live.”<sup>5</sup>

O que torna uma sociedade – e, neste contexto, a relação entre a população e os edifícios – viva é a partilha de uma linguagem. Note-se que o autor refere que as linguagens e os processos estão mortos porque já não são partilhados. Hoje em dia, o homem não se acredita capaz de projectar e assim perde-se, na sociedade, a naturalidade intuitiva da cultura. As próprias pessoas distanciam-se, são separadas da linguagem e perspectiva que é utilizada para dar forma aos edifícios e perde-se, morre a sua adaptação. (Alexander, C., 1979) É necessária a partilha de linguagem, de intuições elementares, de padrões entre aquele que projecta e aquele que aspira habitar, para que então exista uma adaptação profunda entre pessoas e edifícios.

À luz destas ideias, nos seus estudos, Christopher Alexander admite ainda uma urgente necessidade de rever a nossa atitude perante a arquitectura, projecto e planeamento.

Na procura deste caminho que nos permita viver numa sociedade que partilha, as questões da intuição e conhecimento da própria cultura, dos próprios padrões e da intimidade própria são

---

<sup>4</sup> “(Os arquitectos) Viram-se frequentemente para os seus próprios recursos: intuição, observação fortuita, e entrevistas limitadas que resultam em tabelas simples. Frequentemente, esta abordagem é satisfatória. Por vezes, não é e resulta na necessidade de amplas alterações do traçado e do projecto para poder satisfazer as necessidades do cliente-utilizador, ou pior, o projecto é construído e não funciona.” (T.L. da autora) HERSHBERGER, R. e CASS, R. – “*Predicting user responses to buildings*” in “*Environmental Aesthetics*” (1992), p.196

<sup>5</sup> “Mas no nosso tempo as linguagens fraccionaram-se. Dado que já não são partilhadas, os processos que fazem que se mantenham profundas quebraram: e é por isso impossível para qualquer pessoa, no nosso tempo, construir um edifício vivo.” (T.L. da autora) ALEXANDER, C. in “*The Timeless Way of Building*” (1979), p.225

ainda mais difíceis de abordar numa época onde predomina a multiplicidade e ainda a ambivalência.

“Se a identidade é o lugar íntimo onde actua a ambivalência, os sistemas de comunicação manifestam-se, eles mesmos, como sistemas reflexivos, que, constroem e reconstroem a nossa cultura, reflectem sobre si próprios, falam consigo próprios, citam-se e modificam-se. Os sistemas de comunicação, embora criados por intelectuais entregues à constituição de novos modos de dar voz à reflexividade social, substituem-se-lhes enquanto porta-vozes dessa mesma reflexividade social.”<sup>6</sup>

Por analogia com o que Carlos Fortuna afirma, pode assumir-se a arquitectura como um dos sistemas de comunicação da sociedade actual. Trata-se de um sistema que constrói espaços e lugares de reflexividade – os quais “como sistemas reflexivos, constroem e reconstroem a nossa cultura”.

Neste espaço de ambivalência, a sociedade de hoje em dia, a humanidade, a globalização, deve levar-nos num caminho que traga “não a produção de homogeneidade mas sim a nossa familiarização com uma maior diversidade, com um leque cada vez mais amplo de culturas locais.”<sup>7</sup>. Neste âmbito, admitindo por analogia (como anteriormente referimos) a arquitectura como um sistema comunicativo da importância mencionada, há que seguir por um caminho, não de adopção e implementação de movimentos para criar uniformidade, mas antes de conhecimento profundo sobre o outro, fomentando a diversidade.

Podemos falar de arquitectura como uma “arma” homogeneizadora. Tomando consciência disso, devemos perguntar-nos: de que forma queremos utilizar essa arma? É uma arma que pode ser uniformizadora mas pode também estar do lado dos particularismos e de certas culturas tradicionais e identidades, do ser. Carlos Fortuna fala-nos em “intermediários-culturais” e no papel do arquitecto como um desses actores, “susceptíveis de se tornarem agentes da mudança cultural.”<sup>8</sup>

“Procurar-se-á, pois, mostrar que os sistemas de comunicação, habitados e animados pelos novos intermediários culturais, são o próprio lugar da reflexividade e da ambivalência. Os novos intermediários culturais constroem o seu próprio papel sobre os escombros de outros em

---

<sup>6</sup> FORTUNA, C. in *“Cidade, Cultura e Globalização”*(2001), p.111

<sup>7</sup> IDEM, p.84

<sup>8</sup> IDEM, p.84

declínio, como os do intelectual e do artista, conjugando, de um modo muito mais directo do que estes, a lógica da pesquisa criativa com a lógica do mercado.”<sup>9</sup>

“Existe, portanto, uma ligação íntima entre pesquisa pessoal e reflexiva da identidade e o processo de globalização”<sup>10</sup>. Assim, devemos ter sempre presente que “a reflexividade constitui um modo de estar do intelectual moderno”<sup>11</sup>. Em relação a esses actores, como os arquitectos, assumimos que não devem ser transmissores de uma opinião e postura única que leve à uniformidade, devem antes ser transmissores de oportunidade da reflexão pessoal e da continuação de uma construção de uma identidade própria. Por analogia, a profissão de arquitecto deve ter presente um papel de transformação não imposta.

“...diz-se que os novos intermediários culturais funcionam como “cadeia de transmissão” do gosto típico das classes superiores, do bom gosto...”<sup>12</sup>

Não concordamos com uma cadeia de transmissão se esta tiver como condição que o arquitecto admita conhecer a “melhor maneira de viver”. Só conseguiremos projectar para o outro quando o virmos como um irmão: não quando o queremos conduzir a algum lugar, a algum espaço, a uma “melhor maneira de viver”, mas quando levamos o espaço até ele e proporcionamos um encontro entre os dois.

Para conseguirmos proporcionar esse encontro, é necessário conhecer as duas partes: conhecer o espaço que construímos e conhecer aquele que o vai habitar.

“*The authorities* give us to understand that it is often doubtful whether the architects are qualified to solve the problems which society poses. And *the architects* themselves disagree on issues so fundamental that this discussion must be interpreted as an expression of groping uncertainty. The disagreement does not only concern the so-called “aesthetic” problems, but also the fundamental questions of how man should live and work in buildings and cities.”<sup>13</sup>

---

<sup>9</sup> IDEM, p.105

<sup>10</sup> IDEM, p.84

<sup>11</sup> IDEM, p.110

<sup>12</sup> IDEM, p.111

<sup>13</sup> “As autoridades dão-nos a entender que é muitas vezes duvidoso que os arquitectos estejam qualificados para resolver os problemas postos pela sociedade. E os próprios *arquitectos* discordam em questões tão fundamentais que a discussão terá de ser interpretada como uma expressão de incerteza de um andar às apalpadelas. A discordância não diz respeito apenas aos chamados problemas “estéticos”, mas também a questões fundamentais de como o homem deve viver e trabalhar em edifícios e cidades.” NOBERG-SCHULZ, C. in “*Intentions in Architecture*” (1992), p.13

### 1.2.2 Soluções simbólicas na moldura actual

“When architects and their client-users come from the same socioeconomic strata or share environmental and architectural beliefs, the architects’ intuition may serve them well. Architects may be able to predict how client-users will respond to the specific designs that they propose. But when architects and client-users have very little in common, the problem of prediction becomes acute. If architects attempt to empathize with such groups, they are likely to err. They are likely to attribute to such groups environmental values, needs, and interests that in fact they do not have.”<sup>14</sup>

No exercício de projecto, é sempre possível gerar uma resposta desadequada, vivências de incerteza e até desprazer. Quando se proporcionam espaços que dão lugar a estas vivências, quando, como muitas vezes acontece hoje em dia, não existe uma correspondência entre o modo de vida e o quadro arquitectónico (Norberg-Schulz, C., 1992), então o papel do arquitecto de dar palco a uma construção da própria identidade do indivíduo que o habita, falhou. Esta resposta desadequada é mais provável nas situações referidas, em que o arquitecto serve alguém de um meio e contexto que lhe é estranho e com o qual não partilha crenças e significados.

No contexto em que nos situamos (isto é, na discussão sobre os valores do espaço e as molduras desenhadas pela arquitectura e a sua adequação às pessoas e à sociedade), Schulz defende que este propósito da profissão tem falhado grandemente, dizendo “In any case he (man) surely does not find satisfaction in the so-called “modern architecture”<sup>15</sup>. Assim, tomamos clara consciência de que o papel da arquitectura não é o da satisfação do cliente mas sim o da criação de ambientes que o saibam acolher – ou seja com a clara consciência de que o papel do arquitecto não consiste em “obedecer” a gostos do cliente mas antes em entender os significados transmitidos aos mesmos pelos elementos que constituem um espaço (isto é, que definem a arquitectura).

---

<sup>14</sup> “Quando os arquitectos e os seus clientes-utilizadores provêm das mesmas classes socioeconómicas ou partilham crenças sobre o ambiente e a arquitectura, a intuição dos arquitectos pode bastar-lhes. Os arquitectos podem ser capazes de prever como os clientes-utilizadores irão responder aos projectos específicos propostos. Mas, quando os arquitectos e os os clientes-utilizadores têm muito pouco em comum, o problema da predição torna-se agudo. Se os arquitectos tentam criar empatia com tais grupos, há uma grande probabilidade de errarem. Há uma grande probabilidade de atribuírem a tais grupos valores ambientais, necessidades e interesses que eles, na verdade, não têm.” (T.L. da autora) HERSHBERGER, R. e CASS, R. – “Predicting user responses to buildings” in “Environmental Aesthetics” (1992), p.196

<sup>15</sup> “De qualquer das formas ele (o homem) não encontra, com certeza, satisfação na chamada “arquitectura moderna” (T.L. da autora) NOBERG-SCHULZ, C. in “Intentions in Architecture” (1992), p.14

“In any case we should take both (client and society) views seriously. Let us hope that modern architecture has *contributed* to solve essential human problems. The actual situation, however, makes us understand that the solutions are still rather defective, not least because of the omission of fundamental environmental and symbolical factors. We must realize that the main responsibility for this state of affairs is the architects’ own. Our highly complicated new world demands new professional methods, but while the engineer and the scientist have adapted their activities to the changes in the social structure, the architect has isolated himself and clung to obsolete ideas and methods. Often he still supports the romantic nineteenth-century idea that the artist should only express his autonomous personality. This point of view really makes art become luxury without direct contact with the purpose in society, and architecture, being both a practical tool and an art, becomes involved in a grave internal dissension. While the planning is governed by practical and economical considerations, the buildings are decorated afterwards to give them the status of “works of art”<sup>16</sup>.

Schulz refere-se a algo muito importante quando nos indica que, num cenário de soluções não adequadas, uma das razões desta inadequação é a omissão dos factores simbólicos na construção de um projecto. É necessário perguntarmos: “como projectar soluções adequadas, soluções espaciais apropriadas ao modo de vida das pessoas?” E é necessário percebermos que o estudo dos valores e factores simbólicos faz parte da resposta.

“The architect works in “situations” which are composed in particular ways and which explicitly or implicitly pose particular questions. The situations are for instance made up of economical, political and social conditions, of cultural traditions, of physical conditions such as

---

<sup>16</sup> “De qualquer das formas devíamos levar a sério ambas as perspectivas (do cliente e da sociedade). Esperemos que a arquitectura moderna tenha *contribuído* para resolver problemas humanos fundamentais. Contudo, a situação actual faz-nos compreender que as soluções são ainda bastante defeituosas, e que uma razão não menor disso é a omissão de factores contextuais e simbólicos essenciais. Temos de compreender que a principal responsabilidade deste estado de coisas é do próprio arquitecto. O nosso novo mundo altamente complexo exige novos métodos profissionais mas, enquanto o engenheiro e o cientista adaptaram a sua actividade às mudanças estruturais da sociedade, o arquitecto isolou-se a ele próprio e agarrou-se a ideias e métodos obsoletos. Frequentemente, ele ainda adopta a ideia romântica do século dezanove de que o artista deve expressar apenas a sua personalidade autónoma. Este ponto de vista torna a arte num luxo sem contacto directo com o propósito [que há] na sociedade, e a arquitectura, sendo tanto uma ferramenta prática quanto uma arte, envolve-se numa grave dissensão interna. Enquanto o planeamento é governado por considerações práticas e económicas, os edifícios são depois decorados para lhes conferir o estatuto de “obras de arte”.” (T.L. da autora) NOBERG-SCHULZ, C. in “*Intentions in Architecture*” (1992), p.20

climate and topography, and not least of human beings who “see” the environment in very different ways. The situations are not static, but always changing...”<sup>17</sup>

Trabalhando no seio desses contextos complexos, em que é necessário estudar um intrincado número de factores influentes, há que prestar atenção aos elementos sociais, políticos, económicos, físicos e a outros que influenciam o funcionamento da sociedade de hoje em dia e é também imprescindível levar em consideração as condições culturais – os valores culturais e factores simbólicos que constituem o ser e moldam a forma de estar do indivíduo. É necessário não apenas procurar aquilo que o homem quer mas essencialmente aquilo de que o homem precisa para se inserir ontológica e culturalmente na moldura arquitectónica.

“Não creio que tenhamos de considerar os novos intermediários culturais como portadores de uma lógica dominadora de classe, ou de “subtil manipulação”. Enquanto típicos expoentes da híbrida pós-modernidade, eles parecem antes ser portadores de diferentes lógicas e, sobretudo, parecem ter a capacidade, ou a necessidade, de compatibilizar diversas lógicas e de conviver pacificamente com essa ambivalência.”<sup>18</sup>

Importa ainda dizer que, no seio das complexidades que condicionam e dirigem o desenho de um projecto, a linguagem e a própria arquitectura e o ambiente construído compõem realmente um dos sistemas de comunicação mais presentes e influentes não só na presente sociedade mas na história do homem. O progresso do homem e da sociedade e o papel da arquitectura nesse progresso condicionam-se reciprocamente. Por um lado, arquitectura e os espaços criados e apropriados influenciam o homem na medida do seu ser e dos seus comportamentos, e influenciam, portanto, os passos que ele dá em conjunto – em sociedade; por outro lado, o ser e modo de apropriação do homem e do seu conjunto (a sociedade) devem influenciar a forma como construímos este sistema de comunicação que é a arquitectura.

“The built environment – the architectonic system – is the instrumentality *par excellence* among the set of activities constituting the “tool kit” of *homo sapiens*. There is nothing elsewhere in the animal world to compare with this system of communication, representation and expression in power, subtlety, flexibility, and comprehensiveness. In human culture itself it is only rivaled by verbal language, with which it interacts in a complementary and mutually

---

<sup>17</sup> “O arquitecto trabalha em “situações” que são compostas de maneiras peculiares e que, explícita ou implicitamente, suscitam questões peculiares. As situações são por exemplo constituídas por condições económicas, políticas e sociais, por tradições culturais, por condições físicas como o clima e a topografia, e além disso por seres humanos com diversas formas de “ver” as coisas. As situações não são estáticas, estão em mudança constante.” (T.L. da autora) NOBERG-SCHULZ, C. in “*Intentions in Architecture*” (1992), p.15

<sup>18</sup> FORTUNA, C. in “*Cidade, Cultura e Globalização*”(2001), p.116



implicative manner. Together, language and the built world provide a complexly integrated matrix for action and interaction, a multimodal system of signs which serves as the primary template for the erection of the self and the collaborative consciousness.”<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> “O ambiente construído – o sistema arquitectónico – é o instrumentário *por excelência* entre o complexo de actividades que constituem o estojo de ferramentas do *homo sapiens*. Não há nada mais no mundo animal comparável – em poder, subtileza, flexibilidade e amplitude – a este sistema de comunicação, representação e expressão. Na própria cultura humana é rivalizado apenas pela linguagem verbal, com a qual interage de forma complementar e de implicação mútua. Juntos, a língua e o mundo construído fornecem uma matriz complexa e integrada para a acção e interacção, um sistema multimodal de signos que serve de modelo base para a edificação da própria consciência e da consciência cooperativa.” (T.L. da autora) PREZIOSI, D. in “*Architecture, Language and Meaning*” (1979), p.12



### 1.3 O contexto humano: cultura

“We have to conclude that it is of the greatest importance to investigate *how* and to *what degree* we “attain” the higher objects.”<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> “Temos de concluir que é da maior importância investigar *como e até que ponto* “alcançamos” os objectos superiores.” (T.L. da autora), NOBERG-SCHULZ, C. in “*Intentions in Architecture*” (1992), p.32

Numa abordagem ao projecto de uma perspectiva humana, torna-se necessário conhecer o homem, as suas dimensões e os factores que contribuem para o seu modo de viver e de estar. Isto é, admitindo que a apropriação de espaços é inerente ao homem, e que (esta) a sua maneira de ser depende de inúmeros factores que podem ser ou não aparentes, ser ou não conscientes, torna-se necessário estudar e interpretar, conhecer o homem para que, no exercício projectual, os espaços se coadunem com esse modo de apropriação da pessoa que irá habitar o espaço.

Ao falarmos da essência do homem, do seu ser e modos de estar, deparamo-nos inevitavelmente com o conceito de cultura. Muito simplesmente porque a cultura é o contexto no qual nos construímos a nós próprios, no qual se desenvolvem todas as dimensões do homem.

Segundo Clifford Geertz, cultura é um sistema complexo de símbolos, valores e ideias, baseado na comunicação, que é partilhado pelos membros da mesma cultura. Curta e concisamente, cultura é um sistema de códigos baseado em comunicação. A comunicação existe através de acções, destas é extraído um significado e isso torna-as um comportamento (consciente). Cultura é uma moldura do significado e nós entendemos uma mensagem ao “colocar o comportamento numa moldura de significado”<sup>21</sup>. O sistema integra os símbolos de um modo lógico-significante. Mas, apesar de lógico, quando apresentada a alguém exterior à cultura em causa, qualquer componente de uma cultura pode resultar estranha. Isto porque a maneira como se interpreta algo e se integra isso num todo codificado, é intrinsecamente relativa a um sistema de cultura e significado, de sorte que qualquer elemento de uma cultura fica como que “deslocado” fora dela.

É importante referir que a cultura é partilhada. Há um grupo de pessoas que partilham o mesmo sistema de símbolos e essas pessoas são, então, membros da mesma cultura. Resumida e muito claramente, por palavras de Clifford Geertz – “Culture is public because meaning is”<sup>22</sup>. A cultura é colectiva pois há um conjunto de pessoas que partilham o mesmo *background* de significância.

Nós não somos capazes de actuar adequadamente no contexto de uma outra cultura não porque sejamos diferentes como indivíduos ou porque as nossas estruturas cognitivas funcionem de maneira diferente mas porque o nosso universo criativo, o nosso imaginário – esse sistema que

---

<sup>21</sup> T.L. da autora da citação “placing behavior in a framework of meaning”, in “*Clifford Geertz by His Colleagues*” (2005), p.60 note2

<sup>22</sup> “Cultura é colectiva porque o significado o é.” (T.L. da autora), GEERTZ, C. in “*Thick Description: Toward an Interpretive Theory of Culture*” (1973), p.12

partilhamos – a nossa cultura, é diferente. (Geertz, C., 1973) “There is a lack of familiarity with the imaginative universe within which their acts are signs”<sup>23</sup>.

Assim, quando confrontados com um imaginário diferente, com uma cultura diferente, devemos ter consciência do cuidado a ter ao abordá-la. Importa estarmos atentos à leitura que esse imaginário, diferente do nosso (construído por uma rede de símbolos diferente da nossa), fará dos elementos constituintes de um projecto – materiais, escala, iluminação...-, pois o significado extraído desses diferentes elementos será também, necessariamente, diferente do nosso.

“In its three “dimensions” semiotic aims at understanding our “rules” for the use of signs. It is not necessary to be *conscious* of the rules to be able to use a symbol-system, but *the rules represent the forms we have to employ to express ourselves in a meaningful way.*”<sup>24</sup>

A dimensão semiótica do homem alerta-nos para a acção do seu inconsciente – do seu ser essencial – na apropriação dos espaços e, por isso, da vivência da arquitectura. Ela alerta-nos para a necessidade de o arquitecto conhecer o homem e a sua cultura, para que possa dominar o significado dos espaços apropriados.

### **1.3.1 Soluções físicas de um mundo simbólico – Factores de valorização**

Em *House Form and Culture* (1969), Amos Rapoport discute sobre a importância da cultura e a sua influência na arquitectura e na criação e evolução da forma. Para esse efeito o seu discurso debruça-se sobre a arquitectura vernacular e também sobre a arquitectura primitiva – que nos permitem observar, de modo mais directo, a influência do utilizador e da sua cultura na forma da casa.

“The folk tradition, on the other hand, is the direct and unself-conscious translation into physical form of a culture, its needs and values – as well as the desires, dreams, and passions of a people. It is the world view writ small, the “ideal environment of a people expressed in

---

<sup>23</sup> “Existe uma falta de familiaridade com o universo imaginativo dentro do qual os seus actos são signos” (T.L. da autora), GEERTZ, C. in “*Thick Description: Toward an Interpretive Theory of Culture*” (1973), p.14

<sup>24</sup> “Nas suas três “dimensões” a semiótica visa compreender as nossas “regras” para o uso de signos. Não é necessário ter *consciência* das regras para ser capaz de utilizar um sistema-simbólico, mas *as regras representam formas que temos de empregar para nos expressarmos com significado.*” (T.L. da autora), NOBERG-SCHULZ, C. in “*Intentions in Architecture*” (1992), p.59

buildings and settlements (...). The folk tradition is much more related to the majority's culture and with life than with the grand design tradition that represents the elite's culture.”<sup>25</sup>

É isto que procuramos hoje em dia, o *ambiente “ideal” de um povo*? Não nos esquecemos da tradição popular, e da sua capacidade de traduzir o homem, a sua essência, a sua cultura em formas físicas, para nos entusiasmos com a tradição do desenho? Procuramos o espaço ideal para que o indivíduo se expresse – para que ele aproprie – para SER tal como ele é? Ou procuramos uma expressão própria da arquitectura, uma afirmação do arquitecto através do objecto? Ou as duas coisas podem ser uma só ou encontrar um ponto de equilíbrio?

Qualquer metodologia sugerida em relação ao acto de *fazer arquitectura* deve então considerar essas duas vertentes – a de que a arquitectura é um objecto apropriado por determinada cultura mas é também uma expressão cultural e um objecto transformador. Pois a arquitectura é a materialização de características sociais do homem, é a materialização do imaginário comum (do imaginário que é partilhado pelos vários membros de uma cultura) é a materialização da dimensão simbólica do homem e das estruturas significantes que proporcionam essa dimensão. Ao mesmo tempo, a arquitectura é uma expressão do homem – uma expressão cultural – e será o espaço, o lugar onde ele se expressa. Assim tem, na dimensão cultural, uma relação mútua com o homem – ao mesmo tempo que é maioritariamente fruto de factores culturais (estes são os factores de maior peso), também vem transformar esse mesmos factores, desenvolvê-los. É, por isso, um objecto transformador.

O mundo, e também a arquitectura, é composto por mudança. Uma análise da cultura e da influência desta na forma da arquitectura e um estudo aprofundado das formas e do seu desenvolvimento ao longo de vários anos, séculos, milénios, ajuda-nos a identificar os critérios de valorização que determinam aquilo que é a mudança mas também aquilo que é a constância. Esses critérios e os factores que estão muitas vezes ligados à constância são hábitos. O homem é um animal de hábitos, e esses hábitos são aprendidos e apreendidos através daquilo que nos rodeia, pelo contexto, pela cultura.

Numa análise aprofundada da cultura e da sua influência, e como uma conclusão a que também Rapoport se refere em *House Form and Culture* (1969), os factores que influenciam as decisões de projecto (porque projecto de arquitectura é um conjunto de decisões) vão muito para além

---

<sup>25</sup> “...A tradição popular, por outro lado, é a tradução directa, não atenta a si, em formas físicas, de uma cultura, das suas necessidades e valores, assim como dos desejos, sonhos e paixões de um povo. É a visão do mundo em ponto pequeno, o ambiente “ideal” de um povo expresso em edificios e povoações (...). A tradição popular está muito mais relacionada com a cultura da maioria e com a vida do que com a grande tradição do desenho, que representa a cultura da elite.” (T.L. da autora), RAPOPORT, A. in “*House, Form and Culture*” (1969), p.12

dos factores físicos do homem e entram no seu carácter simbólico e social. Os factores sociais e culturais tornam-se factores essenciais na determinação da forma, enquanto os determinantes físicos são muitas vezes empurrados para um plano de importância secundária. Sendo os factores sociais e culturais os mais influentes (não só numa primeira abordagem à arquitectura e à casa mas também quando já se trata de decidir sobre a própria intervenção), são estes os factores da constância.

Isto deve-se ao facto de o homem ser um animal de símbolos, mitos, alegorias, um animal metafórico. De entre vários factores da cultura (a estrutura familiar, a hierarquização social, entre outros), aquele que pode dizer-se ter mais força nas ideias e formas do espaço criado é a sua simbologia e sacralidade. Esta vertente da cultura constrói memórias que podem atribuir-se mais ao colectivo do que ao individual. E podem atribuir-se mais ao colectivo porque elas têm uma continuidade e essa continuidade é feita, uma vez mais, de relações: relações entre homens, entre espaços, entre homens e espaço, relações físicas, relações metafísicas... São relações do campo simbólico que constituem factores marcantes na forma como o indivíduo se expressa e se apropria – na forma como o indivíduo é. E, por isso, são elas que revelam o povo e a sua cultura.

É indubitável, como se confirma com os diversos exemplos enumerados por Rapoport, a influência do desenho, da implantação, da forma, da constituição do espaço sobre o homem e as várias relações que ele estabelece no dia-a-dia, seja consigo próprio, seja com os outros ou com o próprio espaço. Tal como o desenho urbano, a implantação, a grelha de uma cidade tem grande influência no funcionamento da mesma; este funcionamento está, por sua vez, relacionado com o funcionamento da sociedade e do povo que a habita e com as suas formas de se expressarem e construírem o seu imaginário. Aachamos ainda que esta influência é mútua – ou seja, ao mesmo tempo que os factores que constituem o espaço influenciam comportamentos (e, portanto, actos sociais), a sociedade e a cultura de um povo influencia grandemente o espaço e a forma, a cidade – a arquitectura. A compreensão do espaço e da cidade (ou do campo, da casa) leva à compreensão de estruturas sociais e culturais, porque estas foram factores de peso no seu desenho.

“Uma solução física interfere num mundo simbólico, de forma que o modelo conceptual de cidade não é somente expresso pela sua existência física, mas também por uma existência cognitiva, revelando um sistema simbólico inerente ao mundo que é tido como real.”<sup>26</sup>

Concluindo, se os factores culturais se revelam como prioritários na concepção, pelo homem, de espaços (de estruturas, de casas, de cidades), se eles se revelam como principais factores de

---

<sup>26</sup> MENEZES, M. in “*Espaço: Cultura e Arquitectura*” (1993), p.14

valorização na arquitectura e se são eles que, ao longo do tempo, permanecem e demonstram, ou não, a qualidade dos espaços (na sua adaptabilidade ao homem), então trata-se de factores que devem desempenhar um papel também essencial em projecto de arquitectura – que devem ser considerados no seu desenho.

“The act of interpretation involves not only deciding what something is but, as Geertz’s colleague Michael Walzer has argued, how to respond to the question “What is the right thing for *us* to do?” Like deciding what the law should be by portraying what the law is...”<sup>27</sup>

A citação de Rosen faz sentido nesta análise porque olhamos para o arquitecto como alguém cuja tarefa é, em certo sentido, semelhante à de um antropólogo. Tal como um antropólogo, sendo exterior a uma dada cultura, a estuda, assim também o arquitecto, sendo exterior àqueles que vão habitar, pensa a arquitectura. Também o arquitecto deve procurar “qual é a coisa certa para fazer” – no papel de desenhador. O arquitecto é um elemento exterior (à cultura em causa), por isso, como observador, como espectador, em conformidade com o que diz Clifford Geertz ele interpreta os acontecimentos dentro da mesma. Essa interpretação não é apenas para perceber o que é essa cultura (para conhecer uma nova cultura), mas para a entender, para perceber como pode agir, como arquitecto, nesse contexto.

---

<sup>27</sup> “O acto de interpretação envolve não apenas decidir o que alguma coisa é mas também, como defendeu Michael Walzer, colega de Geertz, responder à questão “Qual é a coisa certa para *nós* fazermos?” Tal como decidir o que a lei deve ser retratando o que ela é...” (T.L. da autora) ROSEN, L. in “*Clifford Geertz by His Colleagues*” (2005), p.12



### 1.3.2 Arquitectura: construção de um mundo significativa

“That we nevertheless use the same *names* for the things shows that language in general serves to describe our everyday world. One could very well ask if we should not be content with this simple world, and avoid complicating things unnecessarily. But we know that everything we consider particularly valuable, like nature, art, social solidarity, scientific insight, and religious belief, is characterized by going beyond the level of everyday life.”<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> “O facto de utilizarmos os mesmos *nomes* para as coisas mostra que a língua, em geral, serve para descrever o nosso mundo quotidiano. Podíamos muito bem perguntar se não devíamos contentar-nos com este mundo simples e evitar complicar as coisas desnecessariamente. Mas sabemos que tudo o que consideramos particularmente valioso, como a natureza, a arte, a solidariedade social, o conhecimento científico, as crenças religiosas, se caracteriza por ir para além da vida quotidiana.” (T.L. da autora), NOBERG-SCHULZ, C. in “*Intentions in Architecture*” (1992), p.32

“What constitutes a culturally meaningful code or ensemble is a function of how a particular culture orchestrates all of its semiotic resources relative to each other. The notion or plane of “language” or “architecture” will be culture-specific in functionality, above and beyond whatever formal or structural isomorphism exist among languages and built environments cross-culturally.”<sup>29</sup>

Este mundo significativo do homem de que falamos – o mundo simbólico – sobrepõe-se a qualquer outro – físico, formal... Nesse sentido a arquitectura não pode procurar sobrepor-se a essas construções interiores. Essas construções, essas relações já estão estabelecidas – e a arquitectura deve tentar corresponder a elas, dar-lhes um palco com sentido; isto para que a nova relação homem/grupo-edifício funcione. Assim, devemos abordar o exercício de projecto também como mais um elemento (essencial) na construção desse mundo. O estudo da cultura justifica-se numa procura de que a construção referida seja mais harmoniosa.

Podemos, então, para uma abordagem arquitectónica, decompor a cultura, descrevendo-a como um sistema de relações. Esse sistema de relações é o contexto dos indivíduos participantes dessa cultura. Todo o homem tem um contexto dado. Pelos significados atribuídos, que surgem do contexto dado, o homem dá significado ao mundo, criando assim perspectivas sobre o mundo. O contexto dado, a cultura, dá forma a modos de viver, porque permite a cada ser humano criar um mundo com significado. “In the ongoing semiotic bricolage of daily life, we orchestrate and combine anything and everything at our disposal to create a significant world, or simply to get a message across.”<sup>30</sup>

Se de tudo e de nada na vida extraímos significados e recebemos mensagens, a arquitectura é também um elemento do mundo que transmite significados e mensagens. Através da sua linguagem, dos materiais utilizados, da forma e organização dos espaços, dos volumes, larguras e alturas e de todos os seus elementos constituintes, cria um mundo que transmite diferentes significados e mensagens. Nesses elementos constituintes os habitantes lêem um significado, encontram uma mensagem e criam um “mundo significativo”.

“Então os símbolos permitem-nos, por um lado, referir outras realidades da vida quotidiana e constituem-se, eles próprios, em “campos da produção cultural”, ou seja em realidades

---

<sup>29</sup> “O que constitui um código ou a totalidade culturalmente significativa é uma função de como uma cultura particular orchestra todos os seus recursos semióticos uns relativamente aos outros. A noção de “língua” ou “arquitectura” será culturalmente específica na funcionalidade, para lá de qualquer isomorfismo formal ou estrutural que possa haver transculturalmente entre linguagens e ambientes construídos.” (T.L. da autora), PREZIOSI, D. in “*Architecture, Language and Meaning*” (1979), p.110

<sup>30</sup> “No contínuo bricolage semiótico do dia-a-dia, orquestramos e combinamos toda e qualquer coisa à nossa disposição para criar um mundo significativo, ou simplesmente para passarmos uma mensagem.” (T.L. da autora), PREZIOSI, D. in “*Architecture, Language and Meaning*” (1979), p.1

socialmente construídas.”<sup>31</sup> A arquitectura acaba por construir realidades porque também ela vai desenvolver um trabalho simbólico, criando elementos que são do quotidiano de cada um.

Será que a arquitectura, mais do que gerar habitação, proporcionar abrigo, colmatar necessidades de equipamentos, criar estruturas necessárias, construir cidades, desenhar pormenores, “*é um produtor e distribuidor de códigos culturais*”<sup>32</sup>?

---

<sup>31</sup> FORTUNA, C. in “*Cidade, Cultura e Globalização*”(2001), p.116

<sup>32</sup> CASTELLS, M. in “*O Poder da identidade*” (2004), p.509



### **1.3.3 Arquitectura e homem: estímulos e comportamentos**

“All architecture functions as a potential stimulus for movement, real or imagined. A building is an incitement to action, a stage for movement and interaction.”<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup> “Toda a arquitectura funciona como um estímulo potencial para movimento, real ou imaginado. Um edifício é um incitamento à acção, um palco para movimento e interacção.” (T.L. da autora), MOORE, C. e BLOOMER, K. C. in “Body, Memory and Architecture” (1977), p.59

“That we all manage to participate in the activities of daily life, proves that we have a *common* world. We do all see a house in front of us, we walk by it, look through the windows, knock at the door and enter. Obviously we have all seen the house, nothing indicates that somebody believed he was standing in front of a tree. But we may also with justification say that we all have a *different* world. When we *judge* the house in front of us, it often seems as if we were looking at completely different objects.”<sup>34</sup>

A existência de mundos diferentes, para diferentes pessoas, não testemunha a existência de mundos fisicamente diferentes, mundos compostos por elementos desiguais. Essa diferença entre mundos deve-se a percepções diferentes que diferentes indivíduos têm do mesmo mundo físico.

Como referido por Schulz, em *Intentions in Architecture* (1992), é ingénuo “acreditar que nos é dado, a todos nós, *a priori*, um mundo semelhante”<sup>35</sup> Os arquitectos, como edificadores de uma parte essencial desse mundo, do mundo que é dado a todos, devem ter presente que, ao terem percepções diferentes, os homens percebem mundos diferentes, percebem lugares diferentes do mesmo espaço – mensagens diferentes do mesmo edifício.

Esta tomada de consciência, segundo Schulz, leva-nos ainda a outros conceitos muito importantes para entender esta ideia defendida pelo autor na referida obra – designadamente percepção, intenção, atitude e comportamento. O facto de percebermos significados diferentes salienta as percepções diferentes que temos do mundo ou das mesmas coisas. Essas percepções são determinadas pela atitude que cada um tem *a priori*, que já determina em grande parte o fenómeno (a forma de perceber os elementos). A existência de diferentes percepções salienta, então, o papel activo que o homem tem na existência das próprias coisas – salienta o papel activo que o habitante tem ao habitar, ao perceber a habitação, ao viver nela.

---

<sup>34</sup> “O facto de todos sermos capazes de participar nas actividades quotidianas prova que todos temos um mundo *comum*. Todos vemos uma casa à nossa frente, passamos por ela, olhamos pelas janelas, batemos à porta e entramos. Obviamente já todos vimos uma casa, nada indica que alguém tenha acreditado que estava perante uma árvore. Mas podemos também, com fundamento, dizer que todos temos um mundo *diferente*. Quando  *julgamos* a casa à nossa frente, é frequente parecer que é como se estivéssemos a olhar para objectos completamente diferentes.” (T.L. da autora) NOBERG-SCHULZ, C. in “*Intentions in Architecture*” (1992), p.30

<sup>35</sup> T.L. da autora da citação “believing that a similar world is given, *a priori*, to all of us.”, NOBERG-SCHULZ, C. in “*Intentions in Architecture*” (1992), p.31

“Perception, therefore, is anything but a passive reception of impressions. We may change the phenomena by changing our attitude. Burnswik used the word “intention” instead of attitude, to underline the *active* character of the act of perceiving.”<sup>36</sup>

O papel activo do homem consiste, *a priori*, numa atitude e, *a posteriori*, num comportamento. Após a percepção de significados e a leitura de mensagens, o fenómeno dessa percepção dá origem um comportamento. “The objects, or the form we assign to the world, are expressed in our behavior.”<sup>37</sup>

“Indeed, the transmission of meaning through the architectural medium is essencial to both the use and the enjoyment of architecture. Meaning is of considerable importance in perception (Creelman, 1966), “one of the most important determinants of human behavior” (Osgood, Suci, and Tannenbaum, 1957, p.10), and unquestionably involved with human feelings.”<sup>38</sup>

Assim, o significado das coisas (e das variáveis na arquitectura) varia consoante o leitor das mesmas, aquele que percebe. Essa percepção influencia o comportamento do indivíduo, pois funciona como um estímulo, influenciando então o quotidiano das pessoas, os padrões das suas vidas. Este conjunto complexo de significados de que é feito o mundo influencia também o próprio ser, a própria pessoa.

“Much of human behavior is governed by *culture* – the system of shared attitudes and symbols that characterizes a group of people. The culture of a people is a shared schema that designates regularities in a groups’ thinking and behavior.”<sup>39</sup>

Em “*Symbolic aesthetics in architecture: toward a research agenda*” (1992), John Lang fala-nos sobre estéticas sensoriais, formais e simbólicas. Elas consistem, respectivamente, no prazer

---

<sup>36</sup>“Assim, percepção é tudo menos uma recepção passiva de impressões. Podemos alterar os fenómenos ao alterar a nossa atitude. Burnswik usou a palavra “intenção” em vez de atitude, para sublinhar o papel *activo* do acto de perceber.” (T.L. da autora), IDEM, p.31

<sup>37</sup> “Os objectos, ou a forma que conferimos ao mundo, são expressos no nosso comportamento.” (T.L. da autora), IDEM, p.53

<sup>38</sup> “De facto, a transmissão de significado pelo meio da arquitectura é essencial tanto para o uso quanto para a fruição da arquitectura. O significado é de uma importância considerável na percepção (Creelman, 1966), “um dos mais importantes determinantes do comportamento humano” (Osgood, Suci e Tannenbaum, 1957, p.10), e inquestionavelmente envolvido com os sentimentos humanos.” (T.L. da autora), HERSHBERGER, R. – “A study of meaning and architecture” in “*Environmental Asthetics*” (1992), p.175

<sup>39</sup> “Grande parte do comportamento humano é governada pela *cultura* – o sistema de atitudes e símbolos partilhados que caracteriza um grupo de pessoas. A cultura de um povo é um esquema partilhado que designa regularidades na forma de pensar e de se comportar de um grupo.” (T.L. da autora), LANG, J. in “*Symbolic aesthetics in architecture: toward a research agenda*” in “*Environmental Asthetics*” (1992), p.23

das sensações recebidas pelo ambiente – cores, cheiros, sons, texturas, etc. –; no prazer primário das formas, ritmos, sequências do mundo visual e no prazer da apreciação de significados associados. A percepção de todos estes prazeres é diferente para cada um e desenvolvida num contexto, no seio da cultura. Aquela que mais sofre desta influência é a apreciação da estética simbólica. E de todos os elementos arquitectónicamente relevantes que possam ser apropriados e sujeitos a apreciação, a estética simbólica é o campo onde o arquitecto será menos capaz de “educar” aquele que se apropria do espaço que cria. É o campo onde o arquitecto não poderá criar experiências únicas imutáveis, dominadas por ele mesmo, antes terá de ir ao encontro das experiências já vividas pelo indivíduo, ir ao encontro da sua percepção, da sua atitude. Contudo, é fundamental não esquecer que todas as apreciações/percepções são individuais, são realidades diferenciadas e não verdades imutáveis. Também a empatia da forma, também a prática dos sentidos, são realidades e sistemas diferentes em cada cultura.

As verdades nas experiências da arquitectura não podem nunca ser imutáveis, porque o valor que o homem atribui a cada um dos elementos, o estímulo que recebe deles, tem mais que ver com processos associativos que constituem o próprio e menos com a definição do próprio elemento (com a verdade da existência do elemento em si como coisa só no mundo).

“Affect is a general term for “emotion” or “feeling”. An understanding of symbolic aesthetics involves an understanding of the positive and negative attitudes that people have about the symbolic meanings available in the built environment. An attitude results from combining a *belief* about something with a *value* premise about it.”<sup>40</sup>

É neste contexto que também se inscrevem os textos de Robert G. Hershberger. Em *A Study of Meaning and Architecture* (1992), o autor refere que, hoje em dia, a fruição dos significados – e, consequentemente, o uso dos edifícios – está comprometido, e que por tal, é necessário estudar esta dimensão da arquitectura, estudar profundamente a dimensão simbólica, para aprender o que é necessário para criar um mundo que satisfaça aquele que o vive, que o usa, que o percebe que o sente. Pois há que satisfazer tanto as suas necessidades básicas (as suas necessidades físicas, fisiológicas) quanto as necessidades fenomenológicas, ontológicas, simbólicas. Admitindo que aquilo que se entende por percepção difere de cultura para cultura e, mais, de homem para homem, debruçamo-nos sobre o peso desta diferença entre o arquitecto – aquele que projecta o edifício – e o habitante – aquele que vive, que percepção o edifício.

---

<sup>40</sup> “Afecto é um termo geral para “emoção” ou “sentimento”. Compreender a estética simbólica implica compreender as atitudes positivas e negativas que as pessoas têm acerca de significados simbólicos disponíveis no ambiente construído. Uma atitude resulta da combinação de uma *crença* sobre algo com uma premissa *de valor* a seu respeito.” (T.L. da autora), LANG, J. in “Symbolic aesthetics in architecture: toward a research agenda” in *Environmental Aesthetics*” (1992), p.19



“...forms, colors, spaces, and other qualities of architecture are media through which architects communicate to the users of their buildings...Is there a close correspondence between the meanings that architects intend for buildings and the meanings that laymen attribute to them? Do architects and laymen share similar representations when they experience architecture? Are they affected in the same way by their representations? Are their resultant evaluations and behavior similar?”<sup>41</sup>

Na procura de respostas para as perguntas sugeridas, a questão sobre as diferenças e semelhanças de modos de apropriação entre arquitecto e público alvo torna-se uma das questões centrais a abordar. Se encontramos exercícios de projecto que nos confrontam com culturas diferentes da nossa, a nossa linguagem também difere (difere o complexo de símbolos que conhecemos e as regras que utilizamos para combiná-los) (Alexander, C., 1979). Com linguagens diferentes torna-se menos intuitivo comunicar e é provável que falhem as mensagens impressas na arquitectura.

“If one accepts that symbolic meanings are primarily socioculturally determined, then people who do not understand the “language” being used to convey meaning cannot appreciate the environment in the manner that the architect might intend. They assign meanings to the environment given their own symbol system. This is the potential trap that architectural historians and critics face in their interpretative analyses of buildings, particularly those of cultures other than their own. It is also clear that meanings of specific building patterns depend on their context.”<sup>42</sup>

É ainda fundamental comentarmos que, mais uma vez, estes processos associativos e de representações do homem no mundo da arquitectura são ciclos, criam relações mútuas. Já estabelecemos a importância e influência da cultura no comportamento do homem face ao

---

<sup>41</sup> “...formas, cores, espaços, e outras qualidades da arquitectura são meios pelos quais os arquitectos comunicam com os utilizadores dos seus edifícios... Existe alguma correspondência estreita entre os significados que os arquitectos planeiam para os seus edifícios e os significados que leigos lhes atribuem? Será que arquitectos e leigos partilham representações similares quando experienciam arquitectura? Será que são afectados do mesmo modo pelas suas representações? Será que as suas avaliações e comportamentos resultantes são similares?” (T.L. da autora), HERSHBERGER, R. – “A study of meaning and architecture” in “*Environmental Aesthetics*” (1992), p.175

<sup>42</sup> “Se aceitarmos que os significados simbólicos são primariamente determinados de forma socio-cultural, então as pessoas que não compreendem a “língua” utilizada para transmitir significados podem não apreciar o ambiente da forma que o arquitecto poderá ter em mente. Eles atribuem significados ao ambiente em função do seu próprio sistema simbólico. Esta é a potencial armadilha que historiadores e críticos de arquitectura enfrentam nas suas análises interpretativas de edifícios, particularmente aqueles de outras culturas que não a sua. Também é claro que significados de padrões específicos de edifícios dependem do seu contexto.” (T.L. da autora), LANG, J. in “Symbolic aesthetics in architecture: toward a research agenda” in “*Environmental Aesthetics*” (1992), p.14

mundo, nomeadamente ao mundo da arquitectura. Como relação mútua que é, falta mencionar que, ao construir um mundo físico, o arquitecto influencia o comportamento do homem e o seu próprio ser e, assim, influencia e introduz uma mudança na cultura deste. A cultura também não é imutável.

“Individuals are socialized within a culture, but their behavior also shapes the culture so that it is not static, but something that evolves over time.”<sup>43</sup>

No aprofundamento dos conceitos acima abordados, concluímos com duas certezas a) com a de que estes conceitos devem estar mais presentes nas disciplinas de arquitectura, e b) com a de que as experiências dos espaços não são indiferenciadas e as vivências não são verdades imutáveis mas realidades múltiplas e relativas. Da realidade fazem parte relações entre homem, espaço, mundo, arquitecto que se interligam num sistema complexo, de que também fazem parte os conceitos de cultura, significado, percepção, atitude, estímulo, emoção, comportamento. É um dever estar consciente da relatividade das experiências, para podermos construir um sistema complexo de tantas relações em total harmonia.

Restam-nos algumas questões a que em parte procurámos dar resposta, mas que ficam ainda no ar: Quais os nossos meios para perceber a arquitectura? E como traduzem estes a função em arquitectura? Quais os modos de cada um de nós comunicar com a arquitectura? Até que ponto os sistemas culturais determinam os componentes arquitectónicos (forma, materialidade, expressão construtiva)? Em que etapas está presente a noção de cultura em arquitectura? Como pode o arquitecto compor sistemas exteriores à sua própria dimensão cultural e por isso exteriores à sua forma de apropriação? Qual a importância dos símbolos na arquitectura? Como podemos compreender os símbolos de uma cultura que não é a nossa? Como são transmitidos os símbolos através da arquitectura? Quais os factores que mantêm as escolhas da forma e do espaço e que, por isso, constroem o comportamento humano? Como se identificam? Como se controlam?

---

<sup>43</sup> “Indivíduos são socializados dentro de uma cultura, mas o seu comportamento também molda a própria cultura, de modo que esta não é estática, mas algo evolui ao longo do tempo.” (T.L. da autora), LANG, J. in “Symbolic aesthetics in architecture: toward a research agenda” in “*Environmental Asthetics*” (1992), p.20

## 1.4 Ser no espaço

“Sou o espaço onde estou”<sup>44</sup>

---

<sup>44</sup> NOÉL ARNAUD, *L. in "État d "Ébauche"*. através de BACHELARD, G. “*A Poética do Espaço*”, p.287

O homem é no espaço, não conhece outro palco para ser. Esta é uma asserção essencial para pensar a arquitectura da forma que propomos. O fenómeno da existência do homem está intimamente relacionado com o espaço de sorte que não podemos explicar o primeiro sem implicar o segundo.

“Quando se fala do homem e do espaço, entende-se que o homem está de um lado e o espaço de outro. O espaço, porém, não é algo que se opõe ao homem. O espaço nem é um objecto exterior e nem uma vivência interior. Não existem homens e, além deles, *espaço*.”<sup>45</sup>

Um homem, “aquele que é no modo humano”<sup>46</sup>, é-o no espaço. Não conhecemos outra possibilidade de ser que não seja no espaço. Este fenómeno do ser tem uma inevitável dimensão espacial, é uma condição – estamos confinados a ser homens no espaço. Significa isto que é nele que existimos, que vivemos, independentemente da forma como o fazemos. É nele que nos expressamos como pessoas, que respiramos, que representamos e formamos representações, é nele que nos projectamos. Mais simples mas mais acertada que qualquer outra afirmação: é nele que somos.

Se a fenomenologia do ser tem este palco inevitável (o espaço), então a arquitectura assume uma importância inegável nesse mesmo fenómeno do homem – ser. “A comunicabilidade de uma imagem singular é um fato de grande significação ontológica.”<sup>47</sup>

Pensar a arquitectura desta forma é um desafio que nem sempre é claro na prática do desenho da profissão nem parece fácil de abordar. Mas, se assumimos que não podemos explicar este fenómeno de ser sem implicar o espaço, então devemos assumir a responsabilidade que o segundo tem sobre o primeiro. É essencial encarar a formação do espaço como responsável pela expressão e as vivências do homem e, assim, responsabilizar também a arquitectura e abraçar a obrigação de olhar para ela desta forma.

A arquitectura é um resguardar da essência do homem, do seu ser. A casa tem de ser da medida do ser. Ao pensar na essência, no homem, já se pensa imediatamente no espaço, pois é aí que essa se dá. A arquitectura, mais do que outras disciplinas, ao pensar um tem de pensar no outro – e vice-versa. Pois, na medida em que o homem existe no espaço, ele representa-se na arquitectura.

---

<sup>45</sup> HEIDEGGER, M. in “*Construir, Habitar, Pensar*” (1954). tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback, p.7

<sup>46</sup> IDEM, p.7

<sup>47</sup> BACHELARD, G. in “*A Poética do Espaço*” (1957), p.184

Nesta relação mútua é mais fácil referirmo-nos à disciplina de arquitectura dizendo que é o ser do homem que lhe dá sentido pois “a alma vem inaugurar a forma, habitá-la, deleitar-se com ela.”<sup>48</sup>

Em *The Timeless Way* (1979), Christopher Alexander refere-se muitas vezes à *qualidade sem nome* – uma determinada qualidade da arquitectura, do espaço produzido pelo homem, difícil de definir. Quando ela existe, então o homem e o espaço existem os dois em perfeita harmonia. É uma essência ao mesmo tempo abstracta mas quantificável de certa forma. É livre mas exacta; é determinada mas eterna. É definida mas, mais que tudo, impossível de definir. E essa fraqueza – essa impossibilidade – é precisamente a sua maior força pois, é essência. (Alexander, C., 1979)

A procura de uma arquitectura que é palco para o ser, que completa e possui propriedades que se dirigem ao ser humano, pode inscrever-se nesta procura da harmonia a que Alexander alude frequentemente. É uma procura por si só de algo difícil de definir.

“It is not only simple beauty of form and color. Man can make that without making nature. It is not only fitness to purpose. Man can make that too, without making nature. And it is not only the spiritual quality of beautiful music or of a quiet mosque, that comes from faith. (...) The quality which has no name includes these simpler sweeter qualities. But it is so ordinary as well, that is somehow reminds us of the passing of our life.”<sup>49</sup>

Diz-se isto sem certeza da definição ou mesmo da existência de uma resposta concreta a esta procura, mas com a certeza de que a própria procura reside no homem, naquele que aspira a habitar. Os edifícios assumem este carácter, possuem esta qualidade extrapolada, segundo Alexander, quando as coisas estão reconciliadas com as suas próprias forças interiores – isto é, quando são verdadeiras; quando permitem ao homem ser também ele verdadeiro, reconciliado. (Alexander, C., 1979)

A procura desta qualidade na arquitectura e no projecto revela-se necessária para estarmos vivos, ou melhor, para sermos vivos. Porque o homem apenas pode sê-lo (vivo e homem) desde que os edifícios, ruas, cidades o sejam – vivos (Alexander, C., 1979); ou seja quando permitem um habitar. É uma qualidade recíproca na medida em que existe no homem e no espaço mutuamente sem existir apenas num ou apenas no outro.

---

<sup>48</sup> IDEM, p.187

<sup>49</sup> “Não é apenas a simples beleza da forma e cor. O homem pode fazer isso sem fazer natureza. Não é a simples adequação de um propósito. O homem também pode fazer isso sem fazer natureza. E não é apenas a qualidade espiritual de uma música bonita ou de uma silenciosa mesquita, isso vem da fé. (...) A qualidade que não tem nome inclui estas qualidades mais doces e mais simples. Mas é também tão comum, que de alguma forma nos lembra como a nossa vida passa.” (T.L. da autora), ALEXANDER, C. in *“The Timeless Way of Building”* (1979), p.39

“And when a building has this fire, then it becomes a part of nature. Like ocean waves, or blades of grass, its parts are governed by the endless play of repetition and variety, created in the presence of the fact that all things pass. This is the quality itself.”<sup>50</sup>

O espaço aspira a manter a liberdade e essência complexa do homem, com esta consciência de que “todas as coisas passam”.

---

<sup>50</sup> “E quando um edifício tem este fogo, então torna-se parte da natureza. Como as ondas do oceano, ou as folhas da relva, as suas partes são governadas pelo jogo sem fim da repetição e variedade, criado na presença do facto de que tudo passa. Isto é a própria qualidade.” (T.L. da autora), ALEXANDER, C. in *“The Timeless Way of Building”* (1979), p.137

#### **1.4.1 Projectar o espaço**

“Vemos logo que as imagens da casa seguem nos dois sentidos: estão em nós assim como nós estamos nelas.”<sup>51</sup>

---

<sup>51</sup> BACHELARD, G. in “*A Poética do Espaço*” (1957), p.197

Podemos considerar que, se a arquitectura é um espaço de vivências para um indivíduo, ele encara a arquitectura como espaço de ser e estar, como espaço de representação dele próprio. Por isso, podemos sublinhar a extrema importância de pensar nestas dimensões do homem, quando se pensa arquitectura, quando se desenha, quando se projecta. Pois a projecção do espaço – aquela que é feita pelo homem e a que chamamos arquitectura – influencia o homem.

A relação entre ser e espaço torna-se ainda mais complexa quando nos deparamos com estes dois conceitos: o de projecção e o de representação. Se, mais do que afirmarmos que existimos no espaço, considerarmos que nos projectamos, nos representamos nele, então fica mais clara a importância do espaço na existência de cada um.

“Quando começo a atravessar a sala em direcção à saída, já estou lá na saída. Não me seria possível percorrer a sala se eu não fosse de tal modo que sou aquele que está lá. Nunca estou somente aqui como um corpo encapsulado, mas estou lá, ou seja, tendo sobre mim o espaço. É somente assim que posso percorrer um espaço.”<sup>52</sup>

Fica a questão, os espaços são uma projecção do homem ou o homem é da forma como os espaços lhe permitem projectar-se? Deparamo-nos com uma relação de interdependência e construção mútua. Ao mesmo tempo que o espaço tem para dar aos homens, na medida em que os homens nele existem e nele se projectam, os homens também dão ao espaço, na medida em que o têm sobre eles dando-lhe sentido, na medida em que o próprio espaço também é uma projecção do ser do homem. Ao arquitecto cabe o árduo papel de construir estes espaços que constroem cada um de nós.

O edifício, a casa, o fogo (representações do arquitecto) dão espaço a projecções do indivíduo, do homem. Essas projecções desenvolvem-se numa “região longínqua” onde “memória e imaginação não se deixam dissociar”<sup>53</sup>. E, se “todos os abrigos, todos os refúgios, todos os aposentos têm valores de onirismo consoante”<sup>54</sup>, como pode o arquitecto tomar consciência desses valores? Como pode construir com a imaginação do outro? Ou construir indo ao encontro dela?

Em arquitectura fala-se de intimidade. No desenho falamos das pessoas, do seu estar, da sua intimidade, da sua essência – falamos delas. E falamos disso através de relações espaciais, formas, propriedades do espaço, através de imagens.

---

<sup>52</sup> HEIDEGGER, M. in “*Construir, Habitar, Pensar*” (1954). tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback, p.8

<sup>53</sup> BACHELARD, G. in “*A Poética do Espaço*” (1957), p. 200

<sup>54</sup> IDEM, p.200



A leitura do indivíduo comum da arquitectura tem muito que ver com o seu ser e pouco com o seu saber. Porque “a imagem, em sua simplicidade, não precisa de um saber. Ela é a dádiva de uma consciência ingénua.”<sup>55</sup> Então o encontro daquilo de que fala a arquitectura produz-se no campo da ingenuidade e até da imaginação do homem. Esse encontro, na procura da harmonia do ser, é o conciliar de forças interiores de que nos fala Alexander.

“Em nossa opinião, alma e espírito são indispensáveis para estudar os fenómenos da imagem poética, em seus diversos matizes, a fim de que se possa seguir sobretudo a evolução das imagens poéticas desde o devaneio até a sua execução.”<sup>56</sup>

Admitindo o que afirma Bachelard, asseveramos a necessidade do estudo, do conhecimento (como falar de tais coisas que nunca se podem conhecer?), do contacto com a alma e o espírito daquele que irá habitar, na abordagem ao projecto desde o “devaneio até à sua execução”<sup>57</sup>.

Aquele que pretende projectar já habita e aquele que habita um espaço, o próprio habitante é arquitecto pois constrói os espaços, projecta-os projectando-se neles, constrói com a ferramenta do seu imaginário. Ler arquitectura é falar de nós próprios.

Podemos expressar isto recorrendo a uma formulação de Bachelard que fala de “(...) virtualidades fenomenológicas da leitura, que fazem do leitor um poeta ao nível da imagem lida.”<sup>58</sup>

---

<sup>55</sup> IDEM, P.185

<sup>56</sup> IDEM, p.186

<sup>57</sup> IDEM, p.186

<sup>58</sup> IDEM, P.189



#### 1.4.2 Habitar o espaço

“A relação entre homem e espaço nada mais é do que um habitar pensado de maneira essencial.”<sup>59</sup>

---

<sup>59</sup> HEIDEGGER, M. in “*Construir, Habitar, Pensar*” (1954). tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback, p.8

Seria impossível discutir sobre o homem, o ser e a arquitectura e não referir Martin Heidegger. Face à complexidade da definição da relação entre homem e espaço, no seu ensaio *Construir Habitar Pensar*, Heidegger torna claras as relações entre homem, ser, habitar, espaço entre outros conceitos essenciais neste complexo de fenómenos. E podemos resumir o essencial sobre esta relação de forma simples, citando-o mais uma vez.

“A relação entre homem e espaço nada mais é do que um habitar pensado de maneira essencial.”<sup>60</sup>

“Mas em que consiste o vigor essencial do habitar? Escutemos mais uma vez o dizer da linguagem: da mesma maneira que a antiga palavra *bauen*, o antigo saxão *"wuon"*, o gótico *"wunian"* significam permanecer, "de-morar-se". O gótico *"wunian"* diz, porém, com clareza ainda maior, como se dá a experiência desse permanecer. *Wunian* diz: ser e estar apaziguado, ser e permanecer em paz.”<sup>61</sup>

O conceito de habitar ajuda-nos a tornar mais simples ou pelo menos mais perceptível a relação entre *ser* e *espaço* sobretudo se considerarmos que *habitar* é a nossa maneira de estar no espaço. Um homem é- -o no espaço, habitando-o. Sobre isto Heidegger diz, mais uma vez de forma esclarecedora, que “a maneira como tu és e eu sou, o modo segundo o qual *somos* homens sobre esta terra é o *Buan*, o habitar.”<sup>62</sup> Assinala também que “este, o construir, tem aquele, o habitar, como meta.”<sup>63</sup>. Pondo em especial destaque o conceito de construir podemos sintetizar o essencial se dissermos o seguinte – só construímos porque habitamos e só habitamos porque somos, porque existimos. Ou seja, construímos porque existimos. De sorte que a arquitectura não é só um fruto da nossa existência, mas um “invólucro” e “palco” para ela.

A arquitectura define-se, assim, como esse palco – e o construir define-se como o acto que permite essas vivências, que conduz ao habitar. Construir, pensar arquitectura, deve conduzir à produção de um “invólucro” que albergue as vivências – essa essência na plenitude. Um “invólucro” é ao mesmo tempo um meio e um fim. Pois, para dar palco à essência das coisas, deve existir *com* elas – de tal modo que a partir do momento em que é obra, passa a fazer parte dessa mesma plenitude.

---

<sup>60</sup> IDEM, P.8

<sup>61</sup> IDEM, P.3

<sup>62</sup> IDEM, P.2

<sup>63</sup> IDEM, P.1

“Nessas condições, se nos perguntassem qual o benefício mais precioso da casa, diríamos: a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz.”<sup>64</sup>

“O nosso objectivo está claro agora: é necessário mostrar que a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessa integração, o princípio que faz a ligação é o devaneio.”<sup>65</sup> Construir é mais do que formar espaços, mais do que dar forma à matéria: é edificar lugares. Está, ou deve estar, mais próximo de edificar a essência de uma coisa do que de edificar determinadas qualidades espaciais como fim. Construir é pensar nessas qualidades espaciais como meio, pensar na forma, na matéria, na luz, na articulação entre eles, conduzindo à construção de lugares – espaços com sentido. A meta é a essência das coisas, a qualidade<sup>66</sup> das coisas. É “edificar lugares que propiciam estância e circunstância à quadratura”<sup>67</sup>.

“Os gregos pensam a *tékhnē* (τέχνη), o produzir, a partir do deixar-aparecer... *somente* como um deixar-aparecer que traz o produzido como uma coisa vigente para o meio de coisas já em vigor.”<sup>69</sup>

Se a casa tem de ser da medida do ser, construir deve pensar-se, ao mesmo tempo, *em direcção ao* e *a partir do* habitar. A preocupação do construir é o próprio habitar, na medida em que deve ir ao encontro da essência do habitar, da essência das coisas, da essência do homem. SÓ assim poderá existir em plenitude nessa essência. E há que partir do próprio habitar. Pois para ir ao encontro das essências em causa já deve partir delas. “O construir assim caracterizado é um deixar-habitar privilegiado.”<sup>70</sup> Aqui se evidencia a necessidade de um estudo prévio – cuidado, extenso, pessoal por parte do arquitecto sobre a essência das coisas e do homem para quem

---

<sup>64</sup> BACHELARD, G. in “*A Poética do Espaço*” (1957), p.201

<sup>65</sup> BACHELARD, G. in “*A Poética do Espaço*” (1957), p.201

<sup>66</sup> Alusão ao conceito de “qualidade” referido por Christopher Alexander em “*The Timeless Way of Building*” (1979) anteriormente mencionado no presente trabalho

<sup>67</sup> Aqui referimo-nos à noção de quadratura proposta por Martin Heidegger em “Construir, Habitar, Pensar” (1954): “Os quatro: terra e céu, os divinos e os mortais, pertencem um ao outro numa unidade *originária*.” Chamamos de *quadratura* essa simplicidade. Em *habitando*, os mortais *são* na quadratura.” Sobre o habitar e a relação com este conceito, o autor esclarece ainda: “Salvando a terra, acolhendo o céu, aguardando os deuses, conduzindo os mortais, é assim que acontece propriamente um habitar. Acontece enquanto um resguardo de quatro faces da quadratura. Resguardar diz: abrigar a quadratura em seu vigor de essência.” HEIDEGGER, M. in “*Construir, Habitar, Pensar*” (1954). tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback, p.3 e 4

<sup>68</sup> HEIDEGGER, M. in “*Construir, Habitar, Pensar*” (1954). tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback, p.3

<sup>69</sup> IDEM, p.9

<sup>70</sup> IDEM, p.9

constrói. Se o habitar é uma dimensão já presente no construir, no pensar arquitectura, no projectar, então tem de estar presente em todas as fases do trabalho do arquitecto. Este deve questionar-se: qual o habitar em causa no projecto? É o habitar no entendimento do arquitecto ou no entendimento, nas estruturas significantes, dos futuros habitantes? Os quais em última análise não são apenas futuros, porque já habitam o projecto no presente.

“Enquanto não pensarmos que todo construir é em si mesmo um habitar, não poderemos nem uma só vez *questionar* de maneira suficiente e muito menos decidir de modo apropriado o que o construir de construções é em seu vigor de essência. Não habitamos porque construímos. Ao contrário. Construímos e chegamos a construir à medida que habitamos, ou seja, à medida que somos *como aqueles que habitam*.”<sup>71</sup>

Mais uma vez se atesta a necessidade de estudar os modos de apropriação e expressão dos indivíduos, a necessidade de conhecer os seus hábitos e os seus modos de habitar. Pois só conhecendo aqueles que se vão apropriar dos espaços podemos trabalhar a adequação destes aos seres humanos que os vão, de facto, habitar. Só conhecendo indivíduo podemos caminhar em direcção à integração do mesmo. Só assim o arquitecto pode “controlar” o espaço apropriado.

“O sujeito falante é todo o sujeito”. Não nos parece mais um paradoxo dizer que o sujeito falante está inteiramente contido na imagem poética, pois, se ele não se entregar a ela sem reservas, não entrará no espaço poético da imagem.”<sup>72</sup>

Assim, nunca existem futuros habitantes porque o habitar já está presente (e é sempre já mais do que futuro) em todas as dimensões do projecto. E nunca existe um projecto futuro: ele é sempre já presente porque desde o início o projecto é intrinsecamente relativo ao habitar, à essência.

“Somente em sendo capazes de habitar é que podemos construir.”<sup>73</sup>

Estas são questões que importa manter despertas para não perdermos de vista a dimensão ontológica do homem, no sentido da arquitectura e no seu processo de construção. Trata-se de questões essenciais para a profissão do arquitecto e todo o processo da prática e do desenho da arquitectura. Tudo isto para evitar que “o sentido próprio de construir, a saber, o habitar, caia no

---

<sup>71</sup> IDEM, p.3

<sup>72</sup> BACHELARD, G. in “*A Poética do Espaço*” (1957), p.191

<sup>73</sup> HEIDEGGER, M. in “*Construir, Habitar, Pensar*” (1954). tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback, p.9

esquecimento.”<sup>74</sup> As variáveis e as dimensões da arquitectura são tantas e tão imensas que facilmente podemos perder-nos no labirinto delas e deixar que aquela que aqui pusemos em destaque “caia no esquecimento”. Resta-nos a dúvida sobre se esta essência do próprio homem, os seus modos de ser e estar, de habitar, são hoje em dia devidamente tidas em conta na fase prévia à construção, na fase do desenho e até da ideia.

“As habitações são hoje bem divididas, fáceis de se administrar, economicamente acessíveis, bem arejadas, iluminadas e ensolaradas. Mas será que as habitações trazem nelas mesmas a garantia de que aí acontece um *habitar*?”<sup>75</sup>

Será que hoje, em especial no caso da habitação social, deixamos que as preocupações sobre diversas condições espaciais e problemáticas económicas se sobreponham à preocupação sobre o próprio habitante e o seu modo de ser? Falar e pensar sobre essas preocupações e condições não é suficiente para a arquitectura, porque não é suficiente para o homem. Pois elas apenas “caracterizam o aposento simples em sua actualidade, sem viver na verdade a sua primitividade, uma primitividade que pertence a todos, ricos e pobres, se aceitarem sonhar”<sup>76</sup>.

Mas em concreto, como podemos adoptar esta perspectiva relativamente à arquitectura? De que forma poderemos tomá-la num princípio rector e convertê-la numa prática de projecto? Como pensar a arquitectura desta forma? Quais são as variáveis da arquitectura que nos podem ajudar a pôr isto em prática? Quais são os elementos que podemos trabalhar para nos mantermos focados na problemática do ser?

---

<sup>74</sup> IDEM, p.2

<sup>75</sup> IDEM, p.1

<sup>76</sup> BACHELARD, G. in “*A Poética do Espaço*” (1957), p.199





## **1.5 Encontrar valores simbólicos e factores ontológicos nas variáveis arquitectónicas**

“Os elevadores destroem os heroísmos da escada. Já quase não há mérito em morar perto do céu.”<sup>77</sup>

---

<sup>77</sup> BACHELARD, G. in *“A Poética do Espaço”* (1957), p.214

Como refere Christopher Alexander, em *The Timeless Way* (1979), o problema mais básico de um edifício ou cidade é: de que é feito? Qual é a sua estrutura? Qual a sua essência física? Quais são os blocos constituintes dos espaço? Deparados com este problema básico, depois de nos debruçarmos sobre a presença da ontologia na disciplina de arquitectura, é compreensível (é, aliás, fundamental) perguntamo-nos de que forma a essência física do edifício carrega os factores ontológicos, os valores simbólicos.

Levamos em conta que o homem, ao apropriar-se do espaço, responde a significados e mensagens que nele encontra, responde a estímulos, (é portanto um “ser sensível que responde ao mundo”) e isso de tal modo que lê os significados e as mensagens segundo o seu próprio “mundo”.<sup>78</sup> Procuramos agora quais os elementos a que esse ser sensível responde, quais os elementos que devemos controlar para poder controlar o espaço apropriado. Quais as variáveis em arquitectura que conduzem à expressão procurada do ser? Quais são as dimensões/matérias da arquitectura que nos podem levar ao controlo do espaço apropriado? Quais são essas dimensões/matérias que podemos trabalhar quando a nossa preocupação fundamental é a problemática do ser?

Bachelard diz-nos que a “(...) representação é dominada pela Imaginação. A representação não é mais que um corpo de expressões para comunicar aos outros as nossas próprias imagens.”<sup>79</sup> Uma parede, mais do que separar o interior do exterior, é um elemento simbólico que nos define, ao separar mundos dentro de nós. As decisões de projecto são a língua do arquitecto, a sua forma de comunicar. Ele comunica o ser que também existe dentro dele e as suas realidades imaginadas.

Com a *Poética do espaço* (1957), acordamos para a necessidade de cuidar do imaginário e aprendemos que uma das dimensões mais importantes a trabalhar é a relação entre imaginários que está inevitavelmente implicada na criação de um projecto. Pois, se é verdade que “representação é dominada pela imaginação”, também é verdade que a apropriação é dominada pela imaginação.

---

<sup>78</sup> “O mundo que se dá aos sentidos e ao estado do corpo tornam-se assim interdependentes. O mundo articulado pelo corpo é um espaço vivido, habitado. O corpo articula o mundo. Simultaneamente o corpo é articulado pelo mundo. Quando ‘Eu’ apreendo o betão como sendo qualquer coisa fria e dura, ‘Eu’ reconheço o corpo como sendo quente e macio, moldo o corpo na sua relação dinâmica com o mundo torna-se o *Shintai*. O *Shintai* é o ser sensível que responde ao mundo.” ANDO, T. através de Frampton, K. In “*Introdução ao Estudo da Cultura Tectónica*” (1998), p. 32

<sup>79</sup> BACHELARD, G. in “*A Poética do Espaço*” (1957), p.295

“Todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa. Veremos, no decorrer de nossa obra, como a imaginação trabalha nesse sentido quando o ser encontrou o menor abrigo: veremos a imaginação construir "paredes" com sombras impalpáveis, reconfortar-se com ilusões de protecção ou, inversamente, tremer atrás de um grande muro, duvidar das mais sólidas muralhas. Em suma, na mais interminável dialéctica, o ser abrigado sensibiliza os limites do seu abrigo. Vive a casa na sua realidade e sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos.”<sup>80</sup>

Na procura das variáveis a controlar, a dimensão do imaginário tem um lugar na primeira fila. Uma das primeiras lições é procurar dar lugar ao imaginário de cada um, dar oportunidade à apropriação, dar espaços à intimidade. “É preciso procurar na casa múltiplos centros de simplicidade.”<sup>81</sup>

Como diz Preziosi, “The component units of an architectonic code defined by contrasts in geometric and material formation are not all meaningful in the same way. It has become evident in architectonic analysis over the past decade that an architectonic code comprises a hierarchically-ordered system of signs of various characteristic types.”<sup>82</sup>

A tomada de consciência da importância dos valores simbólicos de cada elemento, e os pesos diferentes que assumem, leva-nos a questionar: quais as variáveis na arquitectura que podem carregar maior simbolismo?

No jogo da arquitectura entram atributos físicos muito diversos como qualidades formais do edifício, configurações espaciais, materialidade, natureza e nível de iluminação, contraste, temperatura até permanência ou complexidade. Estes podem ser objecto de julgamentos avaliativos como satisfação, agradabilidade, utilidade, segurança, conforto, potência, entusiasmo e beleza. (Hershberger, R. e Cass, R., 1992) A escala de factores de apreciação é vasta e subjectiva. No exercício de projecto, é importante explorar cada uma delas e, para cada uma, levantar questões como “How do the directionality, color, level of illumination, and contrasts between light and shade convey meaning in different situations in different cultural

---

<sup>80</sup> IDEM, p.200

<sup>81</sup> IDEM, 216

<sup>82</sup> “As unidades componentes de um código arquitectónico definido por contrastes entre formações geométricas e materiais não são todas significantes do mesmo modo: Na passada década, tornou-se evidente na análise da arquitectura que o código arquitectónico compreende um sistema hierárquico de signos de vários tipos característicos.” (T.L. da autora), PREZIOSI, D. in “*Architecture, Language and Meaning*” (1979), p.6

contexts?”<sup>83</sup> Existe um sem número de questões deste tipo que podemos suscitar. Mas o universo da percepção é tão único e influenciável que as respostas não seriam nunca exactas ou necessariamente correctas.

“The principal formative elements of the code – what constitutes its “vocabulary”, so to speak – consist of distinctions in formation *per se* beneath the material contextual variation explicit in architectonic objects. Hence, while it has become clear that as a system the code is designed in ways which are correlative to the formative processes of linguistic systems, the multidimensional complexities of the code, manifest both spatially and temporally, are both unique and extraordinary.”<sup>84</sup>

A ideia de que existe uma complexidade extraordinária no sistema de relações que compõem o código de arquitectura leva-nos a perceber como esse sistema compõe, através dessas relações criadas, no seio de todos os elementos que usa, os significados do espaço. Esses são, como o sistema, “únicos e extraordinários”.

Anteriormente questionámo-nos sobre como garantir a relação com o habitar: como pensar a arquitectura desta forma? Quais são as dimensões ou matérias da arquitectura que nos podem ajudar a garantir isso? Quais são essas matérias que podemos trabalhar para lidarmos tão especificamente quanto possível com a problemática do ser? Em última análise a resposta é a seguinte: todas. Tudo na arquitectura nos estimula, nos influencia. É na arquitectura como um todo que existimos. Não é unicamente o facto de termos um vestíbulo que simboliza a entrada ou unicamente a forma como um quarto é iluminado que conduz o nosso ser e a nossa expressão como homens a acontecer. Sucede antes que a circunstância verdadeiramente determinante é o conjunto de todas essas dimensões/matérias. É o conjunto que nos influi, que comunica connosco, que nos conduz às vivências do dia-a-dia. O imaginário não escolhe matéria; a essência do nosso “ser sensível”<sup>85</sup> não exclui nenhuma matéria na sua transformação.

---

<sup>83</sup> “Como é que a direcionalidade, a cor, o nível de iluminação e os contrastes entre luz e sombra transmitem significado em diferentes situações, em diferentes contextos culturais?” (T.L. da autora), LANG, J. in “Symbolic aesthetics in architecture: toward a research agenda” in “*Environmental Aesthetics*” (1992), p.196

<sup>84</sup> “Os principais elementos formativos do código – aquilo que, por assim dizer, constitui o seu vocabulário – consistem em distinções na formação *per se* sob a capa da variação material contextual explícita nos objectos arquitectónicos. Logo, enquanto se tornou claro que, enquanto sistema, o código é desenhado de formas que têm correlação com os processos formativos de sistemas linguísticos, as complexidades multidimensionais do código, manifestadas tanto no espaço quanto e no tempo, são únicas e extraordinárias.” (T.L. da autora), PREZIOSI, D. in “*Architecture, Language and Meaning*” (1979), p.7

<sup>85</sup> Alusão ao conceito referido anteriormente por Tadao Ando

“As a system of relationships, the architectonic code signifies conceptual associations through similarities and differences in visually-palpable formation. The amount of potential variation in a built environment may seem at first glance to be impossibly enormous. A glance down any street will reveal a multidimensional mosaic of colors, textures, shapes, sizes, and materials. But a closer look will reveal the presence of the same color applied to differently shaped formations, or different colors applied to identically shaped formations, or of different colors applied to identically shaped formations which are of different relative sizes. Moreover, each of these permutations may be multiplied across contrastive materials, or across contrastive textures of the same materials.”<sup>86</sup>

Não se trata de identificar as matérias que carregam simbolismo, pois não existe exceção. O controlo do espaço com significado surge das relações entre elementos. Os significados e as mensagens encontram-se num sistema de relações cuja complexidade está intrinsecamente ligada, mais do que a qualquer outro elemento, ao próprio homem. Não se trata de identificar, decompor, conhecer matérias, trata-se de conhecer o homem.

---

<sup>86</sup> “Enquanto sistema de relações, o código arquitectónico exprime associações conceptuais através de similaridades e diferenças numa formação visual e palpável. A amplitude de variação potencial no ambiente construído pode parecer, à primeira vista, incrivelmente grande. Um olhar de relance a qualquer rua revelará um mosaico multidimensional de cores, texturas, formas, tamanhos e materiais. Mas um olhar mais atento revelará a presença da mesma cor aplicada a formações com diferentes formas, ou diferentes cores aplicadas a formações com formas idênticas, ou diferentes cores aplicadas a formações com formas idênticas de tamanhos relativos diferentes. Além disso, cada uma destas permutações pode ser multiplicada pelos materiais contrastantes, ou por via de texturas contrastantes dos mesmos materiais.” (T.L. da autora), PREZIOSI, D. in “*Architecture, Language and Meaning*” (1979), p.5



## II. Bairro do Barruncho: ler o lugar



O exercício de projecto, que a presente investigação acompanha, apresenta o desafio de pensar a sustentabilidade do ser e do encontro de culturas e modos de estar no Bairro do Barruncho.

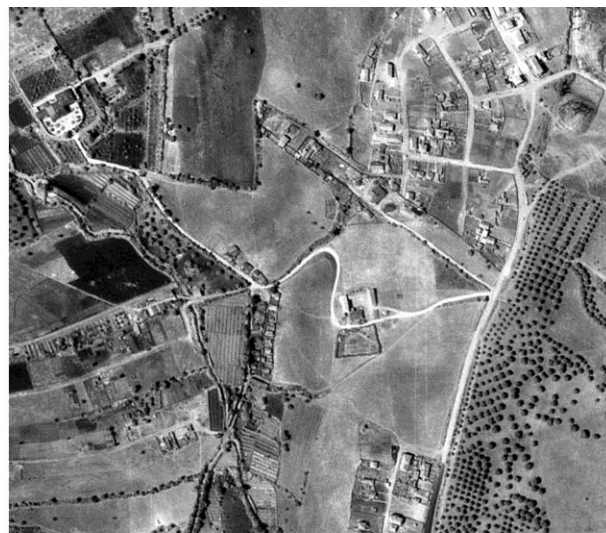
O Bairro do Barruncho é um bairro nas franjas da cidade de Lisboa, no Concelho de Odivelas. O terreno de intervenção é actualmente ocupado por casas de carácter ilegal e com fracas condições de habitabilidade. As habitações inserem-se actualmente num contexto carenciado a vários níveis. Nelas residem habitantes de origens e etnias variadas que nos trazem um contexto singular. Assim, estimulado pelas problemáticas contemporâneas no território assinalado, o projecto aqui em causa visa suprir algumas necessidades básicas dos habitantes, criar espaços de qualidade para o seu dia-a-dia e integrar diferentes modos de vida através da reabilitação do Bairro do Barruncho e da integração de comunidades e bairros que, presentemente, se encontram desarticulados.

## **2.1 A construção de um lugar**

O Bairro do Barruncho é um núcleo habitacional que cresceu e se desenvolveu após meados do século XX na Póvoa de Santo Adrião. Todo o núcleo foi sendo composto por habitações construídas e implantadas pelos próprios habitantes, que assim foram definindo o bairro à medida que se mudavam para lá. As primeiras habitações clandestinas, pouco mais de uma dezena, foram surgindo nos anos 60 e 70. As duas décadas seguintes – 80 e 90 – viram o bairro crescer exponencialmente, com a vinda de mais 100 famílias (designadamente 47 na primeira década assinalada e 60 na segunda). (figuras 1, 2, 3, 4, 5 e 6)

Durantes as décadas de 60 e 70, famílias de proveniência portuguesa foram ocupando o terreno. Pagavam renda aos proprietários e construíram clandestinamente as suas casas e também pequenas hortas e quintais – aproveitando assim o potencial de cultivo do terreno. O grande crescimento do número de habitantes, nas duas décadas seguintes, deu-se por ocupação de imigrantes vindos dos PALOP's (Cabo Verde; Guiné; Angola e Moçambique) e também de portugueses retornados. Na maior parte dos casos, este crescimento correspondeu à vinda de homens jovens à procura de trabalho na construção civil e de pequenos agregados de cerca de 2 a 3 pessoas. Tudo isto levou a um desenvolvimento e transformação das habitações, que foram sendo implantadas de modo disperso no terreno e construídas com a utilização de materiais mais consistentes, como o cimento e alvenaria de tijolo.





**Figuras 1, 2, 3, 4, 5 e 6** | Evolução da área de intervenção – Bairro do Barruncho. Imagens datadas de 1944, 1965, 1982, 1990, 1998 e 2013 da esquerda para a direita e de cima para baixo, respectivamente.

Assim, o terreno foi sendo ocupado e os próprios habitantes foram desenhando e definindo o Bairro do Barruncho e aquilo que ele é hoje. Actualmente continua a ser habitado por uma população maioritariamente imigrante em Portugal – pessoas originárias de culturas, etnias e nacionalidades diversas.

Em resultado de tudo isto, o bairro caracteriza-se actualmente por um “mix cultural”. Tem presentemente um total de 540 habitantes. Sente-se uma forte presença de etnias africanas, que compreendem mais de 80% dos moradores, sendo a maioria cabo-verdiana. Segue-se a naturalidade portuguesa, existindo também uma comunidade cigana, que representa cerca de 5% da população. Regista-se ainda uma presença muito reduzida de habitantes de nacionalidade francesa e brasileira – 0,4% e 0,2% da população, respectivamente. Esta complexidade cultural é fruto da procura dos moradores que se instalaram neste território, muitos provenientes de outro países ou outras realidades e que vieram em busca de oportunidades diferentes.

Relativamente à população que habita o bairro, o registo mais recente é de 118 agregados familiares, com 122 habitações construídas (são os dados de 2006, recolhidos num inquérito realizado pela Câmara Municipal de Odivelas). Não existe outro registo mais actual e exacto. Mas, nos *Termos de Referência para a Elaboração do Plano de Pormenor de Reabilitação Urbana do Sítio do Barruncho*, documento datado de Abril de 2009, faz-se referência a cerca de 130 agregados familiares.

Ao contrário da estrutura etária portuguesa, o núcleo do Barruncho é actualmente composto por uma população maioritariamente jovem – com mais de 50% da população abaixo dos 24 anos e com uma população idosa muito reduzida (abaixo dos 5%).<sup>87</sup>

Relativamente à composição dos agregados familiares, neste núcleo habitacional verifica-se a prevalência de famílias de média dimensão (4 a 5 pessoas); seguem-se as famílias de pequena dimensão (2 a 3 pessoas). Há ainda uma pequena percentagem (de apenas 5%) de famílias unipessoais. Existe também um considerável número de famílias de grande dimensão, até 14 pessoas – que, perfazendo 30%, reflecte culturalmente a origem da população. A média é de 4,7 pessoas por agregado – um valor superior à média do concelho de Odivelas e da AML<sup>88, 89</sup>. Um outro aspecto a ter em conta neste bairro é um significativo número de casos em que, apesar de os agregados serem de os agregados serem considerados diferentes, existem muitas ligações familiares entre os habitantes o que leva, por vezes, a níveis elevados de ocupação dos

---

<sup>87</sup> Fonte: INE, I.P. Lisboa, Portugal, 2011, AML e CMO

<sup>88</sup> Área Metropolitana de Lisboa

<sup>89</sup> Fonte: TOMÁS, A. M. – “*Realojamento Social em Portugal, Estudo sobre as expectativas e necessidades da população residente no Bairro do Barruncho face ao futuro realojamento*” (2011)

alojamentos. Com o passar do tempo, o crescimento das famílias que habitam o Barruncho reflecte-se na composição do bairro e na sua vivência. Grande parte da população veio juntar-se a parentes próximos e muitos já nasceram no bairro. Muitas famílias partilham a casa entre pais, filhos, netos, primos, parentes chegados... Tudo isto cria um ambiente familiar e chegado, não só dentro de casa mas também nas estreitas ruas que dividem as habitações, nos telhados exteriores e pátios de encontro. A população mostra tendência para continuar o aumento da dimensão das famílias, devido à elevada taxa de natalidade, e à frequência dos fenómenos de reagrupamento familiar.

No que diz respeito à escolaridade, a população do bairro apresenta um grau de instrução baixo. Quanto às condições profissionais, 41% da população é empregada, enquanto 26% estuda. Cerca de, 33% da população encontra-se inactiva<sup>90</sup> – um número elevado face à reduzida percentagem de população idosa. É comum verem-se jovens no bairro durante o dia, sentados, a conversar, a observar... Na população mais adulta, muitos correm no dia-a-dia entre trabalhos e trazem para dentro do bairro a “correria” – mas também a alegria de cuidar de uma família grande. A população idosa é mais recolhida, os pequenos pátios e telheiros e também as zonas sociais associadas à cozinha, perto da entrada da casa, oferecem um abrigo para estar.

A grande maioria da população, cerca de 80%, auferir um valor inferior ao salário mínimo nacional. De facto, 33% recebe menos de 300 euros mensais. O baixo nível socioeconómico vem acentuar as condições precárias existentes contrariando a vontade de habitar um bairro mais desenvolvido e mais humano.

## **2.2 Limites e objectivos**

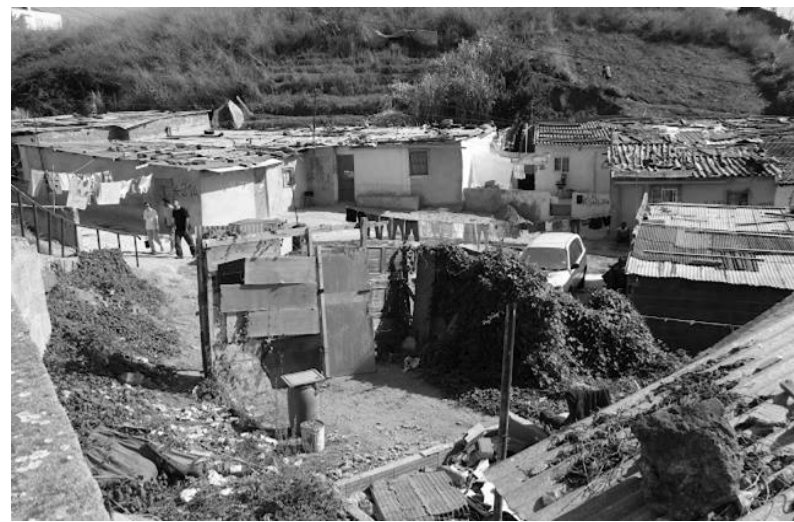
Como se apontou, o núcleo habitacional do Barruncho situa-se na periferia da cidade de Lisboa, no Concelho de Odivelas, freguesia da Póvoa de Santo Adrião. O terreno de intervenção tem sido alvo de atenção e preocupação por parte da Câmara Municipal de Odivelas, que tem procurado encontrar soluções urbanísticas para as problemáticas do bairro como núcleo urbano e também para o realojamento dos moradores.

O Plano Director Municipal (PDM) que vigora actualmente no território corresponde ao PDM de Loures. Com os seus actuais limites, o Concelho de Odivelas, ao qual pertence o núcleo habitacional em estudo, nasceu em 1999. De tudo isto resulta que as directrizes presentes não correspondem às necessidades do território. Assim, já considerado como AUGI<sup>91</sup> e elaborados

---

<sup>90</sup> Fonte: TOMÁS, A. M. – *“Realojamento Social em Portugal, Estudo sobre as expectativas e necessidades da população residente no Bairro do Barruncho face ao futuro realojamento”* (2011)

<sup>91</sup> Área Urbana de Génese Ilegal



## **Figuras 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13 | Caracterização geral do bairro**

os termos de referência para um Plano de Pormenor (PP), em Outubro de 2009 decreta-se também o sítio do Barruncho como ACRRU<sup>92</sup> devido “à gravidade das condições urbanísticas, sociais e ambientais existentes que urge resolver e que não se compadecem com os prazos necessários à conclusão do processo de elaboração do competente plano de pormenor.”<sup>93</sup>. (figura 14)

A área de intervenção abrange 112 726,82 m<sup>2</sup>. Coincide com a área do PP e os limites definidos pela ACRRU. (figura 15) O terreno situa-se entre limites de freguesias e é ladeado por terrenos desocupados, principalmente a noroeste, e zonas residenciais de moradias unifamiliares, principalmente a norte, oeste e sudeste, e também pelo muro da escola Básica Carlos Paredes (2º e 3º ciclos), a este. A sul existe, entre terrenos baldios, uma pequena zona mais industrial.

Actualmente, o terreno é composto por um conjunto de barracas que se encontram distribuídas por núcleos legíveis e algumas de distribuição dispersa. Destas habitações clandestinas muitas já foram recenseadas no PER<sup>94</sup>. Entre alojamentos recenseados, existem 60 PER, 49 não PER e 8 habitações PER cujos moradores, por sua vez, não estão inscritos no programa. (figura 16) Há também, associada às habitações, uma divisão informal de pequenas hortas e algumas pré-existências, nomeadamente as ruínas de uma antiga fábrica de peles e outras quintas de carácter habitacional. O sítio engloba um conjunto de terrenos verdes baldios, uma grande área desocupada e não pavimentada, superior às áreas edificadas. As barracas instalam-se em terrenos acidentados acompanhando duas pendentes que se encontram num vale com linha de água, desaproveitada.

Dada a história informal da sua construção, o sítio não possui quaisquer infra-estruturas urbanísticas, sanitárias, eléctricas, entre outras, e o seu edificado e morfologia apresentam-se de forma não consolidada. Cria-se assim um ambiente inseguro e insalubre – e os moradores habitam em condições precárias.

Associado a todas estas características, acresce o isolamento do bairro, que se encontra segregado da malha urbana e dissociado dos usos urbanos que caracterizam as áreas adjacentes. A este “isolamento” não é estranho um sistema viário disfuncional. Todos estes factores contribuem para o desequilíbrio social, ambiental e urbano do núcleo do Barruncho.

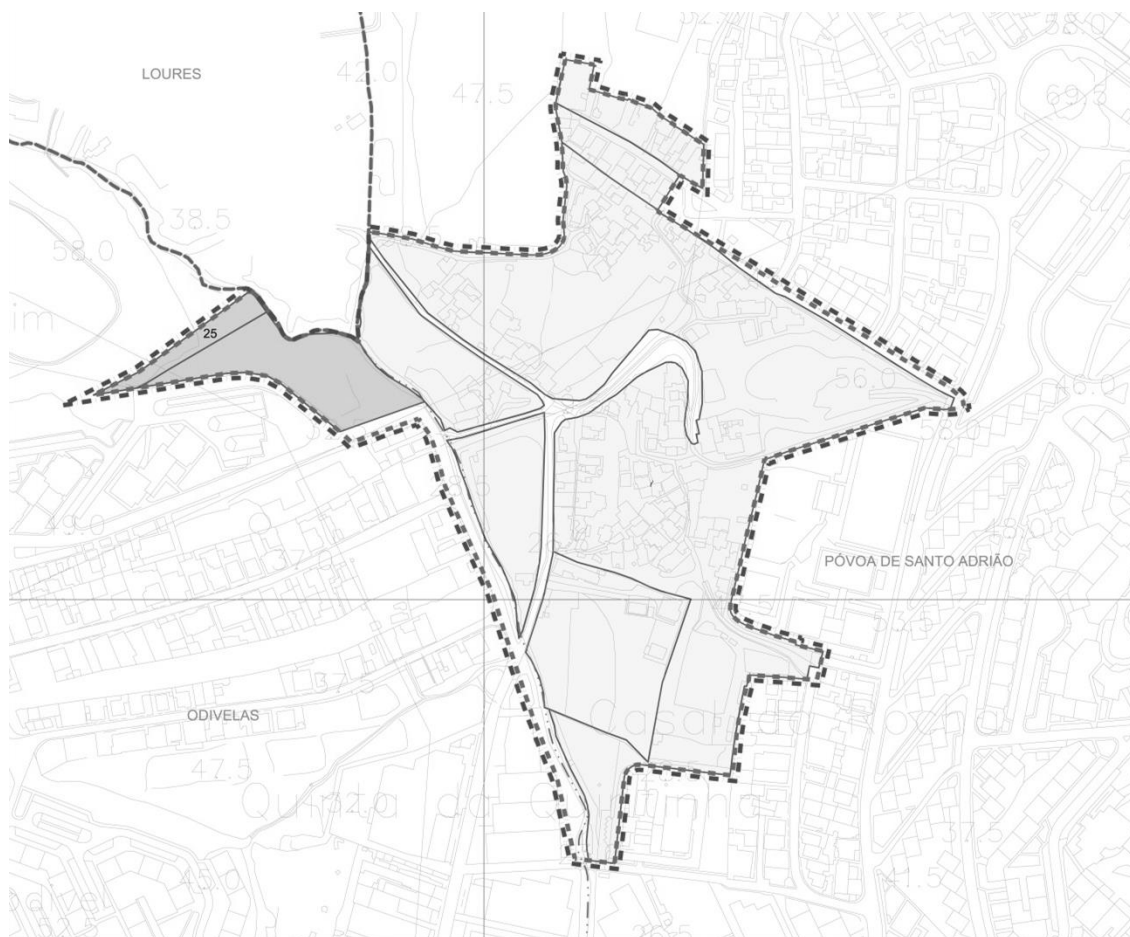
---

<sup>92</sup> Área Crítica de Recuperação e Reconversão Urbanística

<sup>93</sup> Citação de *Diário da República*, 1.ª série — N.º 205 — 22 de Outubro de 2009, Decreto n.º 26/2009

<sup>94</sup> Programa Especial de Realojamento

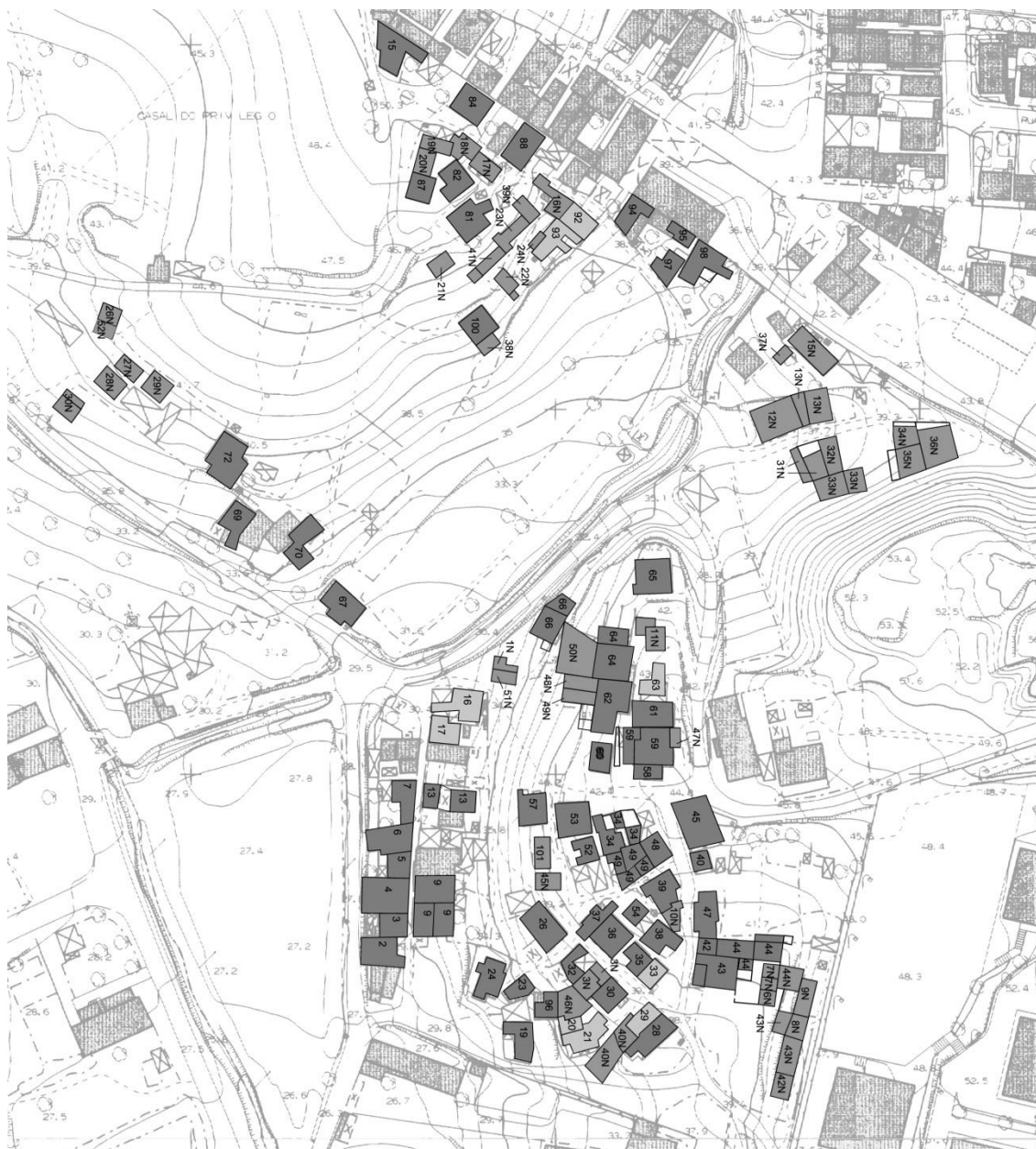







**Figura 14** | Planta de delimitação da ACRRU do sítio do Barruncho



**Figura 15** | Foto aérea do sítio do Barruncho com delimitação do terreno de intervenção



-  Alojamentos PER  
60
-  Alojamentos PER  
Pessoas Não PER  
8
-  Alojamentos Não PER  
49

**Figura 16 |** Planta do bairro  
com identificação dos alojamentos PER

### 2.3 Um bairro a retalhos

Nas visitas ao bairro, em entrevistas e outros momentos de contacto com aqueles que o habitam, percebe-se que é reduzido o número daqueles que não gostam do bairro onde vivem. Para a maioria existe uma forte relação com a vizinhança e com a origem do bairro e este é um dos factores que traz mais valor à sua vivência. Entre os motivos que trazem menos afecto pelo bairro destacam-se a sua insalubridade, a marginalidade e insegurança – e também a “desunião” do bairro.

Quanto a equipamentos e serviços, o bairro é relativamente bem provido. Tem adjacente uma escola do 2º e 3º ciclos, sendo o concelho também bem servido de outros equipamentos académicos. Há também na rua adjacente, a este, serviços de polícia, a Igreja nova junto ao mercado e um centro de saúde. A tudo isto junta-se um parque que pertence à zona onde foram construídos edifícios de habitação social. Os habitantes sentem a falta de um sistema de transportes mais completo. Na verdade, também referem falta de equipamentos como motivo de descontentamento. Grande parte também manifesta sentir falta de um equipamento desportivo, para jogos de futebol, bem como de um espaço recreativo, de uma associação de moradores e de espaços próprios para crianças (que ficam muitas vezes em casa durante o dia, com irmãos ou outros familiares). Adilson Monteiro diz-nos: “Gostava que existisse uma creche no bairro.”. A D. Vitalina também expressa essa vontade e acrescenta “tudo para os tirar da rua”. Por sua vez, o Sr. Manuel diz que gostaria de ter mais equipamentos de saúde e desportivos, e que “(...) é necessário um salão, uma associação para se juntarem todos”.

Existem vários tipos de relações entre os moradores e a grande maioria desenvolve bastantes actividades em conjunto. Entre elas, contam-se actividades recreativas – improvisadas em pequenos espaços, telheiros e descampados, (zonas improvisadas devido à falta de equipamentos próprios) – deslocações, visitas (passeios pelas ruas estreitas e características) e actividades religiosas e paroquiais, desenvolvidas dentro do bairro ou na paróquia nova (sediada próxima do bairro, perto do mercado). São também frequentes as ocasiões em que se juntam socialmente para refeições comuns. Nestas e outras ocasiões festivas (como aniversários, baptizados ou outras), os moradores juntam-se nos pátios e cruzamentos do bairro. Desta forma, estabelece-se uma correspondência entre a espacialidade do bairro e estas vivências sociais tão próprias e singulares. Os moradores criam espaços de improviso onde vivem socialmente com liberdade, reinventando o quotidiano ao dançar nas ruas, cozinhar nos pátios, brincar no cimento ou aprender nos telheiros. Apesar da singularidade e liberdade destes acontecimentos, eles continuam a ser condicionados pelo facto de terem lugar em áreas desvalorizadas física e territorialmente, precárias e isoladas relativamente à urbe envolvente.



Entre conversas e momentos passados no bairro e na vizinhança, onde os habitantes do bairro também vivem o seu dia-a-dia, os moradores expressam o seu carinho pelo bairro e são raras as vezes que se ouve a vontade de, em caso de realojamento, mudarem para outro sítio. Mesmo entre os moradores que já foram realojados em outras casas, a relação com o bairro mantém-se forte. As razões para quererem ficar prendem-se muito com as relações que têm com os outros moradores e também aquela que os liga à origem e história do bairro. A força do hábito será igualmente um factor de peso.

“Some people find it very important to communicate meanings about themselves to others through the material artifacts they own or use.”<sup>95</sup>

Todo o bairro do Barruncho foi planeado e edificado pelos próprios moradores. Eles são os arquitectos, os engenheiros, os construtores, os sonhadores do próprio bairro. Isto torna a leitura do bairro e dos seus sinais mais clara e mais directa. Muitas características são fruto das vontades, muitas são inevitáveis (por causa das fracas condições socioeconómicas com que lidam) Mas todas exprimem as vivências que, ao longo do tempo, ergueram o bairro. Ou seja, todas tornam a apropriação destes espaços muito própria. É também desta construção informal que nascem muitas das carências do bairro. O reverso da medalha é que ela nos permite aproximar-nos da leitura que os moradores fazem do seu próprio bairro – aproximar-nos da forma como o percebem, como o vivem o espaço urbano que habitam. A leitura mais directa permite-nos ler melhor os seus próprios sonhos.

“Enfim, as comunidades locais, construídas através da acção colectiva e preservadas pela memória colectiva, constituem fontes específicas de identidade. Essas identidades, no entanto, consistem em reacções defensivas contra as condições impostas pela desordem global e pelas transformações, incontroláveis e em ritmo acelerado. Elas constroem abrigos mas não paraísos.”<sup>96</sup>

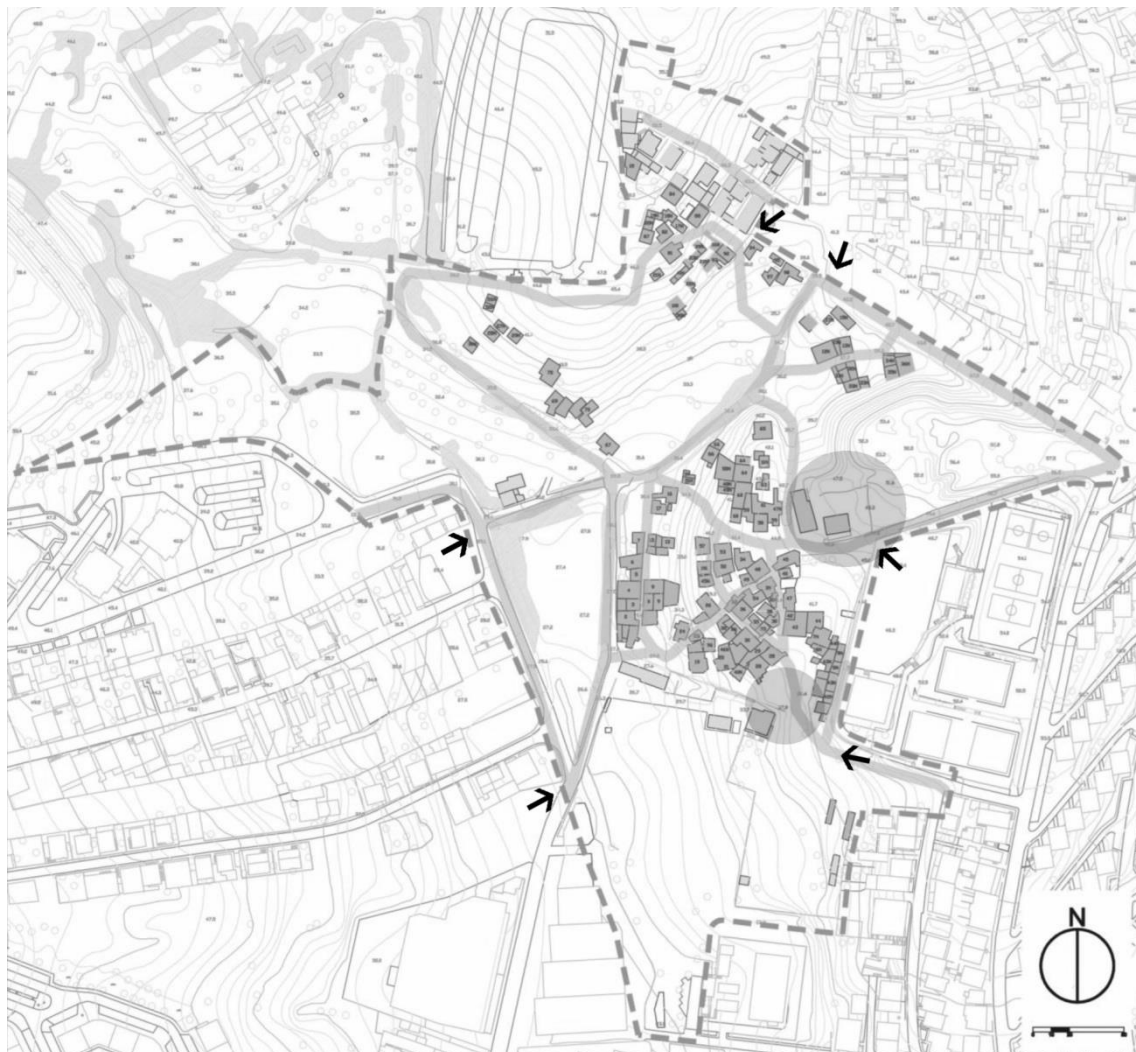
Existem seis entradas para o bairro que caracterizam a forma como se entra e, por isso, como se começa esta experiência urbana. Duas delas situam-se a poente, por ruas vindas do bairro da Mimosa. Outras duas situam-se a nascente, por ruas a norte e a sul da escola. Finalmente, as outras duas entradas situam-se a nordeste, próximas de um largo que separa o núcleo

---

<sup>95</sup> “Algumas pessoas consideram muito importante comunicar significados sobre elas próprias aos outros através de artefactos materiais que possuem ou utilizam.” (T.L. da autora), LANG, J. in “Symbolic aesthetics in architecture: toward a research agenda” in “*Environmental Aesthetics*” (1992), p.15

<sup>96</sup> CASTELLS, M. in “*O Poder da identidade*” (2004), p.81

habitacional do Barruncho da zona residencial a norte. As seis entradas são marcos para os moradores. (figura 17)



**Figura 17** | Planta urbana com o edificado e as principais entradas e percursos assinalados

As habitações distribuem-se horizontalmente pelo bairro, não existindo casas com mais do que um piso. Três factores fazem que as barracas existentes se dividam por vários núcleos: a) fracas condições viárias dentro do bairro, b) a fragilidade acidentada da topologia e c) o próprio “mix cultural”. Assim, além da dissociação da malha urbana, o bairro do Barruncho encontra segregações dentro da sua própria estrutura. Desses núcleos separados nascem separações entre moradores que, não sendo da mesma etnia, muitas vezes também não se identificam e não convivem entre si. A segregação e as condições socioeconómicas fazem sentir alguma insegurança que, como vimos, também é referida pelas pessoas. Diz-nos o Sr. Emanuel que as grades existentes nas janelas não se devem ao medo de pessoas exteriores ao bairro – “esses não se atrevem a entrar – é que aqui no bairro há amizade mas também há muita necessidade.”

No interior do bairro, os caminhos e arruamentos estreitos e sinuosos vão desenhando os percursos que o caracterizam. Estas vias interiores têm algo de labiríntico para quem os percorre pela primeira vez, pois a sua pouca largura não permite ao transeunte orientar-se por referências. No entanto, cada uma delas é característica e ganha forma com as diferentes habitações que a envolvem. São poucas as ruas que permitem a entrada do carro no bairro. Assim o núcleo vê-se livre do trânsito e é muito mais caracterizado pela passagem dos peões. Alguns carros, dos habitantes, vão “perfurando” e trazendo para dentro do bairro algum estacionamento, informal, junto das habitações. Existem, em alguns casos, zonas sombreadas, montadas pelos moradores, próprias para esse fim. Os percursos interiores são acidentados, dada a inconsistência da construção e também devido às grandes variações altimétricas do terreno. A maioria é em terra batida. Alguns são pavimentados por restos de materiais cerâmicos, ganhando uma imagem única. Estas vias captam em grande parte a essência do que é habitar o bairro como zona urbana. (figuras 19, 20 e 21)

Nos cruzamentos das ruas e como fruto da agregação das habitações, surgem zonas de encontro mais abertas onde é comum os moradores juntarem-se, conversarem. Dada a inexistência de outros espaços públicos dentro do núcleo, é nestes encontros que passam uma parte do seu dia. Assim, todos os dias, os moradores vivem a rua, vivem as zonas mais abertas mas delimitadas pelas casas como vestíbulos de convivência. Estas zonas de encontro são marcos do bairro. Do espaço público pode dizer-se que, mais do que informal, padece de uma falta de tratamento.

O edificado é caracterizado pela grande variedade de materiais que lhe dão forma. Esta variedade é expressão do indivíduo, que compõe através da sobreposição. Mas deve-se principalmente à necessidade de recorrer a materiais economicamente acessíveis para quem constrói, e reflecte o poder económico da comunidade. Sendo as barracas construídas à medida que os moradores se mudavam para o bairro, a sua edificação recorreu aos materiais disponíveis. Na sua maioria, as barracas são construídas em alvenaria de tijolo e completadas com outros elementos muito variados que criam uma confusão singular de materialidades. Como acabamentos, algumas habitações têm reboco pintado ou reboco simples, muitas têm tijolo à vista. A madeira e derivados também estão muito presentes em elementos estruturais ou paredes improvisadas com elementos planos – como por exemplo portas. Entre outros, também é comum encontrar materiais cerâmicos, lonas, ou mesmo ráfia e vegetações que providenciam sombreamento. Os materiais metálicos também são comuns – principalmente nas coberturas, maioritariamente feitas de chapas onduladas. Pontualmente também encontramos na cobertura o uso de fibrocimento e telha. É comum em muitas construções encontrarem-se soluções mais irreverentes, como o uso de plásticos, paletes ou mesmo vidros de diferentes origens ou ainda pneus. Estes aspectos construtivos levam-nos a um caos controlado de materiais, texturas e cores que conferem ao bairro um jogo estético muito próprio dos “bairros de lata”. As técnicas

construtivas são rudimentares, por vezes confusas, e é frequente a sobreposição de materiais e técnicas. (figuras 23, 24, 25, 26 e 28) As próprias barracas encontram-se muitas vezes encavalitadas, sobrepostas umas às outras em lógicas desordenadas. Muitas divisões interiores não têm aberturas para o exterior. A inexistência de vãos não permite a iluminação ou ventilação natural. Para além do factor cultural, estes factores também contribuem para que as pessoas que habitam o Barruncho vivam o exterior de forma muito presente.

As coberturas são planas em quase todas as habitações do bairro. Há também uma presença de coberturas com duas águas e, pontualmente, de coberturas inclinadas. Mas aquilo que mais as caracteriza é o uso misto de materiais.

As diferenças materiais conferem também ao bairro e a cada habitação uma identidade própria. Os habitantes, construtores e sonhadores das próprias casa, na medida dos materiais que tinham à sua disposição, converteram esses materiais em factores identitários da sua casa, do seu espaço. É comum encontrarmos outras marcas como placas ou nomes que definem melhor uma rua, uma casa, um espaço, que desta forma se afirmam melhor como um lugar. (figuras 51, 53 e 54)

Dada a carência de infra-estruturas urbanas, também aqui a necessidade encontrou soluções diferentes que caracterizam o bairro. A rede-eléctrica existente dentro do bairro e das habitações é ilegal, feita através de puxadas da rede pública nos postos mais próximos do bairro. Também os caminhos de fios eléctricos marcam presença no céu do bairro. Algo semelhante se passa com a distribuição de água, conquista recente que apresenta deficiências. Muitas tubagens da rede estão visíveis, rompendo pelas paredes, e a evacuação das águas residuais é feita através de fossas ou, pontualmente, corre a céu aberto. Não há pontos de recolha de lixo são dentro do bairro, mas apenas nas suas entradas ou imediações. Esta ausência faz-se sentir-se dentro do bairro que, em espaços abertos, mais ou menos estreitos, em ruas ou em pátios, em becos e vielas, vai acumulando lixo. (figuras 32, 44, 45 e 57) A todas estas soluções de recurso estão associadas condições de insalubridade e problemas ambientais e de insegurança.

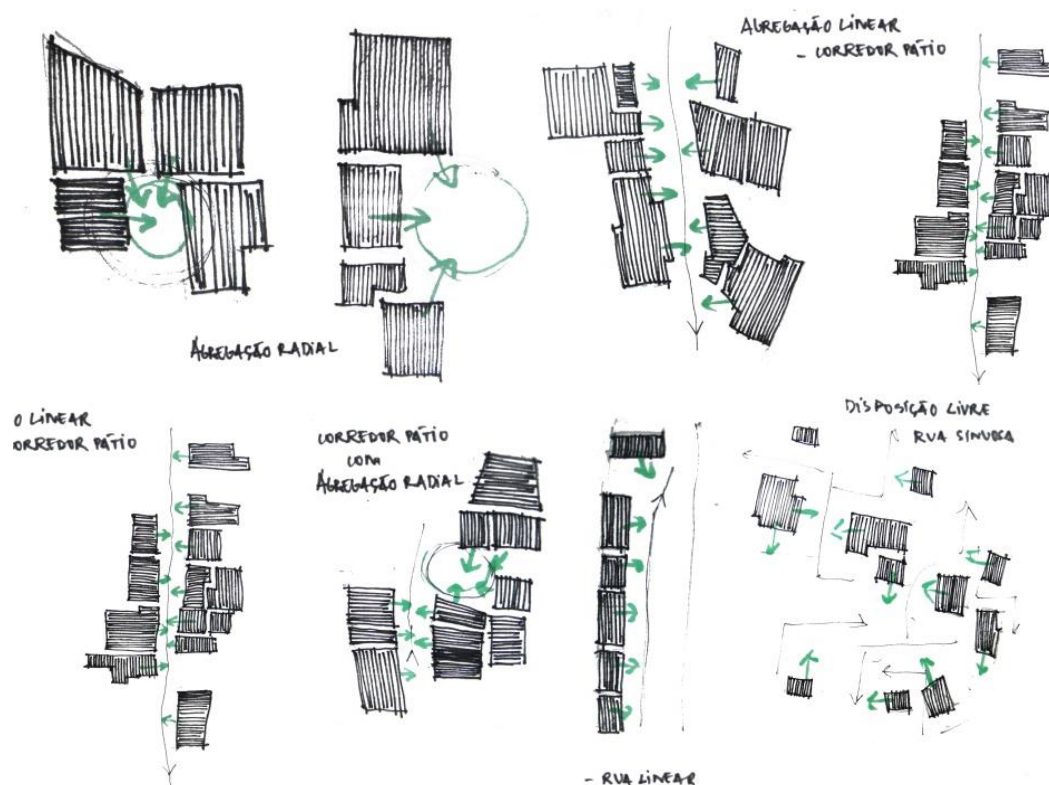
Também fazem parte da malha do Barruncho zonas verdes de cultivo. Estas estão divididas em pequenas hortas associadas às habitações e que funcionam como uma ajuda no sustento das famílias. Encontram-se também, pontualmente, alguns animais. Certas parcelas de terreno pertencem a população não moradora no bairro, que vem inserir-se na vida dele, usufruindo da possibilidade de cultivar.

## **2.4 Habitação informal**

As casas vão subindo a pendente do terreno. Amontoam-se. Foram sendo implantadas de forma livre, seguindo diferentes lógicas de agregação. Estas morfologias dão origem a diferentes

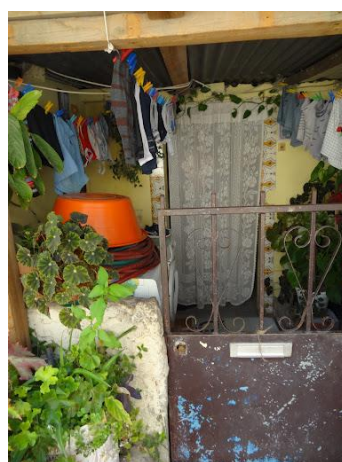
momentos por formarem conformidades espaciais distintas. (figura 18) Percorrer o bairro e estes momentos espaciais significa percorrer diferentes momentos de intimidade, com vivências diversas.

Entre estas lógicas, é frequente encontrarmos o sistema de agregação radial. Nesta lógica, as barracas agregam-se em torno de um espaço central, um pátio. Estes núcleos ou pátios são muitas vezes partilhados pelos moradores. Constituem zonas de encontro que os moradores utilizam para pequenas festas, conversas, refeições... Outro sistema consiste na agregação linear. Esta pode dar origem ao corredor-pátio ou à rua linear. Estas configurações também permitem o encontro entre vizinhos – que lá jogam às cartas, param a caminho de casa para saber a saúde do vizinho, ou colocam uma mesa onde juntam as crianças para aprender. Por vezes, a agregação dá-se de forma tão dispersa que os espaços criados têm um carácter mais livre e desfragmentado. Mas mesmo neste caso, criam as condições suficientes para que as pessoas se juntem, passem parte do seu dia partilhando-o com os vizinhos. A disposição livre das casas também dá origem a ruas não lineares, com um carácter de passagem, mais pequena e labiríntica, tão estreita que o corpo tem de se ajustar aos limites da rua. Estes espaços gerados pelas lógicas de agregação também assumem por vezes um carácter privativo, estando associados aos logradouros das casas. Todos eles, públicos ou privados, em corredor ou pátio, são espaços muito utilizados e muito vividos pela comunidade. Têm qualidades formais muito próprias que conferem ao espaço uma intimidade viva.

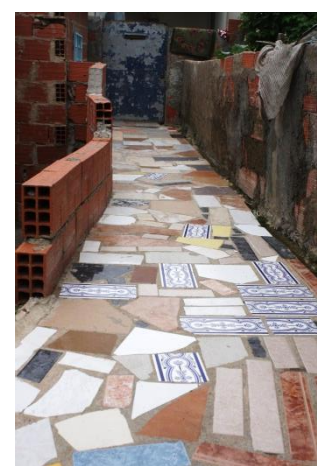


**Figura 18** | Lógicas de agregação existentes no bairro e diferentes momentos espaciais criados. Leia-se, da esquerda para a direita, de cima para baixo: agregação radial; agregação linear – corredor-pátio; corredor pátio com agregação radial; rua linear; disposição livre – rua sinuosa









**Figuras 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57** | A imagem do bairro (figuras numeradas da esquerda para a direita, de cima para baixo)

O núcleo é composto por habitações de apenas um piso, reflectindo o estilo rudimentar de construção, fruto das condições económicas mas principalmente da proximidade do solo e da vivência da rua e do térreo por parte dos habitantes. No que diz respeito à morfologia e tipologia do edificado, encontramos habitações pequenas de formas simples. A construção é rudimentar, dando origem a qualidades formais simples. Em contraste com a dimensão dos agregados familiares, os alojamentos contam com uma área muito reduzida e condições de habitabilidade precárias. Dado a tendência para o crescimento de pessoas em cada família, a necessidade leva a soluções de recurso a adaptações e à flexibilidade forçada dos espaços interiores – gerando-se assim uma miscigenação de funções. As formas vão sofrendo alterações, por vezes acrescentando anexos, e a apropriação torna-se difusa.

“Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela.”<sup>97</sup>

A entrada da casa faz-se normalmente por espaços sociais que, mais próximos do exterior, são espaços muito vividos. Estas zonas comuns estão normalmente associadas à cozinha e a momentos partilhados entre moradores da casa (e também entre vizinhos). Em resultado da construção precária e também da sobreposição entre habitações, as zonas que se seguem são normalmente desprovidas de iluminação natural, com a ausência de vãos. Estes são normalmente espaços mais íntimos onde habitam apenas os moradores da casa. Há ainda áreas mais restritas, de quartos, e, em alguns casos, outras salas, mais interiores, para usos mais privados, menos partilhados.

É muito comum haver, associado à casa e antecedendo a entrada, um telheiro ou pequeno espaço sombreado, pertencente ao morador. É apropriado e construído por cada morador de forma diferente, revelando no que diz respeito aos indivíduos, a forma como cada um percebe o seu próprio espaço e, no que diz respeito à comunidade, o cruzamento das diversas vontades de usufruir destes espaços. Estes pequenos quintais exteriores agregados à casa são telheiros, zonas comuns, partilhadas – para estar, morar. Estas zonas não são privadas no sentido estrito. Também proporcionam o encontro entre vizinhos, como o pátio da D. Conceição ou o do Sr. Pedro (onde se festejam baptizados) ou o telheiro da D. Isabel que ela mesma descreve nestes termos: “as crianças estudam a catequese aqui”. Estes lugares partilhados são marcos do bairro. (figuras 33, 34, 35, 37 e 38)

---

<sup>97</sup> BACHELARD, G. in “*A Poética do Espaço*” (1957), p.199



Assim, no percurso do bairro encontramos diversos momentos de intimidade. Ao sair da malha formal da freguesia e entrar no bairro do Barruncho, encontramos-nos em pequenas ruas mais estreitas – que se tornam já espaços mais intimistas do que a rua a que estamos habituados. Entre as vias, encontramos zonas de encontro como pátios ou pequenos corredores que nos acolhem de uma outra forma. Antes de entrarmos na casa, na maioria das vezes, entramos primeiro num telheiro – que como vestíbulo, precede a casa, fazendo de certo modo já parte dela. Ao entrarmos na casa, encontramos primeiro as zonas sociais, associadas à cozinha, com uma intimidade já familiar mas que ainda acolhe estranhos à casa. Daqui para o interior da casa passamos já a espaços totalmente privados, utilizados apenas pelos moradores da casa, num nível de intimidade máximo.

## **2.5 Ser e Estar – Habitar no Bairro do Barruncho**

A qualidade que pretendemos encontrar – que, com esta análise, pretendemos ler no bairro – prende-se principalmente com modos de estar.

“This quality is the most fundamental quality there is in anything. It is never twice the same, because it always takes its shape from the particular place in which it occurs.

In one place it is calm, in another it is stormy; in one person it is tidy; in another it is careless; in one house it is light; in another it is dark; in one room it is soft and quiet; in another it is yellow. In one family it is a love of picnics; in another dancing; in another playing poker; in another group of people it is not family life at all.

It is a subtle kind of freedom from inner contradictions.”<sup>98</sup>

De entre as características apuradas no bairro, as formas como se desenvolve o conjunto de relações que cosim este bairro a retalhos são aquelas que nos parecem mais relevantes, mais reveladoras, mais significantes, mais essenciais à construção do novo bairro. É nelas que reconhecemos as qualidades essenciais de representar para que, no realojamento, os habitantes possam manter-se em sintonia com o lugar. Falamos de relações do homem com o espaço, de

---

<sup>98</sup> “Esta qualidade é a qualidade mais fundamental que pode existir em qualquer coisa. Nunca é a mesma duas vezes, porque sempre toma a sua forma a partir do sítio particular onde ocorre.

Num sítio é calma, noutra tempestuosa; numa pessoa é arrumada, noutra a sua descuidada; numa casa é a luz, noutra a escuridão; num compartimento é suave e sossegada; noutra é amarela. Numa família é o amor pelos picnics; noutra a dança; noutra o jogar poker; noutra grupo de pessoas não é de toda a vida familiar.

É um subtil tipo de liberdade de contradições internas.” (T.L. da autora), ALEXANDER, C. in “*The Timeless Way of Building*” (1979), p.26

hierarquias entre exterior-interior; de relações entre diferentes vias que nos permitem viver o percurso do bairro na sua essência. Falamos de relações entre morador e a terra, através da construção horizontal, da utilização desta na construção, do cultivo; Também falamos de relações entre moradores, que partilham o espaço de forma natural e familiar. É necessário atentar nestas características, para que, mesmo que haja intervenção no bairro, os moradores possam continuar a ser eles, a serem inteiros e livres. Esta qualidade<sup>99</sup>, apesar da precariedade que actualmente caracteriza muita coisa no bairro do Barruncho, está lá de forma in anulável e inconfundível. Precisamos de olhar para além da falta de infra-estruturas para a encontrar, para a entender e para que a nossa intervenção não a ponha em risco.

---

<sup>99</sup> Alusão ao conceito de qualidade abordado por Christopher Alexander em *“The Timeless Way of Building”* (1979)

### III. Bairro do Barruncho: praticar o desenho de espaços habitáveis

“Às vezes, a casa do futuro poderá ser mais sólida, mais clara, mais vasta que todas as casas do passado. No oposto da casa natal trabalha a imagem da *casa sonhada*. Já tarde na vida, com uma coragem invencível, dizemos ainda: O que não se fez, será feito. Construiremos a casa.”<sup>100</sup>

---

<sup>100</sup> BACHELARD, G. in “*A Poética do Espaço*” (1957), p.236

O exercício propõe o desenho de um projecto, à escala da cidade e da casa, sendo abordado através de um programa habitacional com intervenções cirúrgicas destinadas a apetrechar o bairro com os equipamentos necessários. Ou seja, o exercício aqui em causa procura colmatar as necessidades básicas dos habitantes do bairro e ainda as necessidades da cidade, tudo isto no quadro de uma arquitectura sustentável. Este conceito refere-se à sustentabilidade urbana, económica, ambiental, entre outras, mas, principalmente, à sustentabilidade do ser. Aqui referimo-nos à necessidade de o desenho saber abordar o homem (o seu modo de ser e de estar, de se apropriar e viver os espaços, em suma, o seu modo de habitar). O desenho do bairro ou da casa – isto é, os jogos da forma, a recreação dos cruzamentos, o desenho da agregação, a organização tipológica, o sentido da implantação, entre outros – tudo isso deve traduzir o mundo material dos factores simbólicos dos homens. Esta prática deverá ser feita com a consciência de que o projecto se desenha por alguém exterior a essas vivências e que cresceu num contexto, numa cultura diferente.

“Os valores de abrigo são tão simples, tão profundamente enraizados no inconsciente, que os encontramos mais facilmente por uma simples evocação do que por uma descrição minuciosa.”<sup>101</sup>

Da leitura e análise que anteriormente procurámos esboçar (em particular na “Parte II: Bairro do Barruncho: ler o lugar”) resulta o seguinte: para além das características físicas, carências e outras variadas condições, o conhecimento mais importante será aquele que diz respeito às vivências, às impressões, às emoções e até aos *devaneios* dos habitantes do bairro e à forma como se relacionam com ele. Assim após essa leitura, acredita-se ser possível, num exercício de projecto, evocar as qualidades formais da arquitectura necessárias para ir ao encontro daqueles que habitarão um bairro do Barruncho redesenhado. Neste contexto, é importante introduzir o projecto, apresentando, antes de mais, os objectivos gerais por que nos regemos. Assim, o nosso projecto visa:

- Proporcionar a integração dos diferentes modos de vida dos actuais habitantes, e outros, através da criação de espaços controlados, exteriores e da casa, que permitam aos moradores gerar uma vivência adequada;
- Conseguir a interligação de culturas e a sustentabilidade desse encontro neste bairro emergente nas franjas da cidade de Lisboa;

---

<sup>101</sup> BACHELARD, G. in “*A Poética do Espaço*” (1957), p.205

- Desenvolver uma solução de projecto que, tanto ao nível do desenho urbano quanto no que diz respeito às propriedades formais, se revele capaz de preservar as qualidades e referências da experiência de bairro actual;
- Desenhar uma solução que dissolva o extremo isolamento e a exclusão que actualmente caracterizam o bairro na sua relação com a malha urbana e, simultaneamente, favorecer a vivência conjunta de todos os grupos populacionais do Barruncho, fomentando o sentido de comunidade já existente e quebrando a segregação por núcleos do bairro;
- Resolver os problemas infra-estruturais, de salubridade, acessibilidades e de segurança, otimizando as soluções de projecto;
- Construir habitações a custos controlados, dado contexto económico, mas que ao mesmo tempo sejam dignas e adequadas àqueles que as habitem; destinadas ao realojamento dos actuais agregados familiares do bairro do Barruncho e ao alojamento de novos residentes;
- Desenhar soluções que se adequem à topografia e outras características físicas do terreno de intervenção e, ao mesmo tempo, tirar partido destas últimas, procurando a criação de um projecto mais coerente.

### **3.1 Dar forma ao bairro**

De acordo com as premissas estabelecidas, considerando o indispensável ordenamento do espaço público, o desenho e definição da planta urbana implica já um conjunto de decisões e condições essenciais para a proposta.

No que diz respeito à malha urbana, a proposta apresenta a definição de três eixos viários principais na horizontal e de eixos verticais secundários. (figura 58) Esta malha permite-nos definir os quarteirões que traduzem a nova disposição das habitações. Os eixos principais são elementos essenciais para a integração deste retalho urbano. Estes eixos principais nascem de ruas importantes já existentes na cidade, unem os limites a este e oeste do bairro, unem também as zonas habitacionais envolventes. Tudo isto com o objectivo de criar um corredor habitacional ininterrupto, que integre o bairro na cidade. São também estes três eixos principais os únicos que permitirão a passagem automóvel pelo bairro. Os eixos verticais dão origem a ruas e percursos secundários que se reconhecem pelo seu carácter pedonal e pelas suas qualidades espaciais mais pequenas e estreitas. Desta forma, pretende-se eliminar o carácter “impenetrável” que o bairro tem actualmente e também o fenómeno de segregação a que se acha associado. O propósito é duplo. Por um lado trata-se de permitir que os moradores e transeuntes da cidade o possam percorrer livremente como parte integrante do tecido urbano. Por outro lado, trata-se de

evitar a “inundação” pelo trânsito automóvel e de manter o carácter pedonal e familiar que faz parte da identidade do bairro.



**Figura 58** | Proposta urbana; divisão de quarteirões e definição de eixos – desenho em planta

A definição de eixos percorríveis também altera a ordenação da escola e de outros equipamentos. A proposta prevê a inserção de dois equipamentos. Estes sugerem-se a) como uma associação de moradores e centro de actividades recreativas e b) como um café e centro desportivo associados à escola e aos seus equipamentos pré-existent. O primeiro encontra-se numa recuperação da ruína pré-existente no bairro. O segundo tem uma localização central no bairro e aparece como continuação da escola. Pretende-se que, desta forma, os equipamentos fiquem mais integrados no bairro e tragam para dentro dele um maior número de pessoas da cidade – mais vida urbana.

Ao pensar-se numa malha contínua para cidade, através e da definição de novos eixos, as entradas para o bairro não se mantêm como marcos tão presentes. Ainda assim, propõe-se manter algumas zonas marcantes, assinaladas na análise feita para que os moradores possam reconhecer no bairro, entre outros, estes marcos identitários. Estas zonas continuarão a definir-se como entradas, como espaços públicos mais declarados ou localização de equipamentos.

A implantação dos quarteirões acompanha as duas pendentes do terreno, formando um jogo de cotas que evoca a situação actual das habitações. Assim, procuramos um aproveitamento dos fenómenos físicos e recursos, com o mínimo possível de alterações do terreno. A malha ortogonal que dá forma aos quarteirões pretende “regular o irregular”. Pois, ao mesmo tempo que impõe uma nova lógica ortogonal, mantém a irregularidade topográfica e cria um jogo assimétrico de cotas. Assume diferentes formas em diferentes quarteirões. Desta sorte que, por um lado, abre a possibilidade de percursos livres e diversos; mas, por outro lado, mantém a imagem labiríntica e orgânica do bairro. Em suma, esta implantação, ao mesmo tempo que introduz novas formas de agregação, pretende evocar factores identitários.

A densidade de ocupação garante-se através da construção horizontal. O projecto apresenta habitações compostas por um máximo de dois pisos. Esta decisão permite-nos ir ao encontro da vontade de viver o térreo, lida nas habitações actuais e nos modos de apropriação, e também manter uma relação com o exterior mais presente e espontânea. Relativamente às materialidades e ao sistema construtivo, optou-se por construir em parede dupla de alvenaria rebocada e pintada, com isolamento térmico interior. Esta opção reflecte, simultaneamente, o uso frequente do tijolo que é característico do bairro e a necessidade de construir com custos controlados.

Tal como em relação à procura de condições adequadas nas soluções de habitação, também no que diz respeito ao desenho dos espaços públicos as soluções propostas reflectem uma preocupação com o bairro e com os moradores e a sua relação com a cidade. Na proposta, prevêem-se com diferentes vivências e aproveitamentos possíveis – espaços que se destinam a servir como elementos de coesão urbana. Estes espaços surgem, entre quarteirões ou dentro dos mesmos, aqui e ali e tomam o carácter de pátios e zonas de encontro. Por um lado, as qualidades formais e associadas (dimensões, iluminação, localização, entre outras) sugerem possíveis usos diferentes para cada um. Por outro lado, a apropriação destes espaços e das pessoas que os vivem e os tornam vivos, deverá processar-se da mesma forma livre e espontânea que se verifica actualmente. Na zona norte do terreno da intervenção, desenha-se um parque verde assumidamente público, que surge como continuidade dos jardins que cercam o mercado, a nordeste da proposta, e sugere a formação de um corredor verde entre zonas residenciais. Julgamos que esta componente é essencial para a conservação da grande presença do verde no bairro. Este parque envolve o pequeno curso de água existente no terreno sublinhando-o como um recurso importante e atractivo do bairro – e permitindo que este se torne também um recurso da cidade. A linha de água continua o seu percurso, “perfurando” a malha do bairro e criando, na sua envolvente, espaços públicos mais naturais.

Dada a grande variação de cotas altimétricas entre habitações, também as coberturas dos quarteirões insinuam um percurso. Todas as coberturas são percorríveis possibilitando diversos

usos. A proposta inclui um percurso dinâmico entre espaços vazios, percorríveis, e zonas verdes delimitadas em cada quarteirão. Esta solução procura tornar este percurso mais activo, mais apazível ao olhar de quem se encontra nas cotas mais altas e pode apreciar o bairro globalmente. Ao mesmo tempo, esta solução permite a continuação do cultivo da terra, associado à divisão de parcelas entre os agregados, como recurso de subsistência.

“Contudo, parece-me impossível afirmar que ambientes locais, por si só, não induzam a um padrão específico de comportamento ou, ainda, justamente por isso, a uma identidade distinta. O provável argumento dos autores comunitaristas, coerente com a minha própria observação intercultural, é que as pessoas resistem ao processo de individualização e atomização, tendendo a agrupar-se em organizações comunitárias que, ao longo do tempo, geram um sentimento de pertença e, em última análise, em muitos casos, uma identidade cultural, comunitária.”<sup>102</sup>

A imagem do bairro e a sua construção não se deixa definir apenas pela escolha das materialidades ou o desenho dos alçados. A proposta existe como estímulo à afirmação cultural e comunitária dos habitantes do Barruncho e pretende dar palco a hábitos já existentes hoje em dia e deixar que estes continuem a construir também a imagem do bairro – dando-lhe cor, dando-lhe sabor, dando-lhe vida.

É importante prever o uso dos espaços e que este não contradiga, antes complete a imagem que se quer criada. Assim, hábitos como a roupa pendurada, o cheiro da comida, os ajuntamentos de pessoas, as panelas demasiado grandes que só cabem na rua, os vasos e plantas trepadeiras, os ladrilhos coloridos, os nomes das casas... são bem-vindos como acções integrantes do projecto e da imagem do bairro. Todos os espaços criados estão concebidos como oportunidades de apropriação e expressão do morador – ou seja, de adequação aos seus hábitos, às suas vontades, à sua essência.

### **3.2 A intimidade dos espaços**

Tal como na experiência actual do bairro, a proposta pretende desenvolver espaços com diferentes apropriações e níveis de partilha e intimidade. Actualmente, na experiência do bairro, é clara a importância do espaço público e do espaço que, não sendo público, é partilhado. Acredita-se manter esta clareza e permitir aos habitantes gerar estas qualidades, viver estes níveis de intimidade, gerar vida nos espaços – tudo isto na forma descrita nos subcapítulos seguintes.

---

<sup>102</sup> CASTELLS, M. in “*O Poder da identidade*” (2004), p.75

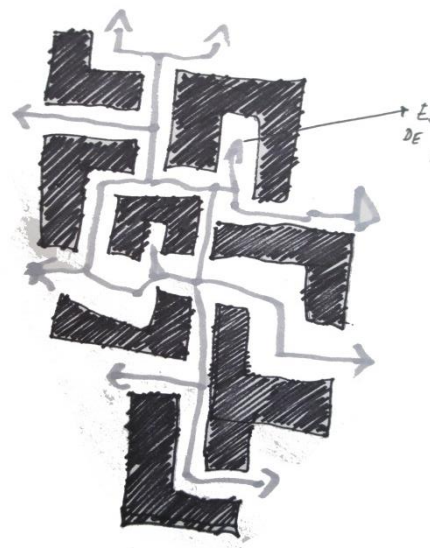


### 3.2.1 Percorrer o Bairro – devaneio em movimento

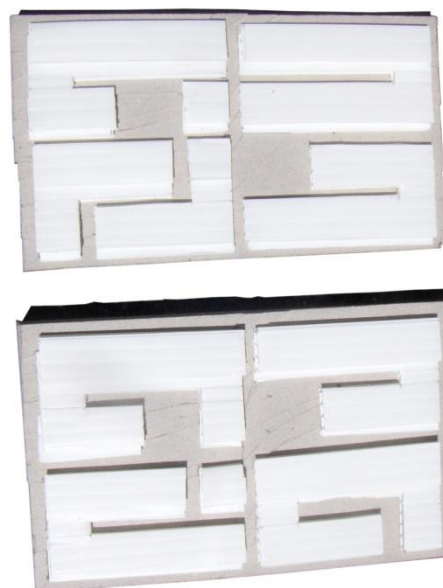
A implantação proposta é baseada numa ideia que á está implícita nos percursos de que acabámos de falar. Como referido, os eixos horizontais são primários na hierarquia e definem-se por uma maior largura. Os eixos verticais, ruas entre quarteirões, definem-se pelo seu carácter pedonal e apresentam dimensões mais estreitas. Mas, estes eixos não definem só por si os percursos do bairro. No interior dos quarteirões, os próprios limites dos volumes, os braços desalinhados, as precipitações e ainda pequenos vazados vão permitindo à pessoa percorrer o seu interior também como um caminho. Assim, constroem-se dentro do bairro percursos, ora mais estreitos, ora mais largos, que permitem inúmeras direcções. Pretende-se assim manter a qualidade livre e orgânica da circulação e evocar o carácter labiríntico que faz parte da identidade do bairro, mas mantendo a ordem através de referências como a escola, a ruína recuperada, o parque criado e a inclinação da pendente.

“Para a amizade o caminho é sempre perto.”<sup>103</sup>

Nesses percursos surgem momentos diversos. Algumas ruas e vazados definem-se como zonas apenas de passagem, planas ou vencendo a pendente do terreno através de rampas ou escadas. Outras, para além da propriedade de rua, propiciam, tal como os corredores-pátio, a partilha entre vizinhos. Existem ainda momentos de encontro assumido, como ruas mais largas dentro dos quarteirões ou pátios no centro deles. As diferentes composições do edificado nos quarteirões permitem a formação destes espaços diferenciados. Estes, por sua vez, trazem ao bairro experiências de percurso variadas, que podem ser vividas colectiva ou individualmente, ou ambas. Assim, a malha constitui-se por uma variedade de espaços partilhados e espaços de individualidade, que compõem uma dinâmica muito própria (uma dinâmica que estimula o movimento). Estas características pretendem manter modos de experimentar o exterior, promover a boa relação de



**Figura 59** | Percursos interiores

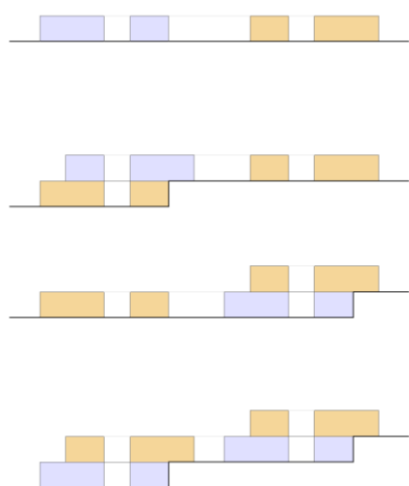


**Figura 60** | Quarteirões de habitação – espaços e percursos formados

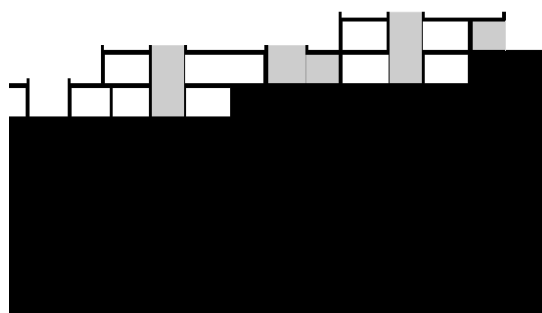
<sup>103</sup> D. Isabel, moradora do bairro do Barruncho

vizinhança e sublinhar a singularidade dessas experiências como um factor atractivo para pessoas vindas também do exterior.

A implantação das habitações e os percursos inerentes fazem-se ao longo da pendente do terreno. Optou-se por manter o declive natural e por não alterar, no jogo da circulação dentro do bairro, a variação de cotas altimétricas. Assim a experiência do movimento também nos leva, muitas vezes, a subir ou a descer. Esta decisão, juntamente com a construção horizontal, pretende trazer ao habitante a proximidade ao térreo. Neste sentido, um quarteirão é composto por dois braços principais, um dos quais se levanta num nível superior. Assim, os volumes definem uma rua interior, no centro do quarteirão, que se assume como rua-pátio, com um carácter semipúblico. Os braços são compostos por dois pisos cada um e que somam, no total, apenas três pisos – podendo existir diferentes quarteirões, consoante a necessidade de acompanhar o terreno. (figura 61) Esta adaptação ao terreno permite adequar os usos das divisões interiores. (figura 62)



**Figura 61** | Adaptação dos quarteirões ao terreno, possíveis volumetrias – diagramas em corte



**Figura 62** | Adaptação do quarteirão ao terreno – corte transversal

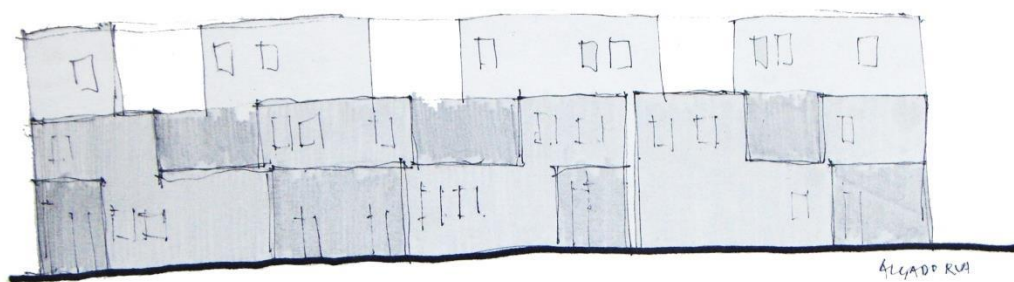
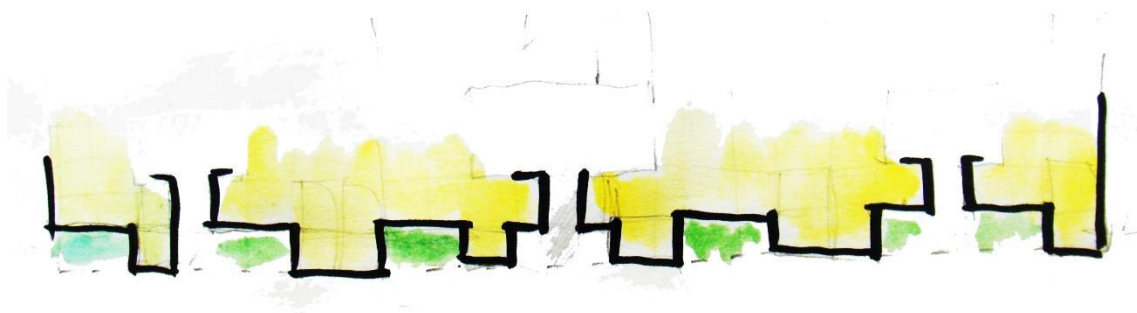
O jogo assimétrico de cotas pretende também conferir a cada lugar – a cada pátio ou cobertura, a cada rua – experiências não só diversas mas únicas. Assim, por um lado, à medida que se vai descendo o bairro tem-se a sensação de conhecer melhor o seu interior, as suas zonas mais íntimas e fechadas. Por outro lado, à medida que se vai subindo, não só se descende o que ainda não se viu mas alcança-se uma vista cada vez mais completa do bairro.

### **3.2.2 Zonas de encontro – devaneio colectivo**

Os pátios e outros espaços colectivos afirmam-se actualmente como marcos do bairro. Encontram-se na proposta diversos espaços exteriores que se geram muitas vezes como resultado da articulação entre os edifícios. As suas diferenças morfológicas permitem gerar experiências distintas em cada um, e pretende-se também, com estas, gerar marcos de vivências do bairro. Estes espaços pretendem-se comuns. São espaços de partilha, de encontro – espaços de recreação onde se vivem os importantes momentos de comunidade (como baptizados, partilha de refeições, o simples encontro entre vizinhos para falar, para estar, para brincar entre crianças). Serão também espaços de sonhos e vontades partilhadas.

Estes lugares exteriores pontuam a malha urbana, são gerados pelos limites da habitação, pelos braços dos quarteirões e a forma como estes se articulam e se relacionam. Não são mais espaços de sobras, mas continuam a nascer dos desencontros e desalinhos dos corpos edificados. Destes limites surgem pátios com caracteres distintos. Uns são maiores, outros mais pequenos; uns são mais abertos, outros mais fechados; uns são mais largos, outros mais estreitos. Características diversas permitem formar qualidades espaciais diferentes. Por vezes, encontram-se em cotas mais altas, num posicionamento privilegiado sobre o bairro – que permite viver o percurso sinuoso com os olhos. Outros são mais fechados ou em cotas mais baixas. Uns localizam-se no interior do bairro e propiciam momentos colectivos mais íntimos. Outros encontram-se nas periferias do bairro, perto de outros marcos e eixos importantes da cidade – convidando os transeuntes da cidade a entrar e a utilizar, habitar este espaço. Estes caracteres diversos permitem gerar qualidades diferentes e, consequentemente, a recriação de vivências diferentes, que ficam ao cuidado do habitante, segundo a sua vontade e apropriação espontânea.

Também como espaços de partilha surgem reentrâncias no alçado que antecipam as entradas para as habitações. Estes vazados no edificado concedem ao habitante zonas de entrada, como vestíbulos, que se deixam apropriar livremente. Esta liberdade de apropriação permite a criação de espaços distintos (tal como encontramos actualmente no bairro), com a utilização mobiliários diversos – como zonas de estar, zonas de refeição, zonas de partilha até mesmo de confecção. Estes pátios, sendo propriedade dos habitantes, representam também oportunidades de afirmação para os moradores, não apenas no uso que lhes escolherem dar (e na utilização de mobiliários e adereços diversos com que os venham a pessoalizar), mas também na utilização de outras materialidades e revestimentos que os identifiquem. Os edifícios erguem-se então dentados, sugerindo um percurso mais dinâmico. (figuras 63 e 64)



**Figuras 63 e 64** | Vazados no edificado – em planta e em alçado

### 3.2.3 O abrigo da casa – devaneio pessoal

“A casa, mais ainda que a paisagem, é "um estado de alma". Mesmo reproduzida em seu aspecto exterior, fala de uma intimidade.”<sup>104</sup>

Relativamente à organização tipológica, as decisões apresentadas prevêm diferentes soluções. Todas partem da mesma agregação linear no quarteirão e das premissas de acompanhamento do terreno apresentadas anteriormente. Assim, os quarteirões são constituídos por diferentes tipologias que prevêm o realojamento de diferentes famílias. Têm-se como base os tipos: A, B, C e D. (figuras 65 e 66)

Todos as tipologias se desenvolvem em torno de um (ou dois) pátio(s) interior(es). Este espaço pretende ser catalisador de vivências sociais mas também individuais. As zonas comuns situam-se na frente rua, enquanto os quartos se situam na frente oposta, recebendo luz apenas dos vazios volumétricos que são os pátios. Assim, as salas, pequenas salas de entrada e cozinha, têm comunicação com o exterior público – com a rua – assumindo-se como zonas menos íntimas.

<sup>104</sup> BACHELARD, G. in “*A Poética do Espaço*” (1957), p.243

Os quartos, como zonas mais privadas, situam-se encostados ao terreno, em comunicação apenas com o exterior privado – pátio interior.

“Não há intimidade verdadeira que afaste. Todos os espaços de intimidade se caracterizam por uma atracção. Repitamos uma vez mais que seu ser é o bem estar. Nessas condições, a topoanálise tem a marca de uma topofilia. É no sentido dessa valorização que devemos estudar os abrigos e os aposentos.”<sup>105</sup>

Desta forma, a entrada na casa faz-se primeiramente num momento exterior, no átrio externo que existe como dentada do alçado. A entrada no interior da casa faz-se pelas salas de uso social, que permitem a penetração vizinha, mantendo-se como as áreas de partilha que actualmente encontramos no bairro. Só se entrarmos e percorrermos o interior da casa encontramos os quartos que evocam vivências mais individuais. Este itinerário da casa traduz-se num percurso que começa pela rua (espaço público), entra no átrio exterior como espaço semipúblico; Passa para o interior, penetra a casa pelos espaços menos íntimos, até chegar à individualidade total dos quartos. A meio, como elemento central, passa pelo pátio interior como estímulo das diversas vivências e intimidades.

As áreas definidas são flexíveis. Pois, dado o frequente crescimento ou reagrupamento das famílias, consideramos importante, no seio das habitações, potenciar a diversidade mas também permitir a flexibilidade. As tipologias permitem determinadas alterações, cumprindo esta adaptabilidade necessária. O tipo A apresenta uma tipologia T1 como base, podendo alterar-se para T2. O tipo B tem uma base T2, apresentando a hipótese de crescimento até T3 ou T4. Dado o elevado número de pessoas por agregado existente, projectam-se ainda em duplex os tipos C e O tipo C tem como base uma habitação T2 em duplex, que pode transformar-se em habitações até T3 ou T4. O tipo D parte de uma habitação T3 podendo crescer para T4, T5, T6 ou T7. Para além do aumento do número de quartos, são possíveis outras alterações espaciais e da volumetria. Através delas, podem criar-se diferentes espaços dentro da casa, adaptáveis ao uso que a família lhe quiser dar – adaptáveis às vivências da família projectadas nessa casa. (figuras 65 e 66)

---

<sup>105</sup> BACHELARD, G. in “*A Poética do Espaço*” (1957), p.205

### Tipo A

T1 A T2



### Tipo B

T2 A T4



### Tipo C

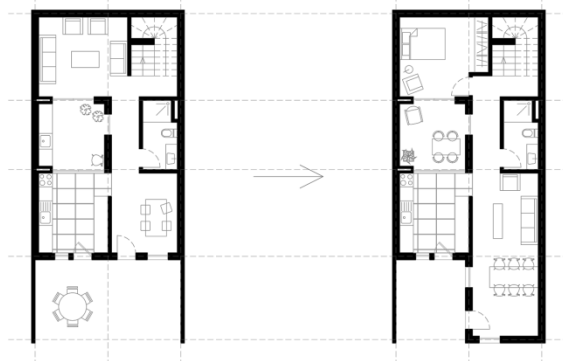
T2 A T4



PISO 1



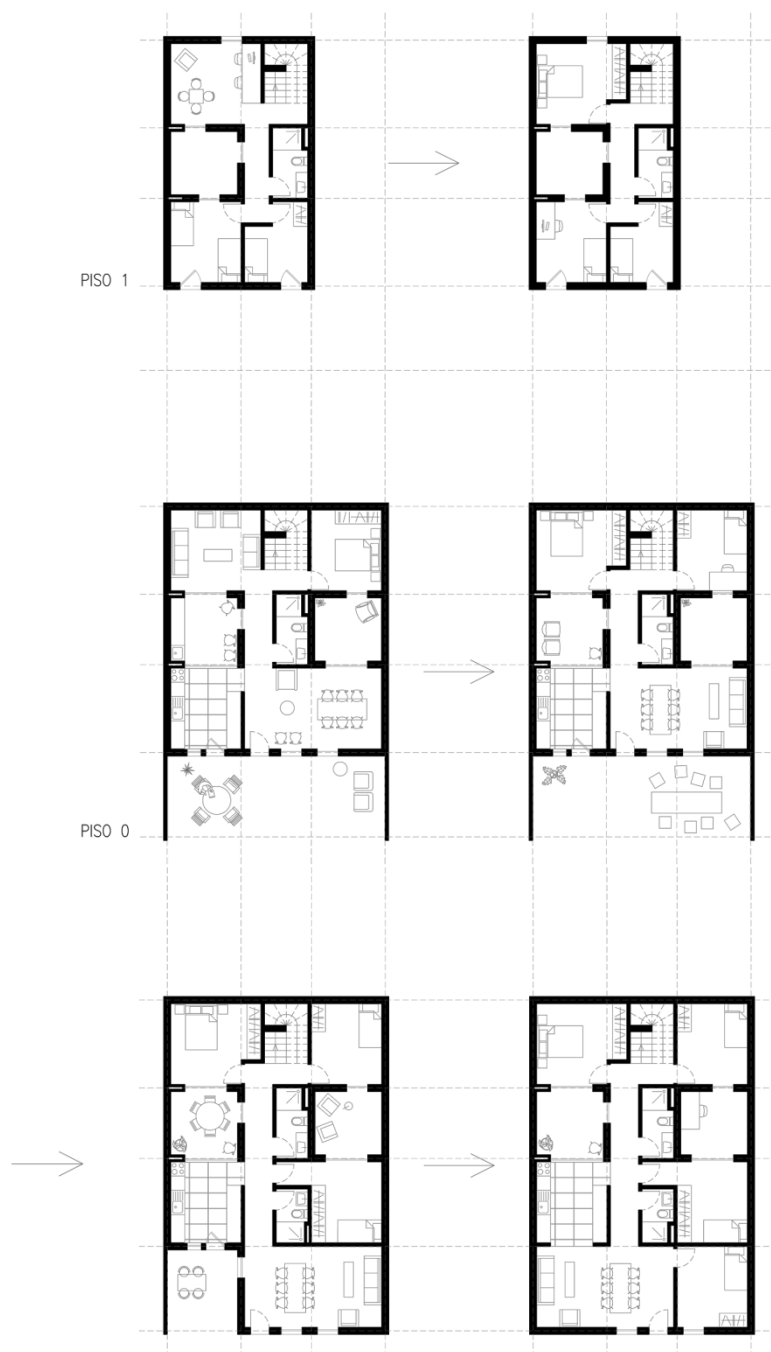
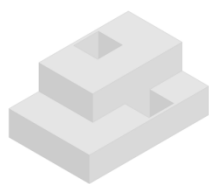
PISO 0



**Figura 65** | Flexibilidade das tipologias evolutivas – TIPO A, B e C

# Tipo D

T3 A T7



**Figura 66** | Flexibilidade das tipologias evolutivas – TIPO D

Encontrámos, no gesto do desenho, devaneios que nos levam até ao novo traçado do bairro do Barruncho. Desse gesto resultam soluções de projecto que acreditamos estarem em concordância com as vivências encontradas no bairro hoje em dia. O estudo dos percursos admite proporcionar o encontro. A flexibilidade da casa proporciona a criação de diferentes espaços e de vivências diversas. A proximidade com o exterior e o térreo pretendem conquistar a vontade que os moradores têm de os viver. A adaptação ao terreno e traçado pretendem não ignorar e até ressaltar marcos importantes da vida do bairro.

Através do desenho de projecto evocamos os elementos acreditando que podem ir ao encontro do habitar dos moradores do Barruncho.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É quase um dever do arquitecto estudar o homem para quem projecta, conhecê-lo. Há uma necessidade de interpretar para que se possam transformar essas interpretações em conhecimento e, depois, em arquitectura, em projecto. Na procura das soluções e do conhecimento em arquitectura, não se trata de identificar respostas nem conceber directrizes, antes de estabelecer que espaço com significado surge das relações entre elementos. Relação entre elementos arquitectónicos e principalmente, entre o homem e esses elementos. É essa relação que lhes dá sentido.

No estudo da arquitectura, o gesto do desenho, no estímulo criado, o objectivo principal, e sempre presente, é o de encontrar uma qualidade tal que permite ao homem viver livre, habitar.

Nesse caminho impõe-se o estudo do homem, o estudo do outro. Encontramos o sentido de olhar para o homem quando admitimos que sem ele não há habitar. O sentido de estudar os outros é trazer-nos para mais perto deles, é formar contacto com as suas vidas, procurar os seus valores e ideias, para que projecto possa caber neles, possa caber nesse novo contexto, nesse contexto social, numa palavra, nessa cultura. Este estudo e observação passa por estudar o comportamento do homem mas também do edifício.

Passa, no estudo do homem, por conceitos essenciais como a necessidade, a valorização, o signo, a percepção, a atitude, o comportamento. Só entendendo estes conceitos e, através deste conhecimento, compreendendo o homem, se entende e se fazem entender os novos espaços projectados. Só após esse estudo, chegamos mais próximos do homem, do ser e da sua expressão, e por isso controla-se melhor o palco dessa expressão – a arquitectura.

E passa, na abordagem ao edifício, por todos os elementos e factores que o compõem: *nada se exclui ou exagera*.<sup>106</sup> Tudo na arquitectura nos estimula, nos influencia. Todos os elementos trabalhados se dirigem e influenciam o homem, o ser. Todos conduzem a um habitar.

Assim, qualquer manifestação em projecto não pode senão ser, inevitavelmente, feita à luz do conhecimento já adquirido. Mas o arquitecto deve também, à luz da nova cultura onde vai intervir, reinterpretar o seu próprio conceito de espaço. Um contexto novo e diferente apresenta-se na verdade como uma oportunidade de – dentro de todos os conhecimentos que já adquirimos

---

<sup>106</sup> Alusão ao poema de Fernando Pessoa – *Põe Quanto és no Mínimo que Fazes*

e do contexto em que nos desenvolvemos e dentro do contexto que vamos aprender – sermos originais. (I. M. PEI, 1997)

Acreditamos que, quando confrontados com culturas diferentes e após o entendimento desse novo contexto, também existe uma nova interpretação, uma reinterpretação da arquitectura, por parte do arquitecto.

Interessam-nos, certamente, algumas conclusões e pareceres que se encontram na reflexão dos textos estudados mas, mais ainda, interessam as motivações destes e as questões que eles levantam aos arquitectos de hoje em dia. Interessam-nos as questões suscitadas ao longo de toda a reflexão pois, podendo algumas ter ficado sem resposta, todas nos trouxeram conhecimento. Isto porque, ao apenas reflectir e sugerir a importância de tais questões, apresentam-se já algumas conclusões sobre elas. Na verdade, aquilo que mais enriquece esta mesma reflexão é o despertar para um campo do saber, do conhecer a arquitectura, despertar para a importância desse campo – apesar de não a quantificar, não a definir (forma incontornável), não a apresentar (na sua totalidade), procura-a: desperta para ela.

**Número total de palavras: 20 855**

## ÍNDICE DE FIGURAS

**Figuras 1, 2, 3, 4, 5 e 6** | Evolução da área de intervenção – Bairro do Barruncho. Imagens datadas de 1944, 1965, 1982, 1990, 1998 e 2013 da esquerda para a direita e de cima para baixo, respectivamente

Fonte: Trabalho de análise do Bairro do Barruncho desenvolvido pelos alunos da turma 5ºD, na disciplina de Projecto VI, leccionada pelo Professor Pedro Rodrigues

**Figuras 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13** | Caracterização geral do bairro

Fonte: Fotografias da autora

**Figura 14** | Planta de delimitação da ACRRU do sítio do Barruncho

Fonte: *Diário da República, 1.ª série — N.º 205 — 22 de Outubro de 2009*, Decreto n.º 26/2009

**Figura 15** | Foto aérea do sítio do Barruncho com delimitação do terreno de intervenção

Fonte: [www.maps.google.com](http://www.maps.google.com)

**Figura 16** | Planta do bairro com identificação dos alojamentos PER

Fonte: TOMÁS, A. M. – *Realojamento Social em Portugal. Estudo sobre as expectativas e necessidades da população residente no Bairro do Barruncho face ao futuro realojamento*. Lisboa: ISCSP-UTL, 2011

**Figura 17** | Planta urbana com o edificado e as principais entradas e percursos assinalados

Fonte: Desenho da autora

**Figura 18** | Lógicas de agregação existentes no bairro e diferentes momentos espaciais criados. Leia-se, da esquerda para a direita, de cima para baixo: agregação radial; agregação linear – corredor-pátio; corredor pátio com agregação radial; rua linear; disposição livre – rua sinuosa

Fonte: Esquícios da autora

**Figuras 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57** | A imagem do bairro (figuras numeradas da esquerda para a direita, de cima para baixo)

Fonte: Fotografias da autora

**Figura 58** | Proposta urbana; divisão de quarteirões e definição de eixos – desenho em planta

Fonte: Planta da autora

**Figura 59** | Percursos interiores

Fonte: Esquiço da autora

**Figura 60** | Quarteirões de habitação – espaços e percursos formados

Fonte: Maquetes da autora

**Figura 61** | Adaptação dos quarteirões ao terreno, possíveis volumetrias – diagramas em corte

Fonte: Diagramas da autora

**Figura 62** | Adaptação do quarteirão ao terreno – corte transversal

Fonte: Corte da autora

**Figuras 63 e 64** | Vazados no edificado – em planta e em alçado

Fonte: Esquícios da autora

**Figura 65** | Flexibilidade das tipologias evolutivas – Tipo A, B e C

Fonte: Plantas da autora

**Figura 66** | Flexibilidade das tipologias evolutivas – Tipo D

Fonte: Plantas da autora

## BIBLIOGRAFIA

- ALEXANDER, C. – *The Timeless Way of Building*. New York: Oxford University Press, 1979
- AUGÉ, M. – *Não-lugares*. Venda Nova: Bertrand, 1994
- BACHELARD, G. – *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1989
- BANDEIRINHAS, J. – *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2007
- BOHANNAN, P. et. al. – *High Points in Anthropology*. USA: McGraw-Hill, 1988
- CASTELLS, M. – *Sociedade em Rede. O Poder da Identidade, Vol. 2*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003
- FATHY, H. – *Architecture for the Poor: an Experiment in Rural Egypt*. Chicago, 1973
- FORTUNA, C. – *Cidade, Cultura e Globalização*. Oeiras: Celta, 2001
- GEERTZ, C. – *Local Knowledge: Further Essays in Interpretive Anthropology*. New York: Basic Books, 1983
- GEERTZ, C. – *The Interpretation of Cultures: Selected Essays*. New York: Basic Books, 1973
- HEIDEGGER, M. – *Construir, Habitar, Pensar*. (1951) conferência pronunciada por ocasião da "Segunda Reunião de Darmstadt", publicada em *Vortäge und Aufsätze*, G. Neske, Pfullingen, 1954. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback
- HEIDEGGER, M. – *Que é uma coisa?*. Lisboa: Edições 70, 2002
- INGLIS, F. – *Clifford Geertz – Culture, Costum and Ethics*. Cambridge: Polity Press, 2000
- INGLIS, F. – *Life Among Anthros and Other Essays*. Princeton University, 2010
- KENNETH, F. – *Introdução ao Estudo da Cultura Tectónica*. Lisboa; Matosinhos: Associação dos Arquitectos Portugueses: Contemporânea editora, 1996

LOURO, M. e OLIVEIRA, F. – *Casas para um planeta pequeno. Projecto Angola Habitar XXI – Modelos Habitacionais em Territórios de Macro Povoamento Informal*. Lisboa: Pixelprint, 2009

MENEZES, M. – *ESPAÇO: CULTURA E ARQUITECTURA – Dissertação sobre a perspectiva interdisciplinar entre Ciências Sociais e Arquitectura*. Lisboa: LNEC, 1993

MOORE, K. D. – *Culture, Meaning, Architecture*. Ashgate, 2000

NASAR, J.L. – *Environmental Aesthetics. Theory, Research, & Applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992

NOBERG-SCHULZ, C. – *Existencia, Espacio y Arquitectura*. Barcelona: Blume, 1975

NOBERG-SCHULZ, C. – *Intentions in Architecture*. Massachusetts: The MIT Press, 1992

NORBERG-SCHULZ, C. – *Genius Loci*. Itália: Grupo Editoriale Electa Milano, 1986

PINTO DUARTE, J. - *Personalizar a habitação em série: uma gramática discursiva para as casas da Malagueira do Siza*. Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a ciência e a tecnologia, 2007

PORTAS, N. – *A Habitação Social. Proposta para a metodologia da sua arquitectura*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2004

PREZIOSI, D. – *Architecture, Language and Meaning*. The Hague: Mouton, 1979

RAPOPORT, A. – *House, Form and Culture*. New Jersey: Prentice Hall, 1969

RUDOLFSKY, B. – *Architecture Without Architects*. London, 1981

SARANO, F. et. al. – *TYIN / ANNA HERINGER, Building Elsewhere*. Paris: FIAMH, 2010

SENNETT, R. – *The conscience of the eye*. New York, 1990

SHWEDER, R. A. et. al. *Clifford Geertz by His Colleagues*. Chicago: The University of Chicago, 2005

TOMÁS, A. M. – *Realojamento Social em Portugal. Estudo sobre as expectativas e necessidades da população residente no Bairro do Barruncho face ao futuro realojamento*. Lisboa: ISCSP-UTL, 2011

ZEVI, B. – *Saber Ver Arquitectura*. Lisboa: Arcádia, 1977

## **ARTIGOS**

PORTAS, N. – *Conceito da casa em pátio como célula social* in *Arquitectura*, nº64, (Janeiro-Fevereiro 1959). Lisboa: Iniciativas Culturais Arte e Técnica, p. 32-34

SÁ, T. – *Lugares e Não-Lugares em Marc Augé* in *ARTiTEXTOS*, nº03 (2006). Lisboa, Centro Editorial da FA, p. 179-188

SIZA VIEIRA, A. – *Pousada* in *Arq./a*, nº25 (Maio-Junho 2004), p. 28-33

## **DOCUMENTOS**

ODIVELAS, Câmara Municipal – *Termos de Referência para a elaboração do plano de pormenor de reabilitação urbana do sítio do Barruncho*, 2009

*Diário da República*, 1.<sup>a</sup> série — N.º 205 — 22 de Outubro de 2009, Decreto n.º 26/2009

## **VÍDEOS**

ALVES COSTA, C. – *Siza Vieira – O Arquitecto e a Cidade Velha*. Midas Filmes. Portugal, 2003

ROSEN P. – *First Person Singular: I. M. Pei*. Peter Rosen Productions, Inc. PBS, 1997





## **ANEXOS**

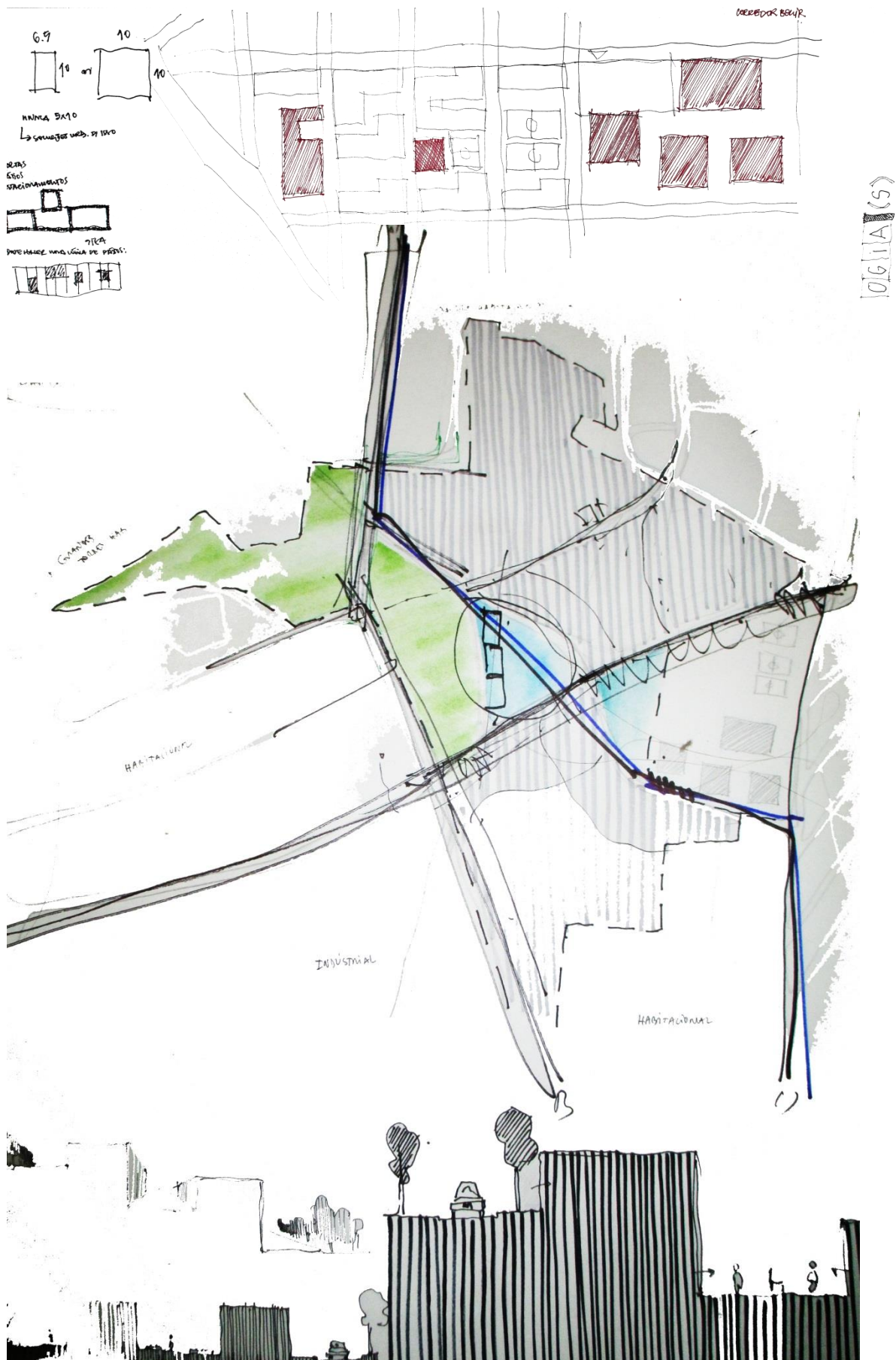


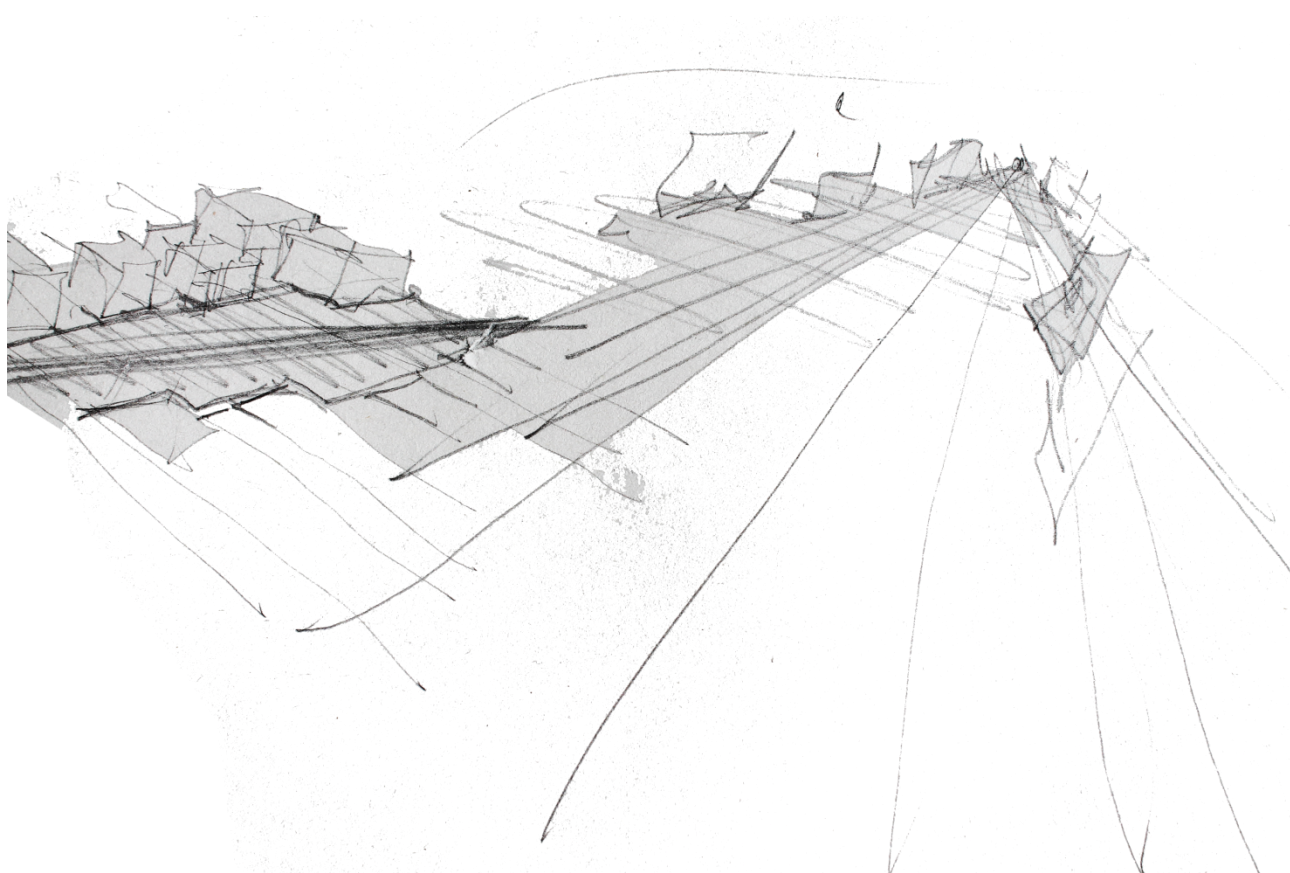
## I. Processo de Trabalho

“Cada gesto – assim também é o gesto do desenho – é dotado de história, de memória inconsciente, de um saber anónimo e infinito. É necessário não negligenciar o seu exercício, para que os gestos não façam contractos, e com eles o resto.”<sup>107</sup>

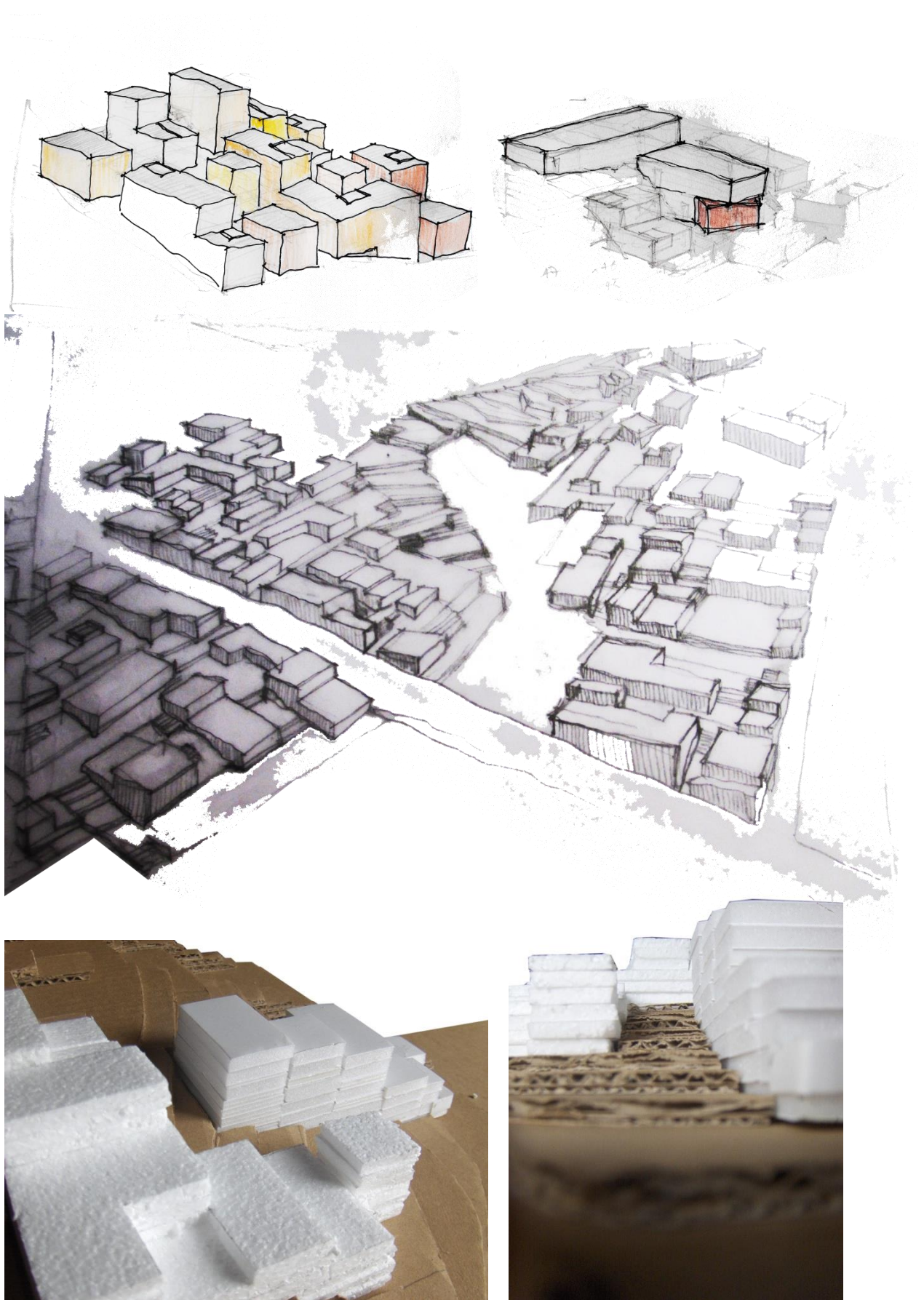
---

<sup>107</sup> SIZA VIEIRA, A. in “*A importância de desenhar*” in *Desenho – III Bienal Nacional (1987)*

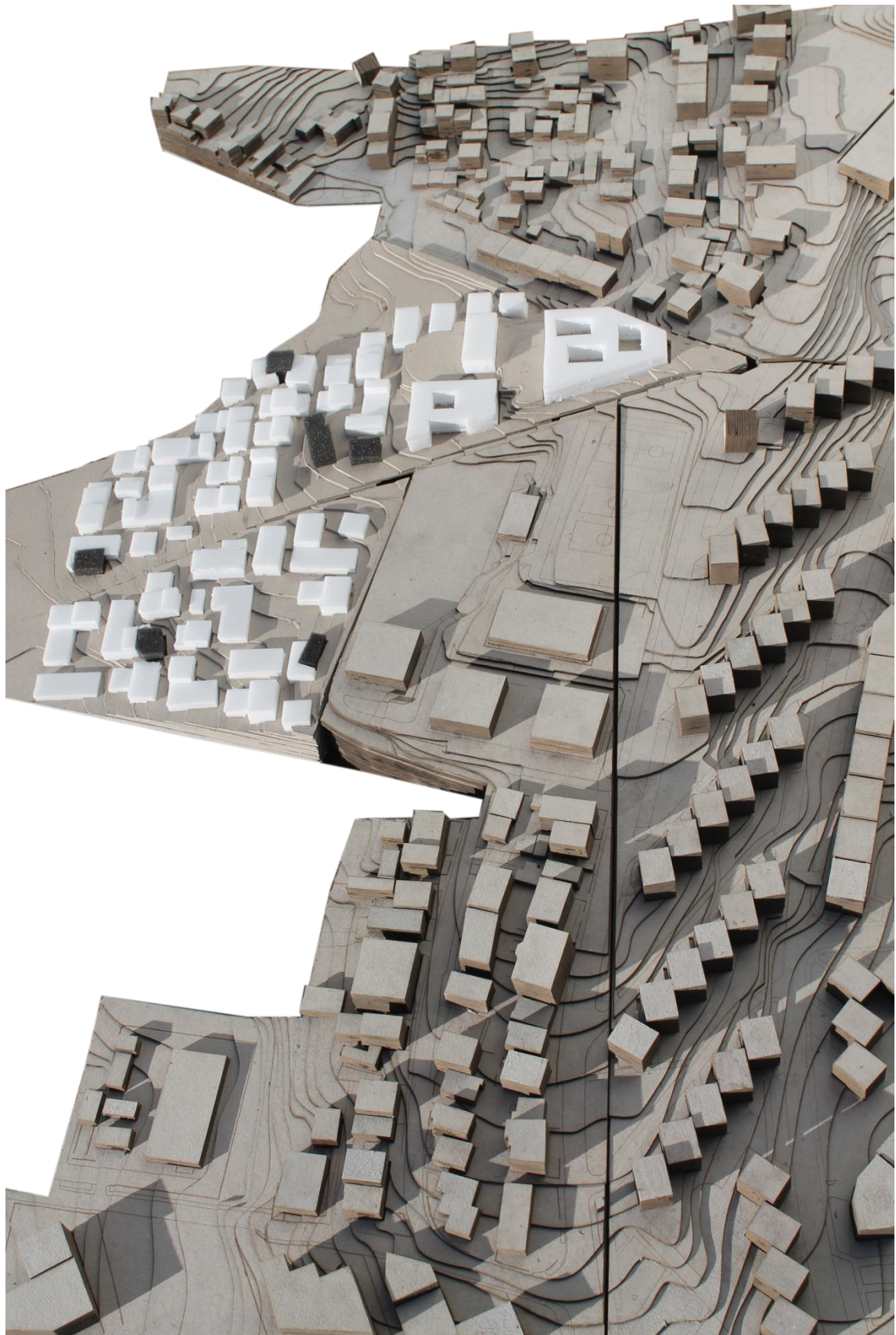


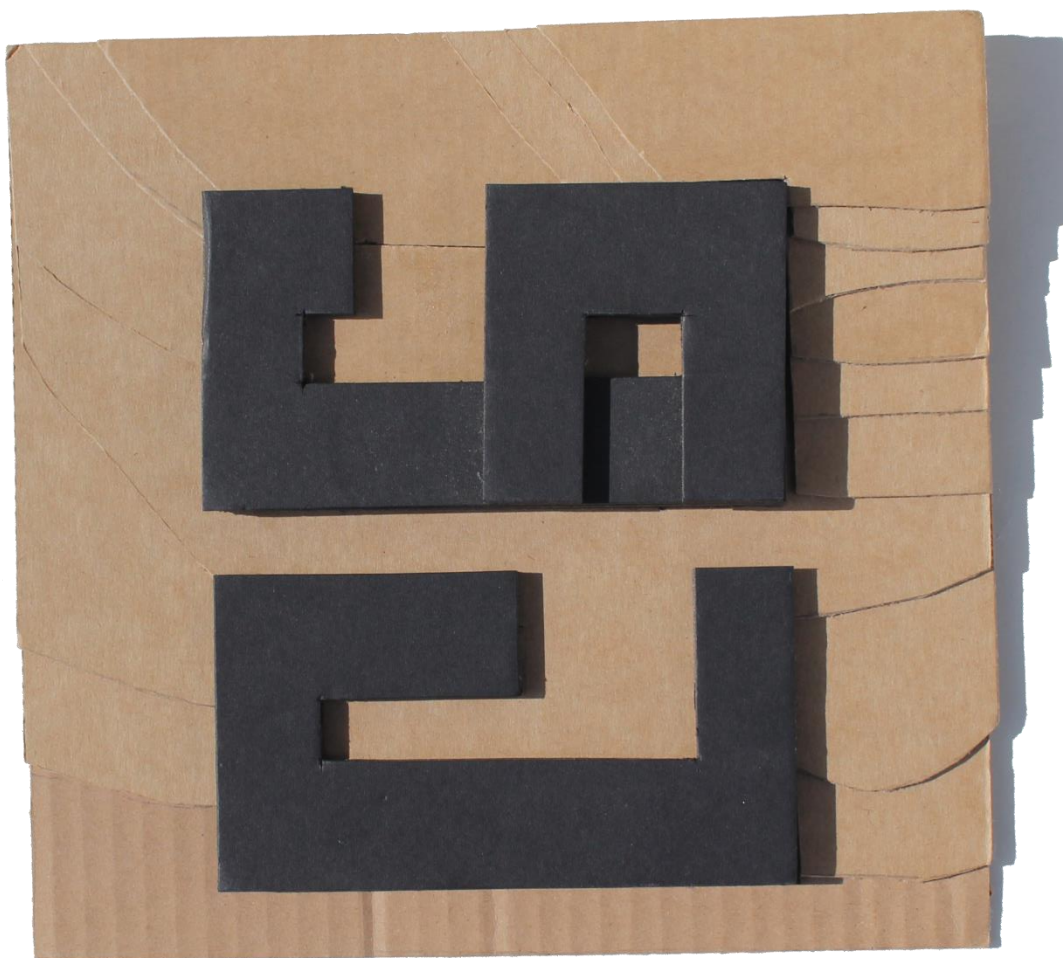












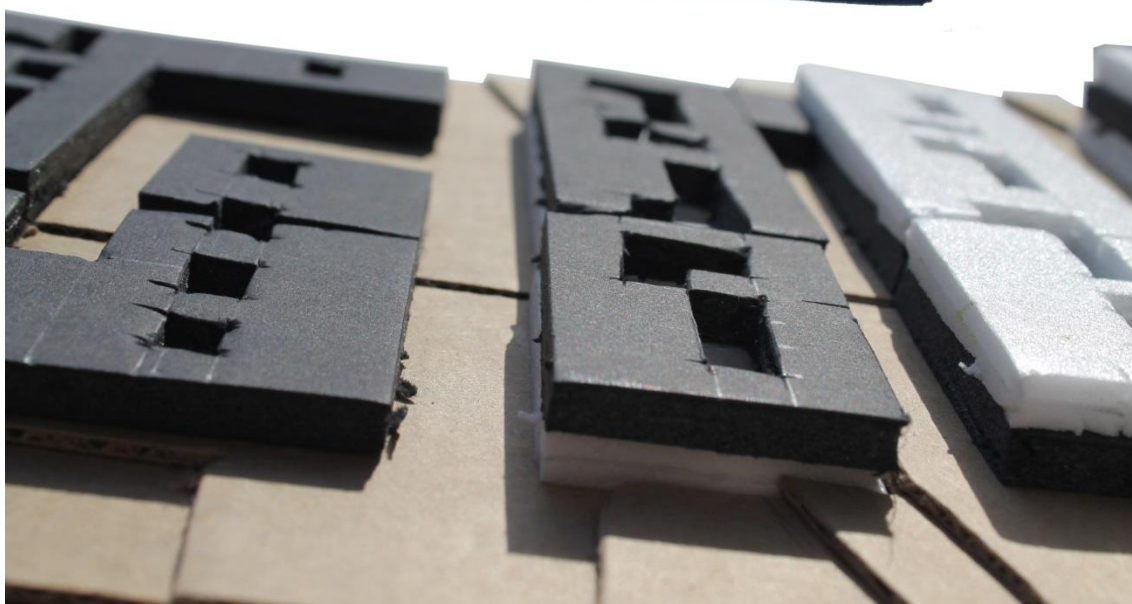
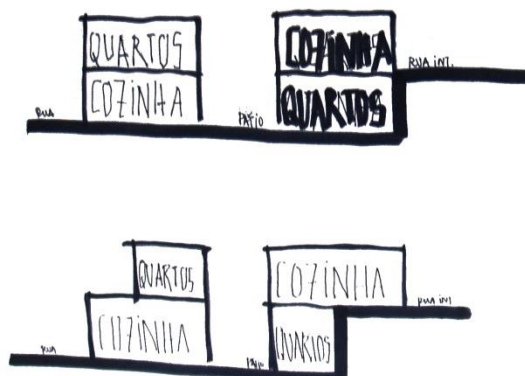
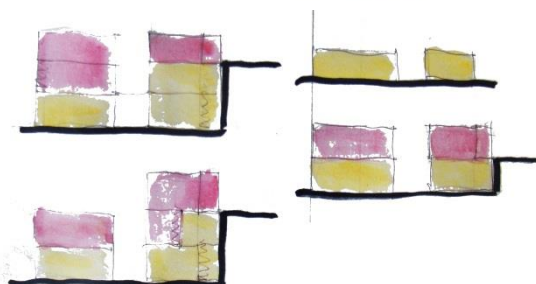
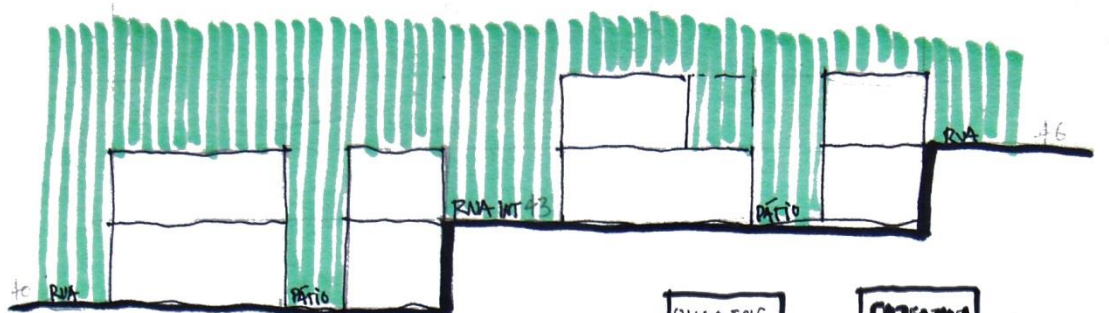
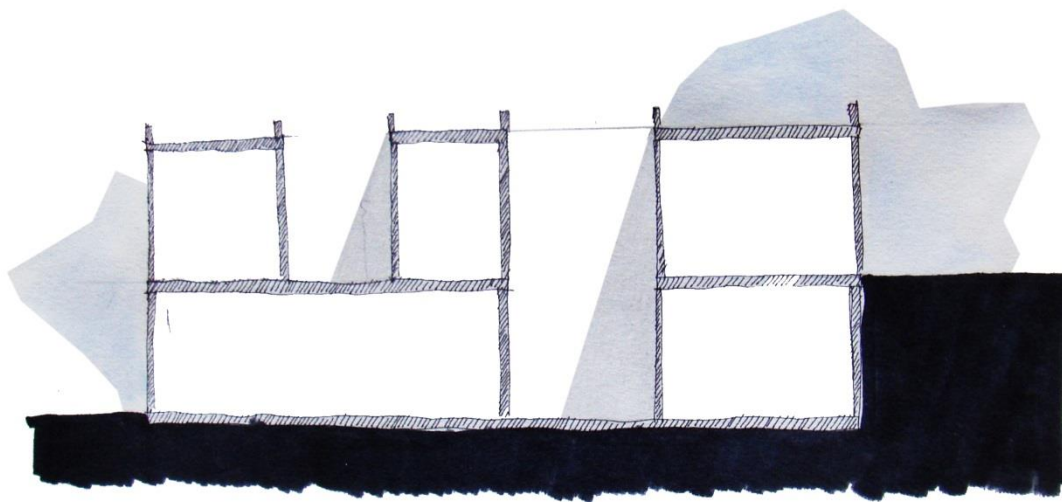




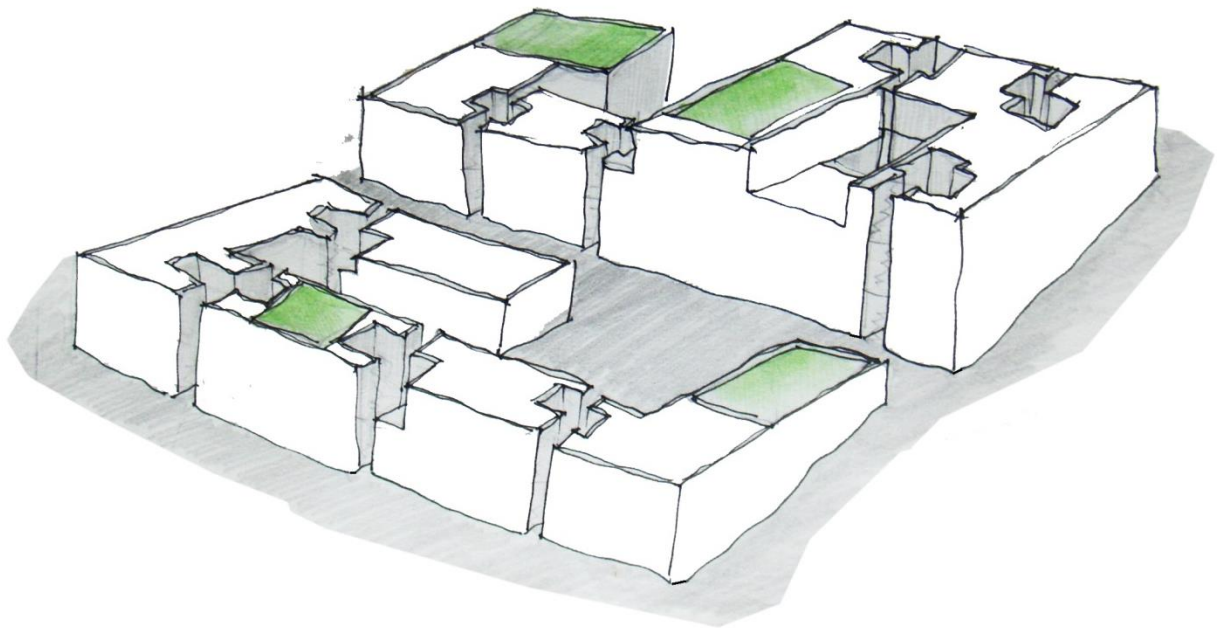
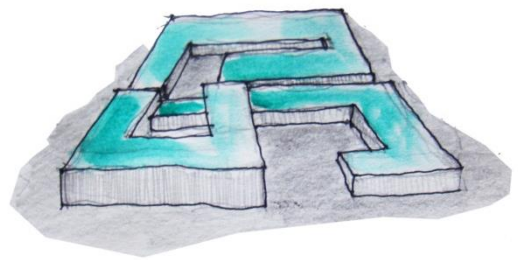
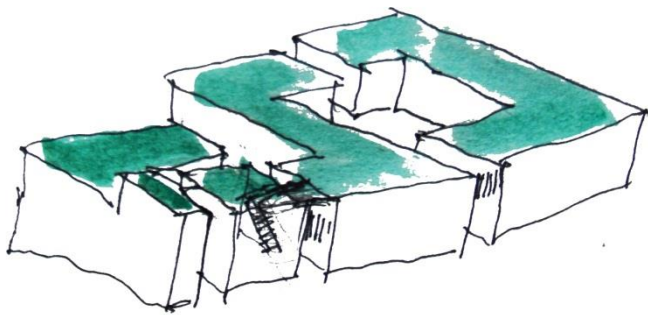


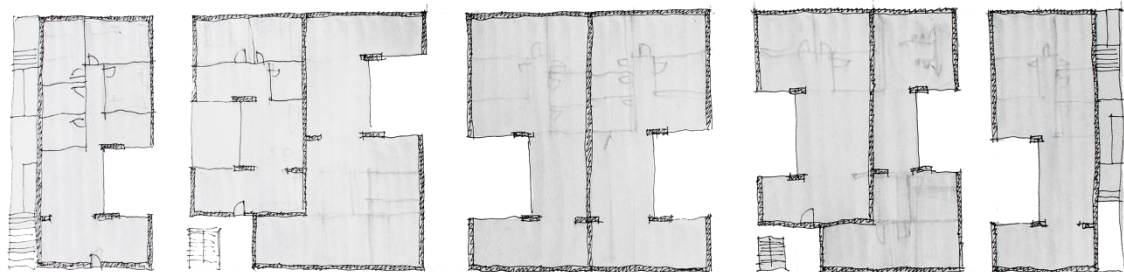






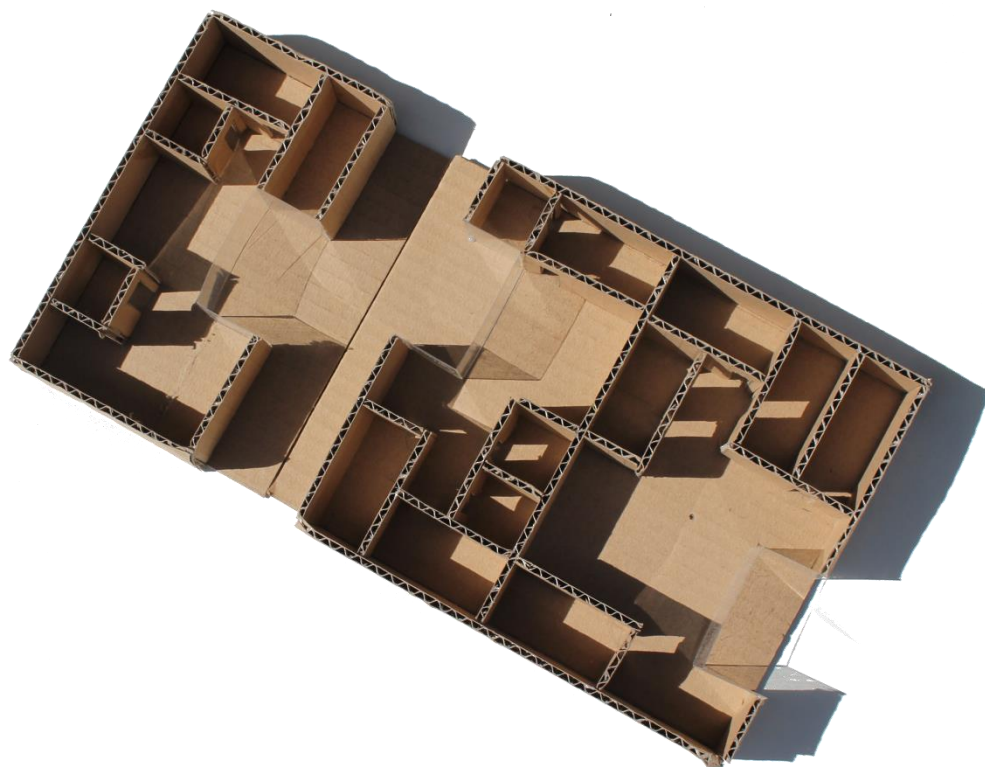


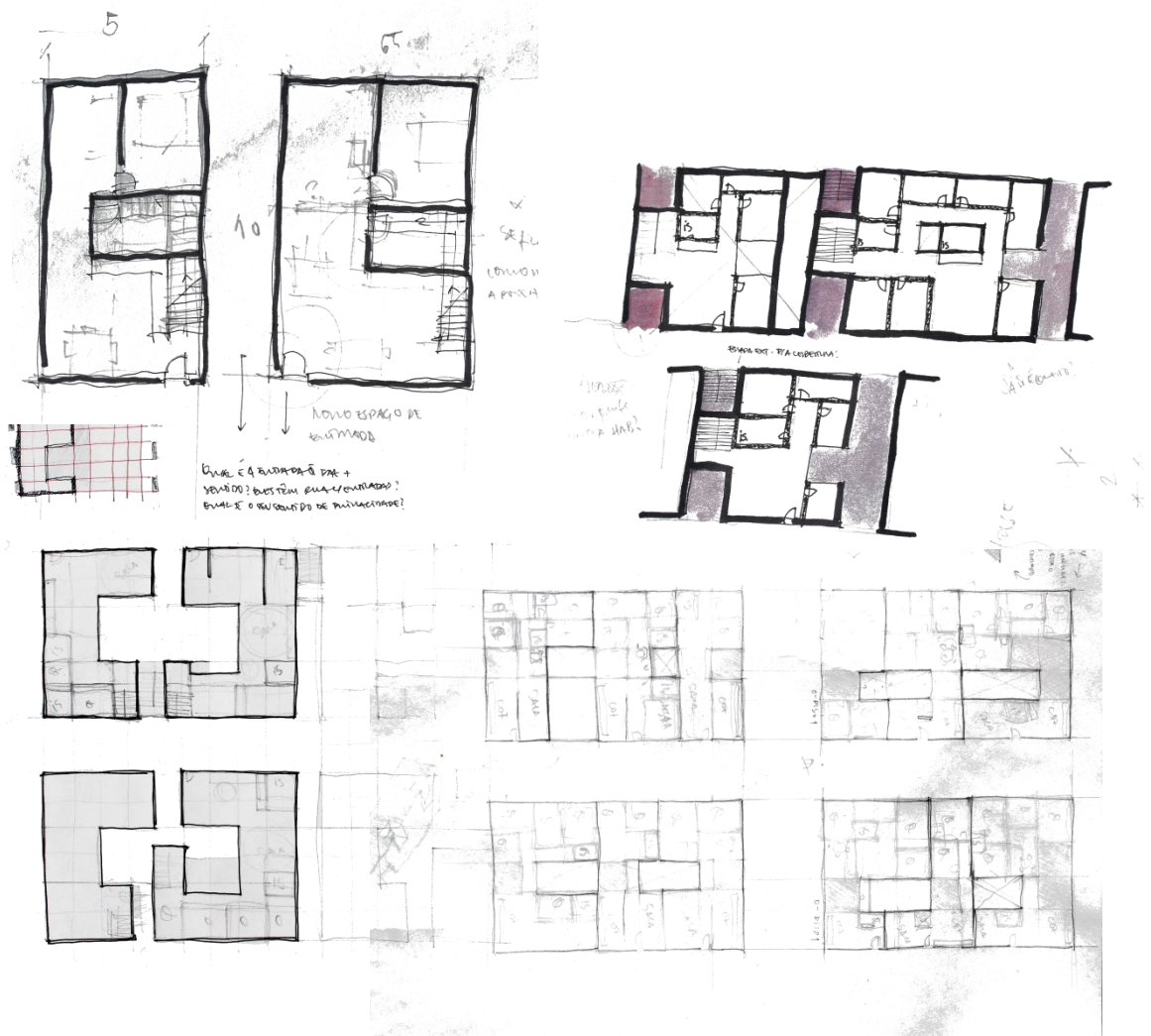




PISO 0 - LOJAS, ARMATÉNS (P/INTERIORE) E ESTOLOS,  
 MAS DEPOIS O TIPO DE VIVÊNCIA EMITE NA ALA ASIMILAR

A CALHA E ESTA A RESERVA, HABIT



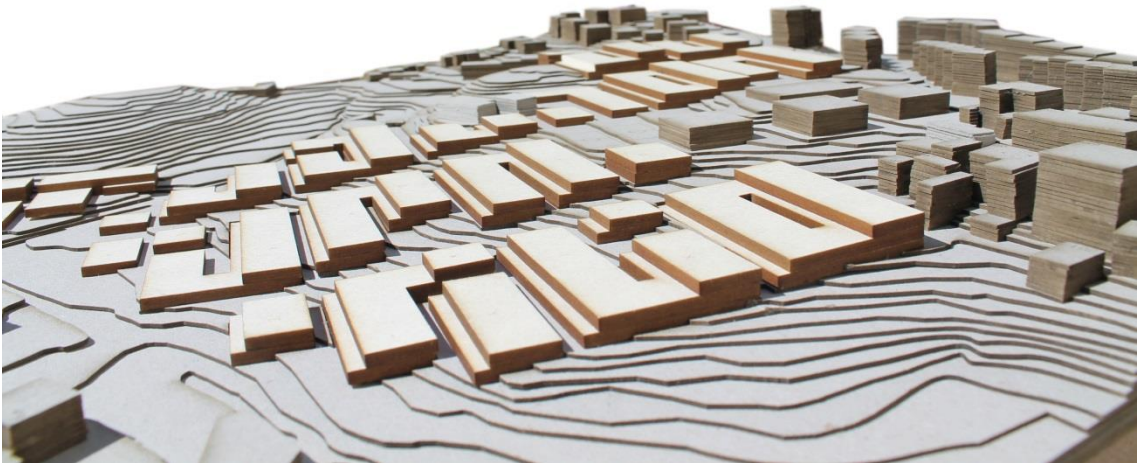




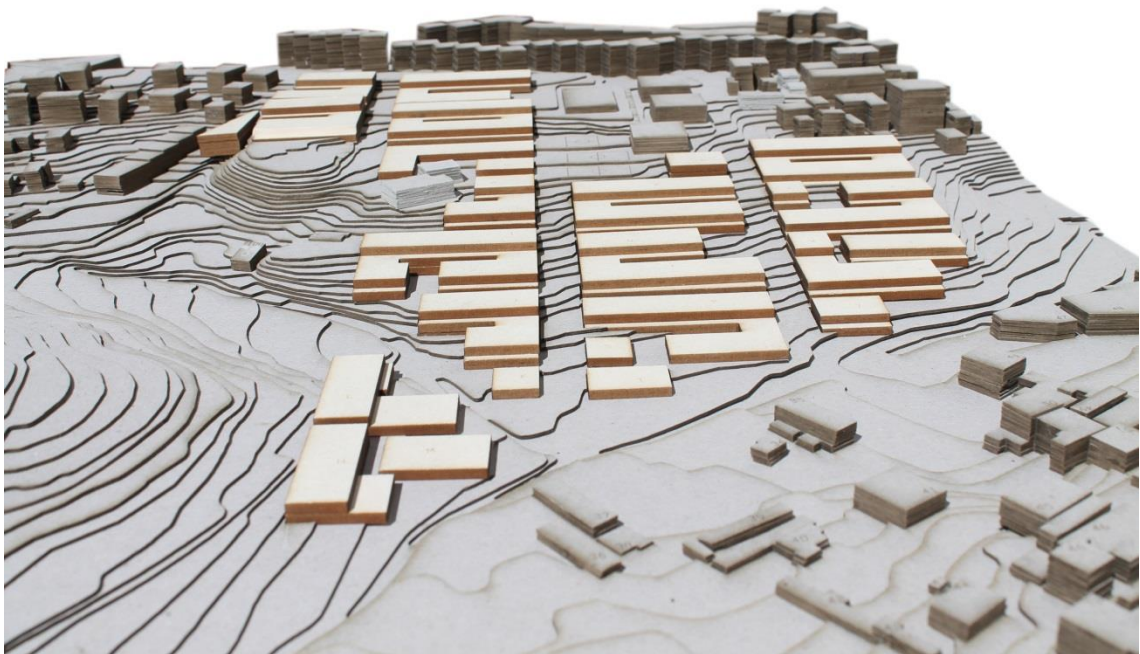


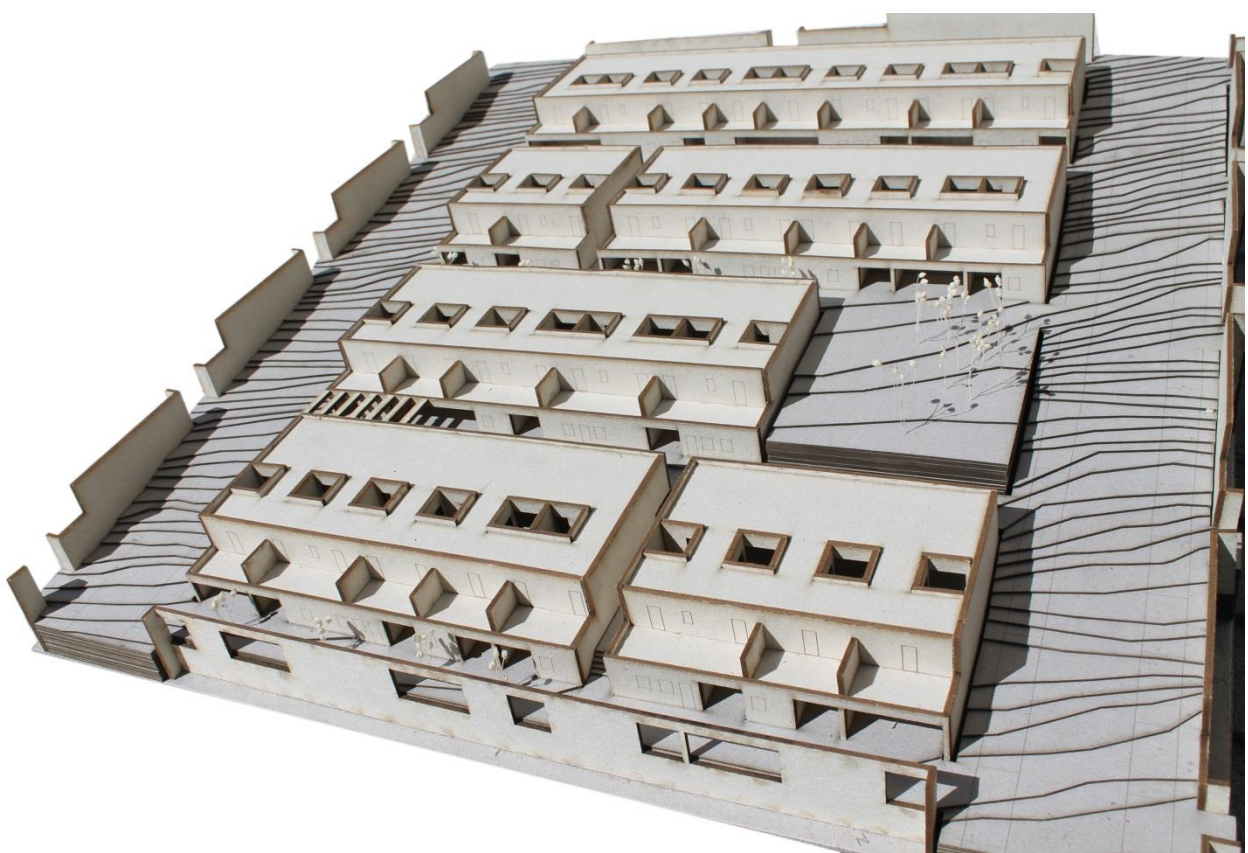




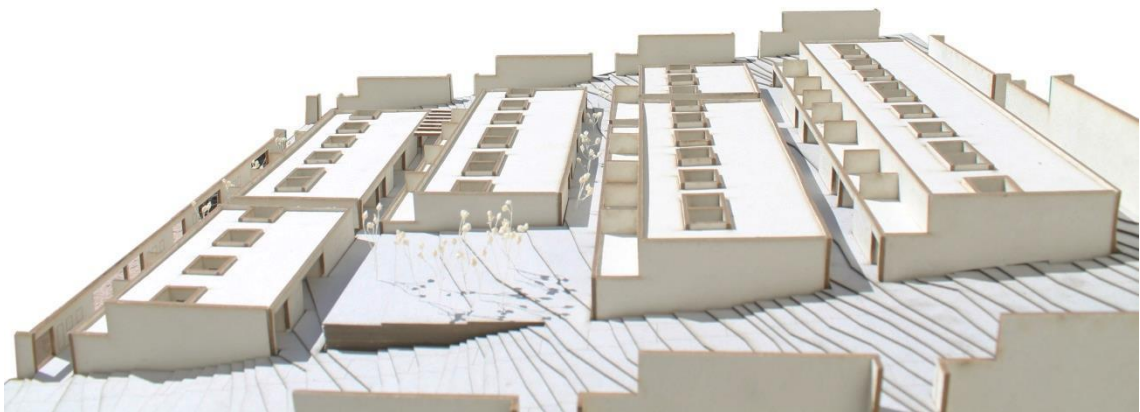


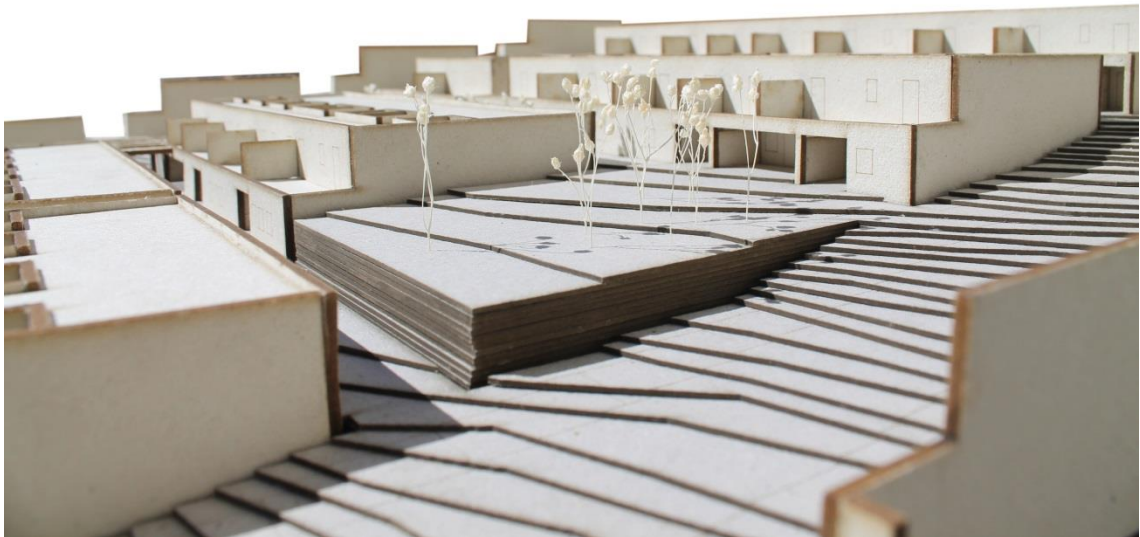












## **II. Peças Gráficas**

